

LÉA RESENDE ARCHANJO

**RELAÇÕES DE GÊNERO E EDUCAÇÃO ESCOLAR:  
Colégio Estadual do Paraná (1950/1960)**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre. Curso de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Euclides Marchi.

CURITIBA  
1996

LÉA RESENDE ARCHANJO

RELAÇÕES DE GÊNERO E EDUCAÇÃO ESCOLAR:  
Colégio Estadual do Paraná (1950/1960)

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre  
nos Cursos de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná,  
pela Comissão formada pelos professores:

Orientador: Prof. Euclides Marchi

Departamento de História, Universidade Federal do Paraná

Profª. Marina Maluf

Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Prof. José Miguel Rasia

Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal do Paraná

Curitiba, 29 de agosto de 1996

A Daniel, companheiro e amigo  
de todas as horas

## AGRADECIMENTOS

À CAPES pela concessão da bolsa de estudos para o curso de mestrado.

Ao professor Euclides Marchi pelo interesse, apoio e incentivo que marcaram todo o processo de orientação.

Aos professores Etelvina Maria Trindade e Carlos Roberto Antunes dos Santos pelas observações e críticas no exame de qualificação.

Ao Professor Ernani Costa Straube, que colocou seu arquivo particular à minha disposição, às funcionárias do Colégio Estadual do Paraná, Égide, Vera e Márcia, e à Dayse, do Arquivo Público - Paraná, pela ajuda na procura de material de pesquisa.

Aos ex-alunos e ex-professores do Colégio Estadual que, nas entrevistas, repartiram suas lembranças comigo.

Às pessoas que, de diferentes formas, tornaram menos solitário o processo de pesquisa e elaboração do trabalho: Judite, pelo incentivo permanente; Ana Paula, pelas sugestões e observações desde a apresentação do projeto; Rasia, pelas discussões e indicações de leitura; Roseli, especialmente pela orientação nas entrevistas; Marília, pela leitura do texto; Wilma, com quem compartilhei ansiedades e buscas; Antonio Paulo, principalmente pelas leituras e observações encorajadoras; Dulce e Méri pelo apoio amigo em ocasiões diversas.

A Daniel, sem palavras para agradecer por tudo, dedico este trabalho.

Finalmente, a Alexandre, Márcio e Daniela, cujo incentivo carinhoso tem sido fundamental para que sua mãe se lance em vôos nunca dantes imaginados. Entre eles, a escrita desta dissertação.

## SUMÁRIO

LISTA DE ILUSTRAÇÕES.....	v
INTRODUÇÃO.....	1
O "MAIOR COLÉGIO DA AMÉRICA DO SUL" .....	8
Um Século de História .....	10
O Novo Prédio Reflete a Cidade .....	30
A PRÁTICA ESCOLAR NOS ANOS 50 .....	41
O Prestígio da Escola Pública .....	43
Uma Educação Modelar .....	56
A Invasão Feminina .....	74
EDUCAÇÃO E GÊNERO.....	87
Silêncios da História .....	92
A Mística Feminina.....	103
Escola no Masculino e no Feminino .....	110
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	127
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	132

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fig. 1: Tomada aérea da região onde se localiza o Colégio Estadual do Paraná, Curitiba, jun. 1966. ....	10
Fig. 2: Construção do prédio do Colégio Estadual do Paraná, Curitiba, década de 1940.....	31
Fig. 3: Piscina olímpica do Colégio Estadual do Paraná, Curitiba, anos 50. ....	33
Fig. 4: Prédio da Assembléia Provincial onde funcionou o Liceo de Curitiba, localizado na rua da Assembléia, atual rua Dr. Muricy, Curitiba, 1972. ....	38
Fig. 5: Sede do Instituto Paranaense, localizada na rua Aquidaban, atual rua Emiliano Pernet, Curitiba, final do século XIX. ....	39
Fig. 6: Sede do Ginásio Paranaense inaugurada em 1904, na rua Ébano Pereira, Curitiba. ....	40
Fig. 7: Sede do Colégio Estadual do Paraná inaugurada em 1950, no Alto da Glória, Curitiba.....	40
Fig. 8: Colégio Estadual do Paraná, Curitiba, final da década de 1950. ....	57
Fig. 9: Auditório do Colégio Estadual do Paraná, Curitiba, anos 50. ....	67
Fig 10: Quadro demonstrativo de matrículas, Colégio Estadual do Paraná, 1957.....	76
Fig. 11: Quadro demonstrativo de matrículas, Colégio Estadual do Paraná, 1960.....	76
Fig. 12: Grupo de alunos do 3º científico, turma B, mista, Colégio Estadual do Paraná, 1956. ....	83
Fig. 13: Quadro demonstrativo das turmas por turno, Colégio Estadual do Paraná, final de 1956.....	85
Fig. 14: Quadro demonstrativo das turmas por turno, Colégio Estadual do Paraná, início de 1957. ....	85
Fig. 15: Organograma da administração do Colégio Estadual do Paraná, 1951..	86

## INTRODUÇÃO

No Brasil, apesar do crescimento considerável nas últimas décadas do número de trabalhos sobre mulher e/ou gênero<sup>1</sup>, a produção acadêmica sobre o tema específico "gênero e educação" ainda é relativamente reduzida. Ao fazer um balanço da bibliografia sobre esse tema, Fúlvia ROSEMBERG afirma que, a despeito de algumas mudanças recentes, são poucas as pesquisas em que a educação é analisada sob a perspectiva das relações de gênero, ou onde as relações de gênero são informadas pelo conhecimento sobre educação.<sup>2</sup>

Com o propósito de contribuir para o debate, o presente trabalho busca resgatar as práticas educacionais do Colégio Estadual do Paraná, uma instituição de ensino secundário público de Curitiba, enfocando as relações de gênero presentes naquele contexto escolar durante a década de 50.

A opção por esta instituição como *locus* de pesquisa ultrapassa sua relevância no cenário educacional paranaense. No período pesquisado, a organização e o funcionamento dos estabelecimentos de ensino secundário em todo o país eram subordinados a padrões e fiscalização federal e o Colégio Estadual do Paraná, na condição de estabelecimento de ensino equiparado<sup>3</sup>, caracteriza-se como uma instituição representativa da educação pública da época.

O período torna-se interessante, visto que em 1950 foi inaugurado em Curitiba o prédio onde atualmente se encontra instalado o Colégio Estadual do Paraná, no Alto da Glória. No decorrer da década, o crescimento do número de matrículas femininas produziu mudanças na prática escolar, inclusive a gradativa separação dos alunos em turmas

---

<sup>1</sup> Para conferir a diversidade temática da produção brasileira sobre mulher e/ou gênero ver, entre outros: Vivência, 1980; Trabalhadoras do Brasil, 1982; Mulher, mulheres, 1983; Rebeldia e Submissão, 1989; Entre a virtude e o pecado, 1992; Novos olhares, 1994 (coletâneas de artigos produzidos no âmbito dos Concursos de Pesquisas sobre Mulher da Fundação Carlos Chagas) e *Revista Estudos Feministas*, Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ; PPCIS/UERJ, 1993, 1994 e 1995.

<sup>2</sup> ROSEMBERG, F. "Educação Formal e Mulher: um balanço parcial da bibliografia" In: COSTA, A. e BRUSCHINI, C. *Uma Questão de Gênero*, Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992 e "Educação e Gênero no Brasil" In: *Projeto História*, São Paulo, n. 11, nov.1994.

<sup>3</sup> Termo usado pela legislação da época para designar os estabelecimentos mantidos pelos Estados sob autorização do Governo Federal.



masculinas e femininas. Em 1960 já estava consolidada a segregação dos alunos por sexo: o turno da manhã havia se tornado exclusivamente masculino e o turno da tarde feminino.

Este estudo tem por objetivo discutir de que forma a educação escolar no Colégio Estadual do Paraná contribuía para legitimar e disseminar o conhecimento da diferenciação sexual, assegurando os significados que apareciam como inerentes às categorias "homem" e "mulher".

Seria lugar-comum afirmar que a participação do pesquisador na vida social tende a determinar a escolha de seu objeto de estudo e a problematização que faz sobre ele. O interesse por esse tema surgiu do questionamento sobre o papel da educação escolar na construção das desigualdades presentes entre homens e mulheres na sociedade contemporânea. Nos anos 50 já era crescente a escolarização feminina e um número considerável de mulheres freqüentava os cursos secundários, com possibilidades de acesso ao ensino superior e a uma futura profissionalização. Entretanto, apesar da igualdade no ensino oferecido a estudantes de ambos os sexos, enquanto os homens tinham como prioridade a vida profissional, as mulheres abriam mão das possibilidades de prosseguir os estudos e investir numa carreira em favor da vida familiar. Esta diferenciação nas aspirações masculinas e femininas é produto e produtora de práticas sociais que reproduzem as desigualdades entre os gêneros.

A categoria "gênero", fundamental neste trabalho, refere-se à organização social da relação entre os sexos e aponta para o caráter relacional entre o feminino e o masculino. Considera-se, assim, que o feminino e o masculino se definem em termos recíprocos, ou seja, só se define o que é ser mulher ao se definir o que é ser homem, e vice-versa. A própria opção pelo uso da palavra "gênero" indica a rejeição ao determinismo biológico implícito no uso de termos como "sexo" ou "diferença sexual" e aponta para o caráter fundamentalmente social das distinções fundadas sobre o sexo.<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup>SCOTT, Joan. "Gênero: uma categoria útil de análise histórica" In: **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v.16, n.2, jul./dez. 1990, p. 5.

Sob a perspectiva de gênero, afirma-se que a diferença sexual não imprime a homens e mulheres uma definição intrínseca de masculinidade ou feminilidade e que o masculino e o feminino não possuem significados em si mesmos. Os gêneros se constituem histórica e culturalmente e o que lhes confere significado são as representações que os grupos sociais produzem sobre eles. Os significados do masculino e do feminino, que aparecem como naturais e inerentes a homens e mulheres, são dados socialmente e variam de acordo com as representações de gênero presentes no imaginário da época.

O ato de representar implica numa figura e no seu sentido. No caso das representações de gênero, existe a figura homem/mulher e o sentido do que significa ser homem e ser mulher. O sentido é que dá caráter simbólico à representação, e o aspecto imagético, figurativo, é inseparável do aspecto significante.

O sentido da diferença homem-mulher, não sendo determinado pela diferença biológica de sexo, varia segundo o valor simbólico socialmente atribuído a homens e mulheres. O tornar-se homem e tornar-se mulher resulta de um processo que, através de práticas masculinizantes e feminilizantes, condizentes com as representações sociais de gênero da época, vai desenvolver nos indivíduos maneiras de pensar, sentir e agir consideradas adequadas ao seu sexo.

O conceito de representação social, que será aprofundado na terceira parte deste trabalho, orienta-se pela concepção de Serge MOSCOVICI. De acordo com este psicólogo social francês, "Representação social é uma modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos".<sup>5</sup>

As representações sociais de gênero são conhecimentos que o senso comum produz sobre o masculino e o feminino. Esses conhecimentos, juntamente com outras representações sociais, circulam constantemente através da comunicação entre indivíduos nas atividades do cotidiano, possibilitando a interpretação e a construção de

---

<sup>5</sup> MOSCOVICI, Serge. *A representação social da psicanálise*, Rio de Janeiro: Zahar, 1978, p. 26.

realidades sociais. As representações orientam os comportamentos sociais, inclusive a prática escolar, ao mesmo tempo em que auxiliam os indivíduos, ou grupos, a apreender o ambiente em que vivem.

Durante o trabalho de pesquisa, na tentativa de abarcar de forma ampla a realidade estudada, foram utilizados dois tipos de fontes: documentos escritos, derivados de informações jornalísticas, fontes oficiais e outras, e entrevistas, realizadas com pessoas que foram atuantes no Colégio Estadual do Paraná nos anos 50.<sup>6</sup>

Relatórios de governadores e documentos oficiais relativos ao ensino secundário no Paraná foram importantes para construir a história do Colégio Estadual do Paraná. Jornais curitibanos dos anos 50, além de trazerem notícias sobre o Colégio, publicavam grande quantidade de artigos especialmente dirigidos ao público feminino. Nos jornais buscou-se captar as representações de gênero circulantes na sociedade da época para chegar ao entendimento da questão do gênero na educação. Outros documentos, como legislação do ensino secundário, regimento interno do Colégio, jornais e atas do Centro Estudantil, foram utilizados para resgatar as práticas educativas daquele período.

As entrevistas complementaram e enriqueceram as fontes escritas, servindo inclusive para redimensioná-las. A identificação dos entrevistados inicialmente ocorreu através de indicações de funcionários atuais do Colégio. Depois, outras pessoas foram sendo indicadas e, de posse de uma relação de nomes que atendiam ao requisito básico da investigação - a vivência no Colégio Estadual do Paraná nos anos 50 -, a seleção dos demais entrevistados foi feita em função da potencialidade de sua contribuição para os objetivos da pesquisa. Foram entrevistados ao todo sete ex-professores e doze ex-alunos. Algumas pessoas foram selecionadas por deterem uma experiência específica, como uma orientadora educacional, uma diretora auxiliar do turno das meninas, um aluno que foi diretor do jornal estudantil, uma aluna que colaborava com o referido jornal e uma professora, cujo pai foi

---

<sup>6</sup> A pesquisa foi desenvolvida de 1994 a 1996.

diretor do Colégio. Os outros entrevistados foram escolhidos considerando as variáveis "sexo" e "tipo de atuação na instituição".

Discutindo a importância da utilização da história oral em estudos sobre a educação, Guacira Lopes LOURO aponta que

Na educação, esta abordagem histórica pode trazer uma compreensão mais densa das salas de aula, da representação do trabalho para professores e estudantes; pode iluminar os lugares ocultos da vida escolar; apontar as formas mais sutis de resistência desenvolvidas pelos diferentes agentes do processo educativo; sublinhar os efeitos de currículos, normas, diretrizes; permitir uma leitura mais ampla do educativo que existe nas relações familiares, comunitárias, políticas, etc.<sup>7</sup>

Apesar das entrevistas serem baseadas em questões previamente elaboradas, não foi seguido um roteiro único nas várias entrevistas. À medida em que os conhecimentos iam se acumulando ao longo do processo de pesquisa, surgiam novos "lugares ocultos" a serem "iluminados". E, embora o tema da entrevista - as lembranças do entrevistado sobre o Colégio Estadual do Paraná nos anos 50 - fosse pré-estabelecido, no momento do encontro, a relação que se estabelecia entre o pesquisador e o pesquisado levava quase sempre ao levantamento de novas questões.

Ao analisar as lembranças dos entrevistados sobre o Colégio Estadual do Paraná nos anos 50, levou-se em consideração que "na maior parte das vezes lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado."<sup>8</sup>

Segundo Creusa CAPALBO,

O passado que se fixou, já foi e não é mais. Ele não é ser como tal, mas sim lembrança. Por sua vez, a lembrança revivida na presença do presente não é igual ao passado pois já tem, na presença atual, uma série de outras experiências que vão fazer com que essa lembrança revivida seja modificada.<sup>9</sup>

---

<sup>7</sup> LOURO, Guacira Lopes. "A história (oral) da educação: algumas reflexões" In: **Em Aberto**, Brasília: INEP/MEC, 1990, p. 23.

<sup>8</sup> BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**, São Paulo: EdUSP, 1987, p. 17.

<sup>9</sup> CAPALBO, Creusa. "Fundamentos filosóficos do imaginário" In: TEVES, Nilda. **Imaginário e Educação**, Rio de Janeiro: Gryphus, 1992, p. 193.

As afirmações dos entrevistados, baseadas em suas lembranças, não foram aceitas como fatos, sendo submetidas ao mesmo trabalho crítico das outras fontes. Os diversos depoimentos foram confrontados e depois comparados e articulados com diferentes fontes escritas.

O trabalho está dividido em três capítulos. O primeiro capítulo procura construir a história do Colégio Estadual do Paraná, articulando com o desenvolvimento do ensino secundário no Brasil e a questão da educação feminina, e contextualizar a instituição na Curitiba dos anos 50. O segundo apresenta o funcionamento do Colégio e as transformações ocorridas na prática educativa durante a década. E o terceiro busca discutir as relações de gênero presentes no Colégio Estadual do Paraná articulando-as com as representações sociais de gênero circulantes no imaginário da época, a fim de analisar o papel da educação escolar na legitimação dos significados da diferenciação sexual.

O "MAIOR COLÉGIO DA AMÉRICA DO SUL"

Quem visita as dependências do Colégio Estadual do Paraná, no Alto da Glória, e se depara com a imponência daquela construção, pode imaginar o que representou a obra na época em que foi inaugurada. Os jornais curitibanos saudavam o monumento de estilo modernista como "o maior colégio da América do Sul." A solenidade de inauguração contou com a presença do Presidente da República, Eurico Gaspar Dutra, e foi realizada no dia 29 de março de 1950, quando a cidade de Curitiba comemorava seu 257º aniversário.

Os registros dos jornais apontam para a dificuldade de descrever toda suntuosidade e grandiosidade da construção:

Não podemos aqui dar senão uma ligeira idéia do que seja essa notável obra. E só mesmo visitando todas as dependências do estabelecimento de ensino que se poderá ter uma visão completa de sua grandiosidade.

Com capacidade para 6000 alunos, possui o Colégio 48 salas de aula, construídas dentro dos mais rigorosos requisitos higiênicos e pedagógicos, 48 salas de administração, 21 salas de professores e alunos, 7 gabinetes médico-dentários, dotados do que há de mais moderno em matéria de aparelhos odontológicos, 2 laboratórios de Física e Química, dotados de água corrente, oxigênio e hidrogênio, aparelhos de rarefação de ar, 3 anfiteatros espaçosos, 2 ginásios de esportes, 1 grande salão de festas, biblioteca, piscina de dimensões olímpicas, 1 pequena piscina, teatro com lotação para 1050 pessoas, praça de esportes para futebol, voleibol, basquetebol, caixa de saltos e pista para lançamentos. (...) Todas as salas, gabinetes, teatros e salões são dotados de mobiliários finos e artisticamente confeccionados pela Companhia Industrial de Móveis (...).<sup>1</sup>

Os jornais da Capital da República noticiaram a inauguração do Colégio Estadual do Paraná sem grande destaque, apenas como parte da extensa programação do chefe da nação em Curitiba. A nível local, a imponência do edifício, somada à histórica relevância do Colégio Estadual na educação paranaense, justificava o ufanismo de designar aquele "portentoso educandário" como "palácio de ensino, orgulho do Paraná, casa fenomenal onde as utilidades da educação estão presentes,

---

<sup>1</sup> A Companhia Industrial de Móveis mobiliou o Colégio Estadual do Paraná. O Dia, Curitiba, 29 mar. 1950.

para oferecer homens probos, inteligentes se bem formados mental e fisicamente ao Paraná, ao Brasil e ao mundo".<sup>2</sup>

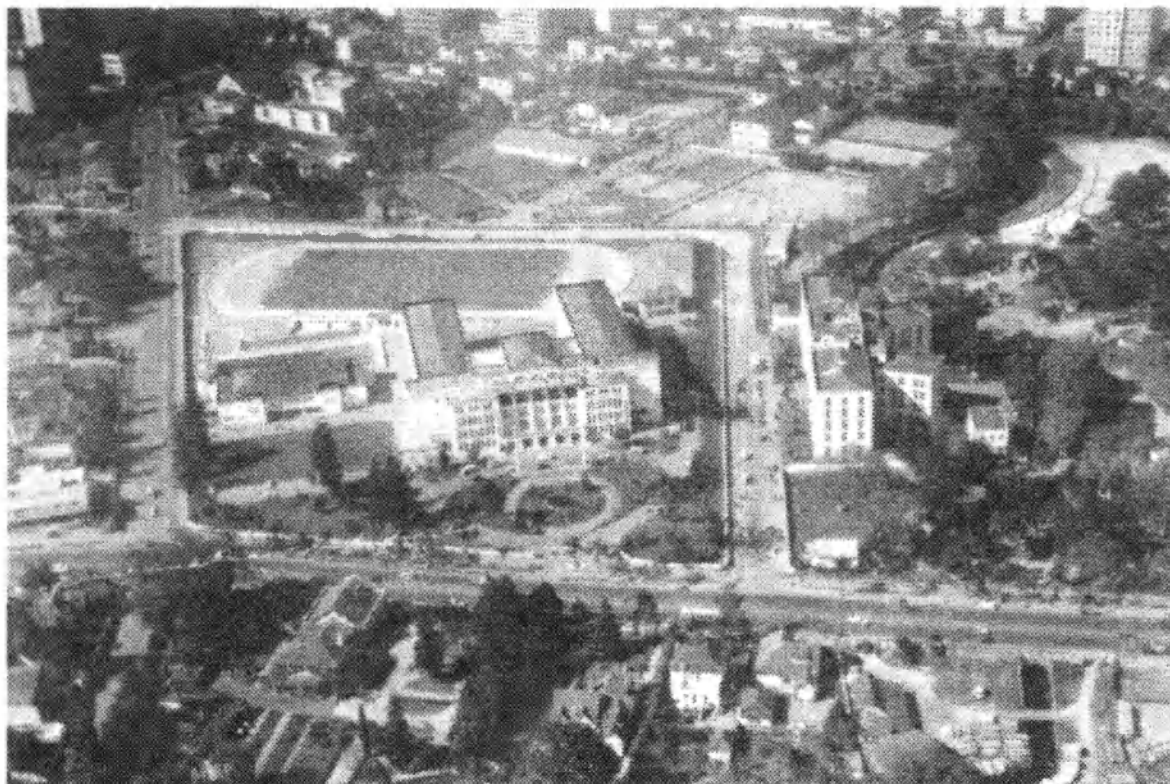


Fig.1: Tomada aérea da região onde se localiza o Colégio Estadual do Paraná, Curitiba, jun. 1966.

## Um Século de História

A tradição associa a origem do Colégio Estadual do Paraná à criação do primeiro estabelecimento paranaense de ensino secundário, o "Licêo de Curitiba". A trajetória do Liceu ao atual Colégio Estadual, como descreveremos a seguir, foi descontínua e marcada por rupturas. Contudo, por serem o primeiro liceu e as instituições que o sucederam até o advento do Ginásio Paranaense, os únicos estabelecimentos de ensino secundário público do Paraná, em suas respectivas épocas, é possível estabelecer uma continuidade entre eles.

---

<sup>2</sup>O maior colégio da América do Sul. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 29 mar. 1950.



O ensino secundário no Brasil teve início através de aulas isoladas de preparação para ingresso aos cursos superiores. Durante o segundo império, foram criados como estabelecimentos oficiais de ensino secundário o Colégio de Pedro II, no Rio de Janeiro, e diversos liceus provinciais. O Liceu de Curitiba foi criado no ano de 1846, através da lei nº 33 de 13 de março. A referida lei estabelecia as matérias a serem ensinadas no estabelecimento, o ordenado a ser pago aos professores, os quais poderiam ser "nacionais ou estrangeiros", e a quantia a ser paga pelos alunos no início de cada ano. Estabelecia ainda que o governo providenciaria o arranjo do local necessário para o funcionamento do liceu, "não sendo essencial que todas as cadeiras estejam reunidas em um só edifício."<sup>3</sup>

Variando de província a província, aos poucos as aulas isoladas de ensino secundário agruparam-se nos liceus, dos quais: "Uns surgem promissores, brilhantes, dadas as condições econômicas locais; outros enfrentam dificuldades, como o do Paraná."<sup>4</sup> Com poucos alunos e falta de professores, o Liceu criado em Curitiba funcionou sempre em condições precárias.<sup>5</sup>

Relatava em 1854 o então presidente da Província do Paraná, Zacarias de Goes e Vasconcellos:

[o Liceu] oferece-nos uma história singular, como poucas instituições semelhantes apresentam, porque, das quatro cadeiras criadas, a de geografia, nunca houve quem a quisesse, a de geometria foi preenchida, mas nunca exercida, a de filosofia racional e moral, preenchida, teve em um ano dois alunos e a de latim e francês, pouco durou porque, reduzido por lei, o respectivo vencimento, não pode o professor continuar, tendo havido um período de tempo em que só ele existia no Liceu de que era ao mesmo tempo diretor!<sup>6</sup>

---

<sup>3</sup> SÃO PAULO. *Coleção de Leis promulgadas pela Assembléia Legislativa da Província de São Paulo desde 1835 até 1853*, Tipografia d'Aurora Paulistana, p. 671.

<sup>4</sup> NUNES, Maria Tethis. *Ensino secundário e sociedade brasileira*, 1962, (cópia mimeografada do livro), p. 28.

<sup>5</sup> Sobre o Liceu de Curitiba ver: NEGRÃO, Francisco. "Memória sobre o ensino e a educação no Paraná de 1690 a 1933" In: *Cincoentenário da Estrada de Ferro do Paraná*, Curitiba: Imprensa Paranaense, 1935, PILOTTO, Erasmo. *A educação no Paraná*, Rio de Janeiro: MEC, 1954 e STRAUBE, Ernani Costa. *Do Liceu de Curitiba ao Colégio Estadual do Paraná: 1846-1993*, Curitiba: Fundepar, 1993.

O primeiro liceu foi extinto, assim como outros dois que o sucederam. Além da constante falta de professores para assumir as diversas cadeiras, o caráter nitidamente elitista do ensino secundário pode explicar sua dificuldade de consolidação. Um relatório da Inspeção da Instrução Pública daquela época comenta que "o ensino secundário é o que prepara para todas as profissões liberais. Considerando o homem nas posições mais elevadas ou intermediárias, em que não é condenado a viver pelo trabalho de suas mãos, o ensino secundário propõe-se como fim à alta educação intelectual".<sup>7</sup> Com função estritamente preparatória para os cursos de ensino superior, o ensino secundário nesse período era procurado apenas por estudantes que se destinavam aos cursos superiores, ou seja, uma parcela muito reduzida da população.

O ingresso aos cursos superiores em todo o país era obtido ou mediante o diploma de bacharel do Colégio de Pedro II ou através de "exames preparatórios" realizados, a partir de 1874, nas províncias. Não sendo exigida a freqüência ao curso secundário, os estudantes preferiam matricular-se em aulas avulsas de preparação para os exames. Essa situação inviabilizava as diversas tentativas de desenvolver um curso regular de ensino secundário. No Paraná, relatava o presidente da província:

Três liceus foram sucessivamente criados e suprimidos (...)

A falta de proveito imediato para os alunos que cursavam as diferentes aulas do liceu; a invalidade dos exames [do liceu] para os cursos superiores do império; e, como natural corolário, a pouca assiduidade e desgosto dos discípulos, a negligência e nenhum estímulo dos professores; eram as causas promotoras do decaimento e imprestabilidade dos estabelecimentos de ensino secundário.<sup>8</sup>

---

<sup>6</sup> PARANÁ. *Relatório* do Presidente da Província do Paraná Zacarias de Góes e Vasconcellos apresentado na Abertura da Assembléia Legislativa Provincial em 15 de julho de 1854 (originais sob a guarda do Arquivo Público - Paraná).

<sup>7</sup> PARANÁ. *Relatório* apresentado pelo Inspetor Geral da Instrução Pública Bento Fernandes de Barros ao Presidente da Província em 1871 (originais sob a guarda do Arquivo Público - Paraná).

<sup>8</sup> PARANÁ. *Relatório* apresentado pelo Presidente da Província Adolpho Lamenha Lins à Assembléia Legislativa em 15 de fevereiro de 1876 (originais sob a guarda do Arquivo Público - Paraná).

Em 1876 foi criado um novo estabelecimento público de ensino secundário em Curitiba, o Instituto Paranaense, que chegou a ser extinto mas, depois de reorganizado, voltou a funcionar.

Alguns relatórios apontam que a constante mudança de governantes, que marcou o Paraná até o final do século passado, contribuía para dificultar a organização do ensino, visto que muitas vezes os regulamentos aprovados por um governo eram criticados e revogados por outro. O problema das freqüentes reformas do ensino, entretanto, atingiam não apenas o Paraná, "mas todo o Império, aparentemente decorrente da crença de que o Estado, sendo forte e bem intencionado, poderia alterar o quadro da instrução pública, por decretos, leis e regulamentos".<sup>9</sup>

Por ocasião da instalação do Instituto Paranaense, em 1876, foi criada, em anexo, uma Escola Normal. O curso da Escola Normal, destinado a preparar pessoas de ambos os sexos para o exercício do magistério primário, passou a ser freqüentado também por estudantes do sexo feminino.

Torna-se importante aqui destacar que a Constituição Imperial, ao garantir a instrução primária e gratuita, não fazia distinção quanto ao sexo dos cidadãos. A legislação da época, porém, estabelecia que seriam criadas escolas de primeiras letras (primárias) com separação de sexo. O funcionamento de escolas mistas seria permitido apenas nos locais onde não existissem escolas separadas. As escolas mistas, com alunos de ambos os sexos freqüentando as mesmas turmas, eram designadas na lei como "promiscuas", ou seja, misturadas.<sup>10</sup>

O trabalho de Elvira KUBO sobre a legislação e a instrução pública de primeiras letras na 5ª comarca da província de São Paulo, atual Estado do Paraná, aponta que a instrução dada aos alunos do sexo masculino se distingüia do ensino ministrado às

---

<sup>9</sup> WACHOWICZ, Lilian Anna. *A relação professor-Estado no Paraná tradicional*, São Paulo: Cortez, 1984, p. 82.

<sup>10</sup> O adjetivo PROMÍSCUO (do lat. *promiscuus*, de *promiscere*), segundo a *Encyclopédia e Dicionário Internacional* publicada no início deste século por W. M. Jackson, significa "Misturado, confundido, agregado sem ordem nem distinção; indistincto, confuso".

meninas. Para estas, além da alfabetização, eram ensinadas outras matérias com finalidades domésticas, como costura e bordado, enquanto o ensino da Aritmética restringia-se a algumas noções das quatro operações. Para os alunos do sexo masculino eram ministrados conhecimentos mais completos, sendo enfatizado o ensino da Aritmética.<sup>11</sup>

A legislação do Império sobre ensino secundário não menciona a distinção de sexo entre os alunos, mas o estabelecimento padrão de ensino secundário do país, o Colégio Pedro II, era estritamente masculino.<sup>12</sup> O ensino secundário destinava-se a preparar para os cursos superiores e, conseqüentemente, para carreiras e profissões tradicionalmente masculinas e as expectativas sociais em relação aos papéis femininos praticamente excluía a necessidade de instrução. Assim, observa-se que a legislação do Império sobre ensino secundário não apontava para a distinção de sexo entre os alunos porque a clientela que tinha acesso a esse ensino era essencialmente masculina.<sup>13</sup>

As missões protestantes, que chegaram ao Brasil em fins do século passado, instalaram escolas com novos métodos pedagógicos e regime de co-educação na maioria das províncias. Entretanto, a influência dessas escolas protestantes, freqüentadas por alunos e alunas, não chegou a abalar a tradição patriarcal brasileira que praticamente afastava a mulher dos bancos escolares.<sup>14</sup>

---

<sup>11</sup> KUBO, Elvira M. *A legislação e a instrução pública de primeiras letras na 5ª Comarca da Província de São Paulo*. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte, 1986, p.307.

<sup>12</sup> Somente na década de 1920 o Colégio Pedro II passou a aceitar a matrícula de alunas, ver PERES, Tírsia Regazzini. "A instrução secundária feminina no Brasil: 1889-1930" In: *Didática*, São Paulo, v.15, 1979.

<sup>13</sup> Sobre a exclusão das mulheres em relação ao ensino secundário ver SAFFIOTI, Heleieth I. B. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*, São Paulo: Livraria Quatro Artes, 1969; HAIDAR, Maria de Lourdes. "O ensino secundário feminino" In: *O ensino secundário no Império Brasileiro*, São Paulo: EdUSP; Grijalbo, 1972; PERES, Tírsia Regazzini. "A instrução secundária feminina no Brasil: 1889-1930" In: *Didática*, São Paulo, v.15, 1979 e HAHNER, June E. "Educação e Ideologia: profissionais liberais na América Latina do século XIX" In: *Revista Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, vol.2, n.3, 1994.

<sup>14</sup> BARROSO, Carmem. *Mulher, sociedade e Estado no Brasil*. São Paulo: Brasiliense; UNICEF, 1982, p. 51.

Com a Escola Normal (mista) funcionando anexa ao antigo Instituto Paranaense, a presidência da Província criticava a frequência de alunos dos dois sexos no mesmo prédio e observava: "É a questão de co-educação dos sexos. Esta co-educação que no país é admissível na primeira, e até na segunda infância, e tem seu tipo nas escolas primárias mistas, é de todo repugnante aos nossos costumes na adolescência". Ao mesmo tempo, sugeria a criação de uma Escola Normal exclusivamente feminina com organização especial e em edifício separado, explicando:

Em nada inferior, em faculdades intelectuais e capaz de percorrer com brilho todos os domínios da ciências, a mulher, em sua primeira mocidade não pode sujeitar-se, sem extrema violência, ao seu organismo e ao seu pudor, ao mesmo regime disciplinar de estudos que o homem.

As conseqüências funestas deste sistema igualitário para sua vida ulterior são indubitáveis e são postas em saliente relevo por todos os educacionistas modernos.<sup>15</sup>

O "regime disciplinar de estudos" desejável para as escolas normais era distinto daquele que se pretendia para os cursos secundários. Enquanto o ensino secundário visava preparar para o ingresso nos cursos superiores, a instrução ministrada no curso normal era um pouco acima da primária, servindo para complementá-la.

Para justificar as diferenças entre o ensino ministrado aos homens e às mulheres, no século passado, eram utilizados argumentos baseados no caráter biológico da diferença entre os dois sexos. Eram freqüentes as explicações de que o cérebro da mulher havia se atrofiado devido à falta de exercício, à medida em que as mulheres vinham sendo constantemente excluídas em relação às oportunidades educacionais oferecidas aos homens. Ou mesmo que a mulher era menos inteligente do que o homem porque o cérebro feminino tinha menor peso do que o cérebro masculino. Atendendo a essas especificidades, as atividades escolares das mulheres deveriam ser mais atenuadas, "caso contrário, as moças poderiam adquirir atitudes defeituosas, ou ser vítimas de

---

<sup>15</sup> PARANÁ. Relatório apresentado pelo Presidente da Província do Paraná José Cesário de Miranda Ribeiro em 9 de fevereiro de 1888 (originais sob a guarda do Arquivo Público - Paraná).

moléstias, perturbações circulatórias ou respiratórias e congestões do cérebro ou da vista".<sup>16</sup>

Ao discutir as noções de esfera pública e privada, Hanna ARENDT afirma que "desde os primórdios da história até o nosso tempo" buscou-se sempre esconder, manter na privacidade, a parte corporal da existência humana. Eram ocultados os trabalhadores, que com seu trabalho asseguravam a subsistência dos indivíduos, e as mulheres, que com seu corpo garantiam a sobrevivência da espécie. A mulher vai aparecer, então, como "naturalmente" presa à esfera privada.<sup>17</sup> Por assegurar através de funções corporais a reprodução da espécie humana, a mulher passa a ser vista como um ser inteiramente subordinado à natureza. Esse determinismo biológico conduziu à idéia de que, sendo a mulher incapaz de dominar os imperativos da natureza, nela prevalecia o instinto, a irracionalidade, os sentimentos. Essa condição feminina de subordinação à natureza justificou, a partir do século XVIII, a exclusão das mulheres do domínio da palavra, da razão e da ação política.<sup>18</sup>

Apoiado nos novos conhecimentos da medicina e da biologia, o século XIX construiu um discurso sobre a existência de duas "espécies" com qualidades e aptidões específicas. "Aos homens, o cérebro (muito mais importante do que o falo), a inteligência, a razão lúcida, a capacidade de decisão. Às mulheres, o coração, a sensibilidade, os sentimentos." Assim, na divisão sexual haveria uma racionalidade harmoniosa, onde cada sexo "teria sua função, seus papéis, suas tarefas, seus espaços, seu lugar quase predeterminados, até em seus detalhes".<sup>19</sup>

As transformações sociais do final do século passado, entretanto, passaram a apontar para a educação da mulher como um meio de criar condições para regenerar a

---

<sup>16</sup> BARROSO, p. 51.

<sup>17</sup> ARENDT, Hanna. *A condição humana*, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1991, p. 82.

<sup>18</sup> BRESCIANI, Maria Stella. "O Anjo da Casa" In: *História & Perspectivas*, Uberlândia, n.7, jul./dez. 1992.

<sup>19</sup> PERROT, Michelle. "As mulheres, o poder e a história" In: *Os excluídos da história*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 177-178.

sociedade. Aos poucos, o papel da mulher na estrutura familiar foi sendo redefinido e sua função como educadora dos filhos passou a ser valorizada. O discurso médico-higienista, ao defender a importância da mulher na estrutura familiar e sua conseqüente influência nos destinos da sociedade, ressaltava a necessidade de instruir as mulheres para que estas pudessem desempenhar integralmente sua função.

No Brasil, estudos sobre as últimas décadas do século dezenove e início do vinte apontam que a imprensa feminina da época enfatizava a instrução da mulher como elemento indispensável para a sua emancipação. Ao abordar o papel da mulher emancipada, a imprensa feminina discutia a exclusiva dedicação ao lar, mas não questionava a domesticidade feminina, introjetando o discurso médico de que o "dever moral" ligava a mulher às obrigações domésticas.<sup>20</sup> A profissionalização aparecia como necessária apenas na falta do amparo masculino, como solução para que a mulher pudesse ganhar a vida honestamente, sem precisar se sujeitar a um casamento de conveniência.<sup>21</sup> De qualquer modo, é inegável que a partir da segunda metade do século dezenove a expansão das oportunidades educacionais passou a beneficiar as mulheres, que até então só freqüentavam (quando freqüentavam!) as escolas primárias.

Ao discutir a educação da mulher brasileira, em fins do século passado, José VERÍSSIMO argumentava que a educação deveria visar o aprimoramento da mulher para o cumprimento de sua função social.

A mulher brasileira, como a de qualquer sociedade da mesma civilização, tem que ser mãe, esposa, amiga e companheira do homem, sua aliada na luta da vida, criadora e primeira mestra de seus filhos, confidente e conselheira natural de seu marido, guia de sua prole, dona e reguladora da economia de sua casa, com todos os mais deveres correlativos a cada uma destas funções.<sup>22</sup>

---

<sup>20</sup> Segundo Margareth RAGO, várias teses de doutoramento defendidas desde meados do século XIX nas Faculdades de Medicina da Bahia e do Rio de Janeiro "procuram demonstrar a 'missão sagrada' atribuída à mulher e sua 'vocação natural' de procriação". De acordo com a autora, no discurso médico o instinto natural e o sentimento de responsabilidade na sociedade direcionam a mulher para a vida doméstica (RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985, p. 75.)

<sup>21</sup> BRESCIANI, p. 215-216.

<sup>22</sup> VERÍSSIMO, José. "A educação da mulher brasileira" In: *A educação nacional*, Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985, p. 122. (Esta obra foi publicada no Estado do Pará em 1890 e republicada no Rio de Janeiro em 1906).

Tendo em vista o exercício racional e proveitoso de sua função social, a instrução da mulher deveria ser integral e enciclopédica. Para o mesmo autor, a mulher deveria saber de tudo um pouco, mas não precisaria se aprofundar ou se especializar em nenhuma das ciências "para o que a sua inteligência, que eu continuo a reputar inferior a do homem", a tomaria incapaz.<sup>23</sup>

Coerente com a representação de domesticidade da mulher que permeava a sociedade naquele período, "a escola assimila e divulga uma posição que cerceia, veladamente, o acesso da mulher ao saber científico, sem negar-lhe, porém, breves contatos com ele".<sup>24</sup>

A atividade docente da mulher nas escolas elementares era considerada como um prolongamento natural da missão feminina de ensinar e educar os filhos. Por isso, a inferioridade intelectual atribuída ao sexo feminino não chegava a constituir obstáculo ao exercício do magistério primário.

Com o advento da República, a Constituição de 1891 estabeleceu que cabia à União criar e controlar o ensino superior e o ensino secundário em todo o país. Conseqüentemente, foi delegada aos Estados a responsabilidade sobre os ensinos primário e profissional.<sup>25</sup> Segundo ROMANELLI, a Constituição Republicana consagrou o sistema dual de ensino que se mantinha no Brasil desde o Império. Oficializando a distância que já havia, na prática, entre as escolas secundárias e superiores, destinadas à educação da classe dominante, e as escolas primárias e as escolas profissionalizantes, freqüentadas por estudantes oriundos das classes populares, a Constituição refletia a dualidade presente na organização social brasileira.

---

<sup>23</sup> *op. cit.*, p. 123.

<sup>24</sup> TRINDADE, Etelvina Maria de Castro. *Clotildes ou Marias: mulheres de Curitiba na primeira república*, São Paulo: USP, 1992 (tese de doutorado), p. 46.

<sup>25</sup> O ensino profissional, nesse período, compreendia principalmente as escolas normais para moças e as escolas técnicas para rapazes (ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. *História da educação no Brasil (1930/1973)*, Petrópolis: Vozes, 1978, p. 41).



Uma nova reforma do ensino denominou o Instituto Paranaense, a partir de 1892, de Ginásio Paranaense. Seu curso passou a ser distribuído em sete anos, sendo regulado pelo programa das cadeiras do Ginásio Nacional<sup>26</sup>. A permanência da validade dos exames de preparatórios avulsos, entretanto, desestimulava a frequência dos alunos às aulas do curso ginasial seriado.<sup>27</sup>

Em Curitiba, apesar do desinteresse pelo curso seriado, crescia ano a ano o número de matrículas para as aulas de preparatórios avulsos no Ginásio Paranaense. Conforme atestam o Regulamento da Instrução Pública e um dos relatórios do Diretor da Instrução Pública no início do século, o aumento das matrículas consolidava o prestígio do ensino ministrado na instituição:

O Ginásio Paranaense continua a ser o principal instituto de educação do Estado; é destinado a ministrar o ensino secundário e fundamental à mocidade, de modo a prepará-la convenientemente para matrícula nos cursos superiores da República, bem assim para a obtenção do título de bacharel em ciências e letras.<sup>28</sup>

Explica o diretor da Instrução Pública do Estado:

O Ginásio Paranaense, que é o sucessor do antigo Liceu Provincial, teve no ano findo uma frequência como jamais tivera, tornando-se as suas salas insuficientes para tão avultado número de alunos.

Essa confiança, em nosso único estabelecimento oficial de ensino secundário, atribuo aos créditos do seu pessoal docente, que é de primeira ordem, e ao respeito e disciplina, que nele reina, depois que foi criado o lugar de inspetor de alunos(...).<sup>29</sup>

---

<sup>26</sup> A tradicional instituição de ensino do Rio de Janeiro, anteriormente denominada de Colégio de Pedro II, com o advento da República recebeu a denominação de Ginásio Nacional. A partir de 1911 passou a ser chamada de Ginásio Pedro II e, mais tarde, Colégio Pedro II.

<sup>27</sup> Em relatório apresentado em 1º de novembro de 1893, o superintendente geral do ensino público do Estado Victor Ferreira do Amaral e Silva comentava: "(...) se perderam o ano do curso, (os alunos) encontrarão com facilidade quem lhes forneça atestados para que se inscrevam nos exames preparatórios, em que contam quase sempre com a benevolência dos examinadores." (originais sob a guarda do Arquivo Público - Paraná).

<sup>28</sup> PARANÁ. **Regulamento da Instrução Pública** de 1901 (originais sob a guarda do Arquivo Público - Paraná).

<sup>29</sup> PARANÁ. **Relatório** apresentado pelo Diretor Geral de Instrução Pública do Estado Victor Ferreira do Amaral e Silva ao Secretário do Interior, Justiça e Instrução Pública em 31 de dezembro de 1903 (originais sob a guarda do Arquivo Público - Paraná).

Entretanto, a "alta educação intelectual" secundária continuava como privilégio das camadas abastadas e praticamente exclusiva dos estudantes de sexo masculino.

Nos primeiros tempos republicanos, ao dedicar maior atenção à educação escolar e à formação dos professores, o governo federal promoveu a valorização das escolas normais. A representação do papel de professora como continuação do papel de mãe fez com que a profissão se tornasse socialmente aceita como feminina. Neste período aumentou consideravelmente o número de alunas da Escola Normal de Curitiba e, apesar desta adotar o regime de co-educação, a instituição tornou-se predominantemente feminina.

Enquanto o ensino secundário mantinha seu caráter elitista, a escola normal atendia tanto aos interesses das alunas que precisavam profissionalizar-se, como aos daquelas que se destinavam exclusivamente ao casamento e à vida do lar. Devido às resistências da sociedade à profissionalização ou mesmo à instrução da mulher, as escolas normais respondiam às necessidades da população feminina ao aliar às suas funções de formação profissional a de formar boas donas-de-casa e mães. Criada como instituição de ensino profissional, a escola normal apresentava-se como uma das poucas oportunidades de continuação dos estudos para as mulheres, o que explica o aumento da procura feminina pelos cursos normais no final do século.<sup>30</sup>

O funcionamento da Escola Normal de Curitiba no mesmo prédio do Ginásio Paranaense, com a convivência entre estudantes dos dois sexos, era motivo de preocupação das autoridades, conforme explicitam diversos relatórios:

É necessária a maior vigilância para que reine sempre o respeito, a ordem e a disciplina no recinto de um estabelecimento de educação como este, maxime por ser também freqüentado por moças que aqui vêm se preparar para o magistério público.<sup>31</sup>

---

<sup>30</sup> SAFFIOTI, p. 213.

<sup>31</sup> PARANÁ. Relatório apresentado pelo Superintendente Geral do Ensino Público do Estado Victor Ferreira do Amaral e Silva ao Secretário do Interior, Justiça e Instrução Pública em 1º de novembro de 1893 (originais sob a guarda do Arquivo Público - Paraná).

Ou ainda:

Sendo este estabelecimento [a Escola Normal] anexo ao Ginásio, e além disso existindo a promiscuidade entre alunos e alunas, é necessário que haja ali uma fiscalização completa e severa, afim de evitar-se qualquer desrespeito, que só descrédito pode trazer para a Escola.<sup>32</sup>

Como o prédio do Ginásio tornara-se pequeno e inadequado devido ao aumento do número de alunos, foi especialmente projetada e construída uma nova sede na rua Borges de Macedo, atual rua Ébano Pereira. O prédio, onde hoje funciona a Secretaria de Estado da Cultura, a partir de 1904 passou a sediar o Ginásio Paranaense e a Escola Normal. No ano seguinte o Ginásio Paranaense foi equiparado ao Ginásio Nacional. Com a equiparação, os estudantes que terminassem o curso secundário no Ginásio Paranaense teriam livre acesso aos cursos de ensino superior.<sup>33</sup>

Funcionando em novo e espaçoso prédio, e equiparado ao estabelecimento padrão de ensino do país, o Ginásio Paranaense parecia ter consolidado seu curso secundário. Entretanto, uma nova reforma da Instrução Pública, conhecida por Reforma Rivadávia, em 1911 retirou de todos os ginásios a situação de equiparação ao Ginásio Nacional, restituindo-a novamente ao Ginásio Paranaense somente cinco anos depois.

Concomitante à perda da equiparação, a Universidade do Paraná, recém-criada, passou a oferecer aulas preparatórias para os estudantes interessados em prestar exames para os seus cursos.<sup>34</sup> Novo período de declínio para o Ginásio, com redução considerável na procura de matrículas, levando o Diretor Geral da Instrução Pública a

---

<sup>32</sup> PARANÁ. *Relatório* apresentado pelo Secretário dos Negócios do Interior, Justiça e Instrução Pública Caetano Alberto Munhoz ao Governador do Estado em 31 de agosto de 1895 (originais sob a guarda do Arquivo Público - Paraná).

<sup>33</sup> Após a reforma Benjamim Constant (1890) a equiparação foi facultada aos diversos estabelecimentos oficiais de ensino secundário que adotassem o programa do Ginásio Nacional. Do início do século até a reforma de 1911 a equiparação foi estendida também aos colégios particulares organizados de acordo com o mesmo programa. Sobre as reformas do ensino secundário no Brasil ver SILVA, Geraldo Bastos. *A educação secundária: perspectiva histórica e teoria*. São Paulo, Editora Nacional, 1969.

<sup>34</sup> No período de 1911 a 1915, em que vigorou a lei Rivadávia, o exame vestibular tornou-se o único meio de ingresso nos cursos superiores.

afirmar "Se não adaptarmos o nosso Ginásio (...), é quase certo que este estabelecimento, de gloriosas tradições, terá que desaparecer."<sup>35</sup>

Anos mais tarde, novamente equiparado ao Ginásio Nacional, o Ginásio Paranaense readquire sua posição de relevância e produz outros comentários:

Perfeitamente instalado, com brilhante corpo docente e reconhecido pelo governo federal, está destinado aquele estabelecimento a preencher com vantagem o fim a que se destina.<sup>36</sup>

Acrescenta o diretor do Ginásio:

Sinto ufania em poder repetir que o Ginásio Paranaense continua a ser preferido por numerosos candidatos ao curso de humanidades.

É um instituto antigo e merecidamente acreditado, saindo dele anualmente brilhante plêiade de jovens satisfatoriamente instruídos, muitos dos quais exercem postos elevados em diferentes ramos da atividade humana.<sup>37</sup>

Ao discutir a educação no Paraná, Erasmo PILOTTO salienta o prestígio que gozava o Ginásio Paranaense, destacando que durante um certo período a congregação daquela instituição, que era a mesma da Escola Normal, tinha as atribuições de Conselho Estadual da Educação. O autor, ex-aluno do Ginásio, refere-se à severidade dos estudos naquele estabelecimento chegando a afirmar que "de suas cátedras, alguns professores exerciam um verdadeira direção mental do Paraná", já que "os nomes que integravam o corpo docente representavam dos pontos mais altos da cultura paranaense da época."<sup>38</sup>

Na nova sede da rua Ébano Pereira, o edifício oferecia condições para realizar parcialmente a desejada separação dos estudantes por sexo. O toque de chamada para a entrada dos alunos passou a anteceder a entrada das alunas e, enquanto a entrada dos

---

<sup>35</sup> PARANÁ. Relatório apresentado pelo Diretor Geral de Instrução Pública do Estado Francisco de Azevedo Macedo ao Secretário do Interior, Justiça e Instrução Pública em 11 de fevereiro de 1914 (originais sob a guarda do Arquivo Público - Paraná).

<sup>36</sup> PARANÁ. Relatório apresentado pelo Secretário d'Estado dos Negócios do Interior, Justiça e Instrução Pública Enéas Marques do Santos ao Presidente do Estado em 31 de dezembro de 1917 (originais sob a guarda do Arquivo Público - Paraná).

<sup>37</sup> PARANÁ. Relatório apresentado pelo diretor do Ginásio Paranaense Sebastião Paraná ao Secretário do Interior, Justiça e Instrução Pública em 1917 (originais sob a guarda do Arquivo Público - Paraná).

<sup>38</sup> PILOTTO, Erasmo. *A educação no Paraná*, Rio de Janeiro: MEC, 1954, p. 87.

alunos era pela rua Saldanha Marinho, o portão de entrada das alunas era no lado oposto do prédio, pela rua Cruz Machado.<sup>39</sup> No Regimento Interno, dentre os itens da competência do diretor, constava "Impedir que os alunos de um sexo transitem ou permaneçam nos compartimentos do edifício destinados ao outro sexo". A preocupação de delimitar espaços para alunos e alunas atingia também a parte externa do prédio: "Aos alunos do sexo masculino é proibido (...) permanecer na face esquerda do edifício, na rua Cruz Machado, por onde as alunas tem ingresso no estabelecimento".<sup>40</sup> Os locais de recreio eram separados, de modo que alunos e alunas encontravam-se somente durante as aulas.

SAFFIOTI afirma que o regime de co-educação adotado nos ginásios era parcialmente responsável por manter reduzido o número de alunas naqueles estabelecimentos de ensino. A co-educação, aceita com reservas no primário, permanecia indesejável na fase da adolescência. Nas escolas normais, entretanto, a predominância absoluta das mulheres minorava os "riscos" da co-educação.<sup>41</sup>

No ano letivo de 1911 o Ginásio Paranaense registrou 127 matrículas, sendo 121 de alunos do sexo masculino e 6 do sexo feminino, enquanto a Escola Normal tinha 166 alunos matriculados, dos quais 69 eram do sexo masculino e 97 do sexo feminino.<sup>42</sup>

Apesar do aumento do número de alunos da Escola Normal, esta continuou anexa ao Ginásio Paranaense até os anos 20, quando, com a separação definitiva, passou a adquirir as feições de uma instituição prioritariamente voltada para a formação profissional.

As escolas normais do país, apesar de destinadas à formação de professores primários, sofreram grande influência das escolas secundárias, tendo seus currículos

---

<sup>39</sup> STRAUBE, Emani Costa. *O prédio do Gymnásio: 1903-1990*. Curitiba: SEEC, 1990, p. 44.

<sup>40</sup> PARANÁ. *Regimento Interno do Ginásio Paranaense e Escola Normal*. Decreto nº 256 de 4 de julho de 1904 (originais sob a guarda do Arquivo Público - Paraná).

<sup>41</sup> SAFFIOTTI, p. 235.

<sup>42</sup> PARANÁ. *Relatório apresentado pelo Secretário d'Estado dos Negócios do Interior, Justiça e Instrução Pública ao Presidente do Estado em 2 de janeiro de 1912* (originais sob a guarda do Arquivo Público - Paraná).

voltados para a formação geral e afastando-se de seus objetivos profissionais. Somente a partir da década de 20 o ensino normal passou a ser reorganizado, sendo seus cursos ampliados de três para quatro anos de duração.

A transferência da Escola Normal em 1922 para a sua nova sede, onde funciona atualmente o Instituto de Educação do Paraná, na rua Emiliano Pernetá, possibilitou a expansão do Ginásio Paranaense. Dois anos mais tarde, o número de alunos matriculados no Ginásio chegava a 297.

É interessante observar que, nas diversas reformas pelas quais passou a escola secundária brasileira durante a primeira república, percebe-se o esforço de transformar o ensino secundário, de um curso de preparatórios, em um curso de caráter formativo. Mas apesar das mudanças curriculares efetuadas, o grau de importância das matérias do curso secundário estava vinculado aos exames de preparatórios exigidos para ingresso nas diversas faculdades e, até os anos 20, a escola secundária permaneceu atrelada às exigências das escolas superiores.

Seguir um curso com currículo ordenado de ano a ano e com exigências que significassem a oportunidade para o contínuo amadurecimento do aluno era uma idéia avessa às expectativas do tempo. Não era uma escola para a "formação do adolescente"; desempenhava uma função imediatista, consistente na preparação fragmentária e exclusiva à escola superior, isto é, não possuía objetivos próprios.<sup>43</sup>

Até esse período as reformas propostas para o ensino tiveram duração mais ou menos efêmera e refletiam a confusão e a instabilidade das doutrinas pedagógicas presentes no país.

Ao discutir as diversas reformas do ensino e sua eficácia, Maria Tethis NUNES afirma que "Decretos, leis, portarias governamentais ou ministeriais não têm força suficiente para impor reformas educacionais, se não correspondem à estrutura social

---

<sup>43</sup> NAGLE, Jorge. "A educação na primeira república" In: *História geral da civilização brasileira*, tomo III, volume 2, Rio de Janeiro: DIFEL, 1977, p. 278.

dominante".<sup>44</sup> Assim, as medidas destinadas a imprimir ao curso secundário objetivo educativo e formador eram frustradas à medida em que este permanecia como privilégio de uma elite que podia estender seus estudos até os cursos superiores.

Em 1930, logo após a posse de Vargas no governo federal, foi criado o Ministério da Educação e Saúde Pública. E o novo ministro, Francisco Campos, através de uma série de decretos, efetuou uma ampla reforma no ensino. A Reforma Francisco Campos marcou o início de uma atuação mais objetiva do Estado em relação à educação. Foi a primeira reforma imposta para todo território nacional e a primeira a atingir profundamente a estrutura do ensino.<sup>45</sup>

A Reforma Francisco Campos sofreu influência das idéias do movimento renovador que se alastrava no meio educacional brasileiro. Tais idéias, gestadas desde os anos 20, abrangiam uma pluralidade de doutrinas pedagógicas aglutinadas pela designação genérica de Educação Nova ou Escola Nova.<sup>46</sup>

Inspiradas nos princípios escolanovistas, idéias a favor da renovação do ensino no Brasil expandiram-se entre a intelectualidade jovem preocupada com questões educacionais. A produção teórica de educadores como Fernando de Azevedo, Anísio Teixeira e Lourenço Filho combatia a educação elitista tradicional e afirmava o caráter social da educação e o dever do Estado de instaurar uma escola para todos.

Atendendo às aspirações de uma educação mais funcional, a reforma do ensino de 1931, transformou a estrutura do curso secundário, dividindo-o em dois níveis: o fundamental, com cinco anos de duração, e o complementar, com dois anos. A reforma buscava, através da organização do curso fundamental, afirmar o caráter educativo e formativo do ensino secundário. A preparação para ingresso aos cursos superiores

---

<sup>44</sup> NUNES, p. 1.

<sup>45</sup> Todas as reformas anteriores, ditadas pelo poder central, não eram obrigatoriamente adotadas pelos Estados. Limitavam-se a ser colocadas em prática no Distrito Federal, onde eram apresentadas como "modelo". (ROMANELLI, p. 131)

<sup>46</sup> O termo Escola Nova designa o movimento de reação à escola tradicional iniciado na Europa na segunda metade do século passado. O desenvolvimento de ciências como a biologia, a psicologia e a sociologia produziu críticas à instituição escolar, resultando em maior atenção para as diferenças individuais e para o uso de técnicas mais eficazes de ensino-aprendizagem.

passava a ser finalidade do curso complementar. Este compreendia cursos diversificados, que correspondiam à preparação para os três grupos de cursos superiores: Direito, Ciências Médicas e Engenharia.

Além da organização em dois ciclos, a reforma estabeleceu definitivamente a seriação, a frequência obrigatória e a exigência de habilitação nos cursos secundários para o ingresso nos cursos de ensino superior, produzindo uma situação completamente nova para a escola secundária.

De acordo com a reforma, mediante inspeção federal, todos os estabelecimentos oficiais de ensino secundário seriam equiparados ao Colégio Pedro II, podendo ser concedida a equiparação também aos estabelecimentos particulares. Estes deveriam ser organizados de acordo com as normas do ensino secundário e submetidos à mesma inspeção federal. A equiparação era o instrumento pelo qual o governo pretendia garantir uma rigorosa uniformização de todo o ensino secundário nacional.<sup>47</sup>

Para manter a situação de equiparação ao Colégio Pedro II, que garantia a seus alunos o acesso às escolas superiores, o Ginásio Paranaense sofreu diversas mudanças na sua organização. Foi implantado o curso fundamental de cinco anos e em 1936 foi criado o curso complementar. Este último dividido em três classes: uma para o Curso Jurídico (pré-jurídico), outra para os cursos de Medicina, Farmácia e Odontologia (pré-médico) e outra para os Cursos de Engenharia e Arquitetura (pré-engenheiro). Para obter autorização para implantação do curso complementar, a direção do Ginásio precisou comprovar que a instituição tinha "condições físicas, docentes e pedagógicas" para manter o curso. Na época, diversos professores do Ginásio eram também professores catedráticos, por concurso, da Universidade do Paraná.<sup>48</sup>

---

<sup>47</sup> Segundo Geraldo SILVA o sistema de supervisão do ensino secundário previsto na Reforma Francisco Campos tomou-se inexecutável devido às dificuldades advindas da extensão do território brasileiro e da falta de pessoal qualificado para exercer a inspeção, somadas à expansão acelerada do ensino secundário que se inicia no país nesse período (SILVA, p. 292).

<sup>48</sup> STRAUBE, Emami Costa. *Do Liceu de Curitiba ao Colégio Estadual do Paraná: 1846-1993*, Curitiba: Fundepar, 1993, p. 89.



Devido à expansão do número de alunos, o diretor do Ginásio Paranaense já havia solicitado ao Diretor Geral do Ensino, em 1932, a adaptação ou ampliação do edifício. Alegava naquela ocasião o diretor do Ginásio que na inauguração do prédio havia 21 alunos matriculados e que naquele ano esse número chegara a 768. A partir da criação do curso complementar cresceu ainda mais a procura por matrículas na instituição.<sup>49</sup>

A emergência das camadas médias e do proletariado, resultante das transformações econômicas pós-30, havia provocado um crescente aumento da demanda social por educação escolar. A pressão da demanda sobre o sistema educacional vigente desembocou numa grande expansão do ensino secundário no país.<sup>50</sup> Esta expansão foi acompanhada por um crescimento considerável de matrículas femininas nas escolas secundárias.<sup>51</sup>

Torna-se interessante observar que o movimento pró-renovação do ensino que tomou corpo no país na década de 20 defendia, entre outros princípios, a laicidade, a gratuidade e a obrigatoriedade do ensino e a co-educação dos sexos. A defesa destes princípios havia acirrado os ânimos e provocado a reação dos católicos conservadores, que viam na interferência do Estado um perigo de monopólio e na laicidade e na co-educação uma afronta aos princípios da educação católica. No clima de conflito aberto entre católicos e renovadores, os adeptos da Educação Nova haviam publicado, em 1932, o "Manifesto dos Pioneiros da Educação". O "Manifesto" reivindicava uma ação objetiva do Estado no sentido de garantir a todos o direito à educação. O documento afirmava que o ensino ministrado pelo poder público numa sociedade heterogênea só poderia ser leigo e ressaltava que o direito de todos significava igualdade de direito do

---

<sup>49</sup> *op.cit.*, p. 84.

<sup>50</sup> De acordo com Maria Tethis NUNES, o número de estudantes nos cursos secundários do país saltou de 72.541 em 1930 para 170.059 em 1940, registrando a década um aumento de 134% no número de matrículas nesses cursos (NUNES, p. 45).

<sup>51</sup> SAFFIOTTI, p. 240.

homem e da mulher às mesmas oportunidades educacionais. "A escola unificada não permite ainda, entre alunos de um e outro sexo outras separações que não sejam as que aconselham suas aptidões psicológicas e profissionais, estabelecendo em todas as instituições a 'educação em comum' ou co-educação (...)".<sup>52</sup> Para os signatários do "Manifesto" as diferenças de "aptidões psicológicas e profissionais" não resultavam da diferença de sexo.

Os decretos da Reforma Francisco Campos, apesar de influenciados pelas idéias dos renovadores, omitem a questão da co-educação.

Quando, em 1938, foi decretada a fusão dos cursos ginasiais da Escola Normal e do Ginásio Paranaense, as alunas do Ginásio foram transferidas para o prédio da Escola Normal. Sob a alegação de falta de espaço para atender ao aumento da procura de matrículas, a instituição concretizava a separação dos alunos de acordo com o sexo. Rejeitando a prática da co-educação dos sexos defendida pelos "pioneiros", durante os anos seguintes o Ginásio Paranaense passou a ser constituído de uma seção masculina, com sede na rua Ébano Pereira, e uma seção feminina, que funcionava anexa à Escola Normal, com sede na rua Emiliano Perneta.<sup>53</sup>

Nesse período era facultado às alunas que não quisessem seguir o curso normal (de habilitação para o magistério primário) a matrícula no curso complementar, que era ministrado no prédio do Ginásio, na rua Ébano Pereira. A maciça freqüência masculina, entretanto, tornava reduzidíssima a matrícula feminina nas poucas turmas mistas daquele estabelecimento.

Apesar das críticas ao caráter elitista da escola secundária e das tentativas dos renovadores de instituir uma escola para todos, o caráter enciclopédico dos programas e o rígido sistema de avaliação prescrito pela Reforma Francisco Campos

---

<sup>52</sup> "O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova" In: GHIRALDELLI JR, Paulo. *História da educação*, São Paulo: Cortez, 1991, p. 63.

<sup>53</sup> STRAUBE, 1990, p. 90.

contribuíram para manter a alta taxa de evasão dos cursos secundários.<sup>54</sup> Além disso, a obrigatoriedade de se prestarem exames para admissão ao ensino secundário, nos quais eram exigidos conhecimentos que não eram fornecidos pela escola primária, evidenciava o caráter pedagógico e socialmente seletivo da escola secundária.

No Ginásio Paranaense foi criado, em 1934, o curso pré-ginasial, com o objetivo de preparar os candidatos ao exame de admissão. "O curso era mantido sem ônus para o governo e mediante o pagamento de uma pequena taxa, desenvolvia-se de 15 de março a 30 de novembro, prevendo-se que para os alunos mais adiantados, observados através de testes, o período poderia iniciar-se em 1º de julho." <sup>55</sup> A criação de um curso preparatório pago para os candidatos ao exame de admissão ao ginásio, atesta o grau de seletividade no ingresso ao Colégio Estadual do Paraná na época.

A reforma do ensino efetuada pelo Ministro Gustavo Capanema, em 1942, reestruturou novamente o ensino secundário: o curso fundamental teve sua duração reduzida para 4 anos, passando a ser denominado de curso ginasial, e o curso complementar, foi ampliado de 2 para 3 anos, sendo denominado de curso colegial. Este último tinha por objetivo preparar para o ingresso aos cursos superiores e apresentava duas modalidades: o curso clássico e o curso científico. A Reforma Capanema foi iniciada em 1942 e vigorou até a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases em 1961.

Como o Ginásio Paranaense oferecia os dois ciclos de ensino secundário - ginasial e colegial - em 1942 sua denominação mudou para Colégio Paranaense Externato.<sup>56</sup> No ano seguinte, conforme determinação da Lei Orgânica do Ensino Secundário, a instituição recebeu finalmente o nome de Colégio Estadual do Paraná.<sup>57</sup>

---

<sup>54</sup> Maria Tethis NUNES apresenta dados sobre a relação entre matrícula inicial e conclusão do curso secundário de 1933 a 1943 que evidenciam a alta seletividade dos dois ciclos do curso secundário. Ver NUNES, p. 46.

<sup>55</sup> STRAUBE, 1993, p. 88.

<sup>56</sup> O Internato do Ginásio Paranaense foi criado em 1918 e, mesmo funcionando em prédio separado, era administrado pela diretoria do Externato. Nos anos 40 o Internato recebeu a denominação de Colégio Paranaense e tornou-se desvinculado do Estado.

<sup>57</sup> De acordo com a Lei Orgânica, as instituições de ensino secundário que ministravam apenas o 1º ciclo receberam a denominação de Ginásio e aquelas que ministravam os dois ciclos do curso secundário passaram a ser denominadas de Colégio.

Em 1950, o Colégio Estadual do Paraná foi transferido para o prédio do Alto da Glória. O novo e espaçoso prédio passou a sediar também a seção feminina da instituição, que por doze anos funcionou anexa à Escola Normal. A partir dessa época alunos e alunas podiam utilizar o mesmo espaço físico. De início havia turmas mistas nos cursos ginásial, clássico e científico, depois os alunos foram separados em turmas masculinas e turmas femininas.

A partir de 1957 o turno da manhã passou a concentrar as turmas masculinas enquanto o turno da tarde tornou-se exclusivamente feminino. O turno da noite manteve algumas turmas mistas, mas era reduzida a frequência feminina nesse turno provavelmente devido aos empecilhos colocados à matrícula de mulheres no horário noturno.

A separação dos alunos por sexo, questão que permeava a prática educativa da instituição desde o século passado, concretiza-se no novo prédio durante a década de 50.

## O Novo Prédio Reflete a Cidade

No dia 29 de março de 1950, o jornal "Gazeta do Povo" estampava em sua primeira página uma grande foto do novo prédio do Colégio Estadual do Paraná com os seguintes dizeres:

O imponente edifício do CEP, o maior estabelecimento no gênero existente na América do Sul, que hoje será inaugurado. Monumento que honra a capacidade realizadora do homem paranaense, projetará o nome do Paraná através de nossas fronteiras como magnífica forja de brasileiros sadios e capazes de quem nossa generosa terra comum poderá esperar.<sup>58</sup>

---

<sup>58</sup> O maior colégio da América do Sul. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 29 mar. 1950.

De acordo com as notícias da imprensa o prédio tinha capacidade para acolher 6000 alunos e naquele ano de 1950 o número de matrículas na instituição chegou a 2656. No curso ginásial matricularam-se 1498 alunos, no recém-criado curso clássico 26 e no curso científico 895 alunos.<sup>59</sup>

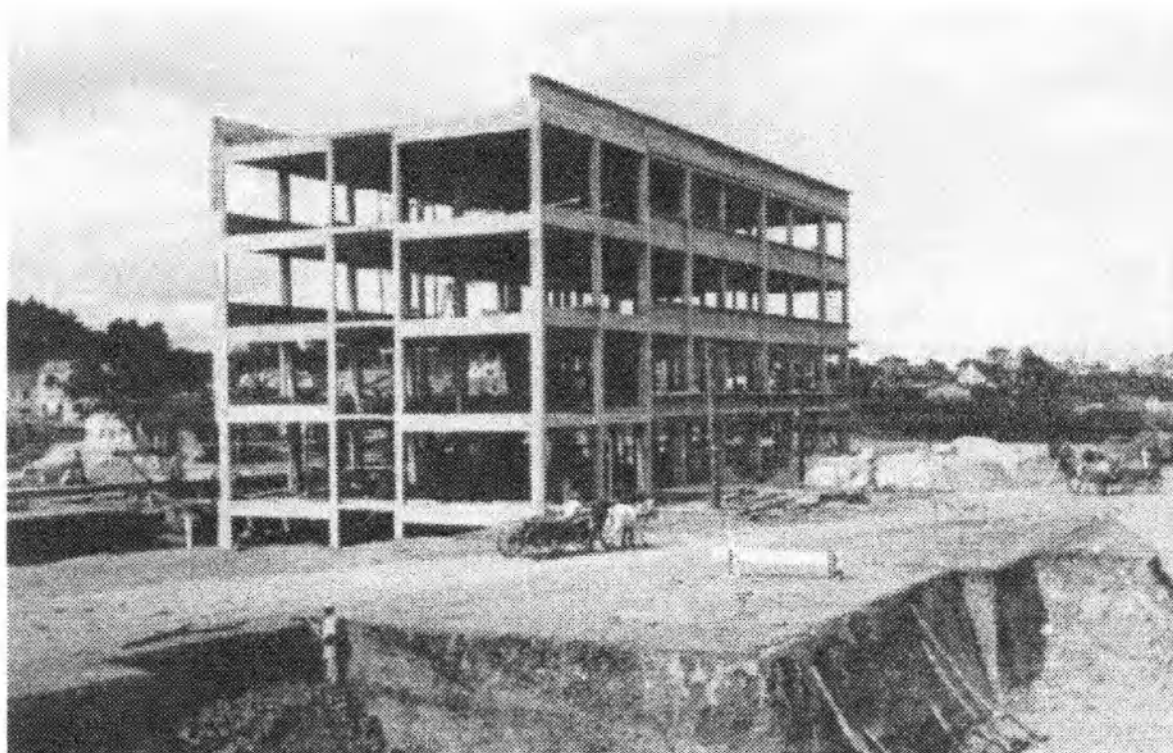


Fig. 2: Construção do prédio do Colégio Estadual do Paraná, Curitiba, década de 1940.

Com quatro pavimentos, além de um subsolo, o edifício erguia-se majestosamente junto ao Passeio Público. A construção, iniciada em 1944 e concluída somente seis anos depois, devido a dificuldades advindas da guerra, trazia algumas características desse período. Exemplo disso é o subsolo, onde passou a funcionar a cantina do Colégio, que foi construído para servir de abrigo anti-aéreo.

Constituído de duas alas simétricas interligadas por corredores, o prédio possuía dois elevadores e escadarias de acesso aos pavimentos, uma em cada lado. As salas de aula, grandes e arejadas, estavam distribuídas nas duas alas laterais do prédio, e

---

<sup>59</sup> STRAUBE, 1993, p. 113.

as salas da diretoria, da secretaria, da inspetoria de ensino, assim como os gabinetes médicos e odontológicos ficavam na ala da frente. Tudo era amplo e espaçoso: os corredores, as salas de aula, os laboratórios, a biblioteca, o salão nobre, o auditório... Este último, com capacidade para receber 1050 pessoas, era o grande auditório de Curitiba. Nessa época não existia ainda o Teatro da Reitoria e o Teatro Estadual, que mais tarde ganhou o nome de Guaíra, estava em construção. Assim, além de servir para as atividades escolares, o palco do Colégio Estadual do Paraná era cedido para apresentações artísticas diversas, inclusive colações de grau da Universidade.

Na inauguração do prédio, a área esportiva externa ainda estava sendo construída. As obras da piscina olímpica estavam em fase de conclusão, mas a piscina pequena de aprendizagem, o ginásio coberto e o campo de esportes só foram entregues e inaugurados no ano seguinte.<sup>60</sup>

Faziam parte do campo de esportes, ou estádio: um campo de futebol, uma pista de corrida circundando o campo, duas canchas de vôlei, duas canchas de basquete, duas pistas de arremesso de dardo, duas caixas de salto em distância ou tríplice, duas caixas de salto em altura e duas caixas de salto com vara, além das arquibancadas. Completando as instalações destinadas ao Departamento de Educação Física do Colégio, havia vestiários masculinos e femininos com chuveiros individuais para as alunas e chuveiros coletivos para os alunos.<sup>61</sup>

Nas lembranças de ex-alunos e ex-professores o entusiasmo pela área esportiva do colégio foi extremamente marcante na época:

*Eu fiz o primário no Colégio da Divina Providência, que era considerado também um colégio tradicional, com muita disciplina, religiosidade (...) Mas, quando nós estávamos já no quarto ano, a gente soube da construção do novo Colégio Estadual, que era o modelo de colégio, de ensino na América do Sul. Em que ia*

---

<sup>60</sup> STRAUBE, 1993, p. 112.

<sup>61</sup> O Relatório dos Serviços de Inspeção para fins de equiparação do 2º ciclo do Colégio Estadual do Paraná apresentado em 1953 ao Diretor da Divisão de Ensino Secundário do Ministério da Educação e Cultura descreve detalhadamente o prédio destinado à Educação Física, as instalações, a área livre, o material desportivo disponível e apresenta fotos (originais sob a guarda do Arquivo Público - Paraná).

*ter piscina, ia ter esportes, e aquilo alvoroçou toda a meninada da Divina Providência... só não saiu quem o pai não deixou... (ROSELIS)<sup>62</sup>*

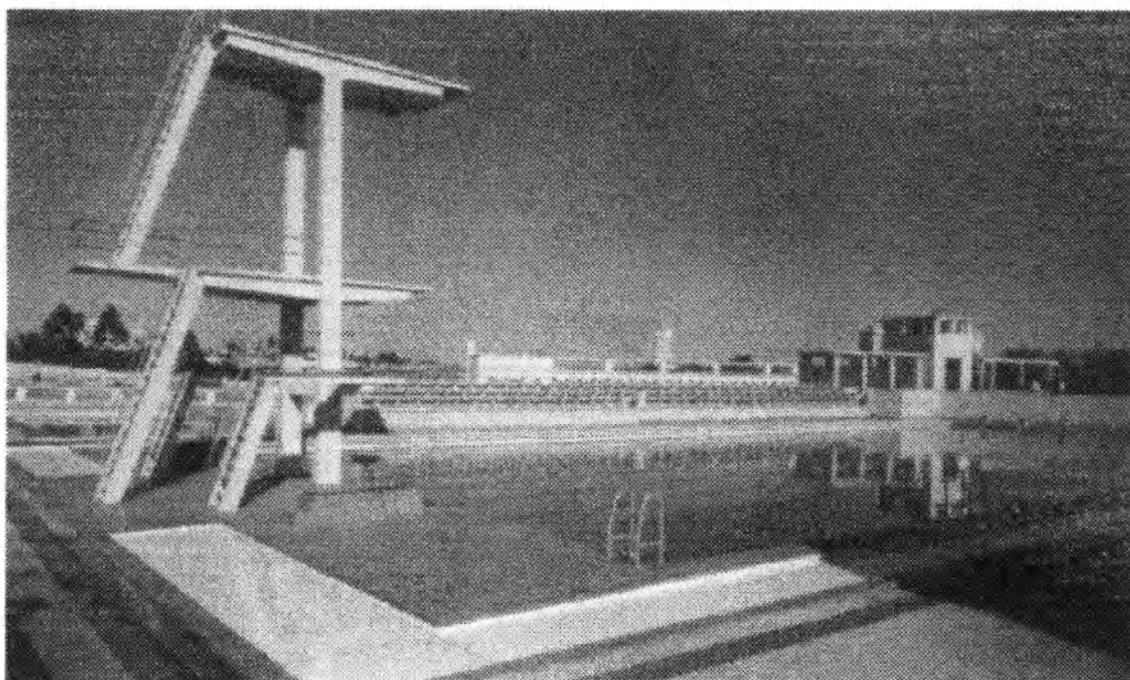


Fig. 3: Piscina olímpica do Colégio Estadual do Paraná, Curitiba, anos 50.

Não era descabido o entusiasmo pelo fato de ter piscina no Colégio. Segundo o prof. Germano Bayer<sup>63</sup>, naquela época a população da cidade ainda não tinha o hábito de fazer natação, devido às condições climáticas e à falta de locais para a prática deste esporte. Quando o prédio do Colégio Estadual foi inaugurado, em Curitiba somente a Sociedade Duque de Caxias e o Graciosa Country Club possuíam piscinas.<sup>64</sup> E o Colégio Estadual do Paraná teria duas piscinas, sendo uma delas de dimensões olímpicas!

Lembra um ex-aluno:

*Tinha de tudo para educação física no Colégio novo, que nós não tínhamos no velho. Primeiro tinha piscina, depois tinha a pista de esportes, depois tinha a cancha de basquete externa e tinha a interna para basquete e vôlei, onde a*

---

<sup>62</sup> Roselis Gralik foi aluna do Colégio Estadual do Paraná, onde cursou o ginásio e o científico de 1950 a 1956.

<sup>63</sup> Germano Bayer foi professor de educação física e coordenador do Departamento de Educação Física do Colégio Estadual do Paraná durante os anos 50.

<sup>64</sup> BAYER, Germano. *Entrevista*. Curitiba, 14 nov. 1995.

*gente fazia os bailes também no Colégio Estadual. E a educação física ficou mais interessante por causa disso, você não precisava se deslocar como tinha que fazer antes, que a gente ia lá no Juvevê... (SANSÃO)<sup>65</sup>*

A grande área destinada à prática de diversas modalidades de esportes possibilitou que o Colégio Estadual se tornasse um referencial para as atividades esportivas realizadas na cidade. Nas comemorações do Centenário da Emancipação Política do Estado, o Colégio sediou vários eventos, entre eles a Olimpíada do Centenário, que contou com a participação de atletas de diversos municípios do Paraná.

O renome e as instalações do Colégio Estadual do Paraná tomaram-no, durante vários anos, ponto de referência em Curitiba para visitantes e turistas.<sup>66</sup>

Em seu discurso na solenidade de inauguração do prédio o Secretário da Educação e da Cultura, Erasmo Pilotto, explicava:

Se esta obra é monumental em seu tamanho, não é, contudo, um luxo em nossa organização, mas a satisfação de uma necessidade. Corresponde a uma solicitação imediata de realidade que é o Paraná de hoje. Estamos praticamente ocupando já toda esta obra que pode parecer monumental, mas não é um luxo em nossa organização, é antes a satisfação de uma necessidade.<sup>67</sup>

A construção do imponente edifício não foi uma realização isolada. Iniciada durante a administração do Interventor Manuel Ribas, mais tarde passou a integrar o plano de obras do Governo Moysés Lupion.<sup>68</sup> Em mensagem apresentada à Assembléia Legislativa afirmava o governador: "Dentro do ideal de escola para todos, devemos ter

---

<sup>65</sup> Sansão José Loureiro foi aluno do Colégio Estadual do Paraná de 1945 a 1951. Fez o ginásio e o 1º científico no prédio velho e os dois últimos anos do curso clássico no prédio novo. Em 1951, convidado pelo diretor do Colégio, assumiu a direção do jornal estudantil "O Colégio Estadual do Paraná".

<sup>66</sup> O **Livro de Impressões de Visitas**, que se encontra atualmente no Museu Guido Straube (Colégio Estadual do Paraná), atesta que o Colégio recebia visitantes de várias partes do país e até do exterior.

<sup>67</sup> Escola que parece um símbolo. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 31 mar. 1950.

<sup>68</sup> Interventor de 1932 a 1935 e de 1937 a 1945 e governador do Estado de 1935 a 1937, Manuel Ribas é considerado como formulador de uma política econômica e social de modernização do Paraná. De certa forma, esta política foi retomada por Moysés Lupion, seu sucessor, a partir de 1947. (IPARDES - Fundação Edison Vieira. **O Paraná reinventado: política e governo**, Curitiba, 1989, p. 25-26).



ampliado a rede de ginásios, em um só ano, em 20 novas unidades todas fora da capital."<sup>69</sup>

No dia da inauguração do novo prédio do Colégio Estadual, o Governo do Estado inaugurava também em Curitiba o Centro de Saúde Modelo. Nessa época o governo já iniciara outras obras na cidade, como o Teatro Oficial do Estado, a Casa do Estudante e o Hospital de Clínicas, além da construção de estradas ligando a capital do Estado ao interior.

Nessa época, registrava Evaristo BISCAIA em seu programa na Rádio Marumby: "A cidade de Curitiba, nestes últimos cinco anos, atravessa incomensurável surto de progresso. O centro comercial, as construções de arranha-céus, o aumento crescente dos bairros dão à cidade um aspecto de metrópole."<sup>70</sup>

Beneficiada pelas riquezas advindas da economia cafeeira desenvolvida no norte do Estado, Curitiba, a exemplo de outras cidades brasileiras, naquele período ganhava ares de metrópole.<sup>71</sup> Era um tempo de grandes construções no Paraná, que a imprensa local designava como o "estado mais trabalhador e progressista dentre os irmãos da federação".<sup>72</sup>

Curitiba prepara-se para comemorar em 1953 o 1º centenário da elevação do Paraná a Província, e entre outras muitas iniciativas programadas destaca-se a construção do Centro Cívico, conjunto de edifícios monumentais, incluindo o Palácio do Governo, o Palácio da Justiça, o Palácio da Assembléia Legislativa, Palácio das Secretarias de Estado, edifício das Pagadorias, monumento comemorativo do centenário, Praça Monumental e Parque.(...) Além desses deverão ainda ser construídos um grande e moderno Teatro Público, a

---

<sup>69</sup> Paraná. **Mensagem** apresentada pelo Senhor Moysés Lupion, Governador do Estado, à Assembléia Legislativa em 1950.

<sup>70</sup> BISCAIA, Evaristo. **Coisas da cidade**. Curitiba, Papelaria Requião, 1951, p. 22.

<sup>71</sup> Sobre as transformações ocorridas na cidade nos anos 50 ver, entre outros, MARTINS, Ana Paula Vosne. **Um lar em terra estranha: a aventura da individualização feminina. A casa da estudante universitária de Curitiba nas décadas de 50 e 60**. Curitiba: UFPR, 1992 (dissertação de mestrado) e SANTOS, Antonio Cesar de Almeida. **Memórias e cidade: depoimentos e transformação urbana de Curitiba (1930-1990)**. Curitiba: UFPR, 1995 (dissertação de mestrado).

<sup>72</sup> O maior colégio da América do Sul. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 29 mar. 1950.

Biblioteca Pública, de proporções maiores que a do município de São Paulo, e outros.<sup>73</sup>

Continuando, descreve o repórter: "Por toda parte na cidade vêem-se construções novas, altos edifícios de escritórios e apartamentos(...). O comércio expande-se para fora da tradicional rua XV e bairros residenciais novos e belos, formam-se na periferia."<sup>74</sup>

Como parte das comemorações do centenário da emancipação política do Estado, o Governo Bento Munhoz da Rocha Neto<sup>75</sup> criou em 1951 a Comissão Especial de Obras do Centenário. Segundo Cecília WESTPHALEN, "Teve ele por objetivo mostrar ao Brasil e aos brasileiros, quando das comemorações do centenário, em 1953, o que o Paraná conseguiu realizar, após um século de autonomia, na iniciativa particular e governamental".<sup>76</sup>

Entre as pessoas entrevistadas para a pesquisa algumas comentaram o crescimento da população naquele período, afirmando que na década de 40 Curitiba "*era uma beleza, você sabia de todo mundo*" ou mesmo dizendo que é a partir de 1953 que "*Curitiba perde seu perfil rural-urbano*".

Outros entrevistados apontaram para aspectos da vida social da cidade: "*A gente ia à matinê domingo, às vezes saía de um cinema e entrava no outro!*" (HELENA)<sup>77</sup>

*Cinema era o hobby de todo mundo [nos anos 50]. O que tinha de cinema em Curitiba era uma coisa louca! Era matinê. (...) Quer dizer, então, fora isso tinha também as tardes dançantes e coisa e tal. Mesmo no diretório de medicina depois nós tínhamos no DANC as tardes dançantes, a engenharia fazia os chás de engenharia de tarde e... a vida na cidade era isso mesmo (EDGAR).<sup>78</sup>*

---

<sup>73</sup> Arnaldo Pedrosa d'Horta In: BRAGA, Rubem e d'HORTA, Arnaldo Pedrosa. *Dois repórteres no Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1953, p. 4.

<sup>74</sup> *op.cit.*, p. 4.

<sup>75</sup> Bento Munhoz da Rocha Neto foi governador do Paraná de 1951 a 1955.

<sup>76</sup> WESTPHALEN, Cecília Maria. *Pequena história do Paraná*, São Paulo: Melhoramentos, 1953, p. 87.

<sup>77</sup> Helena de Castro Licheski fez o curso científico no Colégio Estadual do Paraná de 1954 a 1956.

<sup>78</sup> Edgar Atos Barddal foi aluno do Colégio Estadual do Paraná de 1950 a 1956, onde cursou o ginásio e o científico.

Na década de 50 um número crescente de jovens vinha de outras cidades, do interior do Paraná ou de outros Estados, para prosseguir seus estudos em Curitiba. Pretendendo fazer da Capital um centro universitário, o Governo Bento Munhoz da Rocha Neto concedeu auxílio financeiro para a construção de prédios da Universidade do Paraná, além de transferir terrenos do Estado para a Universidade.<sup>79</sup>

A presença de grande número de estudantes na cidade levou à construção do prédio atual da Casa do Estudante Universitário e à criação da Casa da Estudante Universitária de Curitiba, além de inúmeras repúblicas e pensões. A intensa vida estudantil, animada pelos bailes, pelos chás e tardes dançantes, pelos concursos de rainha dos estudantes, entre outros eventos, justificava a denominação de Curitiba como "Cidade Universitária".

A mudança do Colégio Estadual do Paraná, do antigo prédio da rua Ébano Pereira para o monumental edifício do Alto da Glória, insere-se no conjunto de transformações urbanas e sociais presentes naquele contexto. A imponência e o estilo modernista do "maior colégio da América do Sul" refletem a cidade de Curitiba nos anos 50.

---

<sup>79</sup> KUNHAVALIK, José Pedro. **Bento Munhoz da Rocha Neto: trajetória social e política, e sua gestão no governo do Paraná**, Curitiba: UFPR, 1995 (monografia), p. 85.

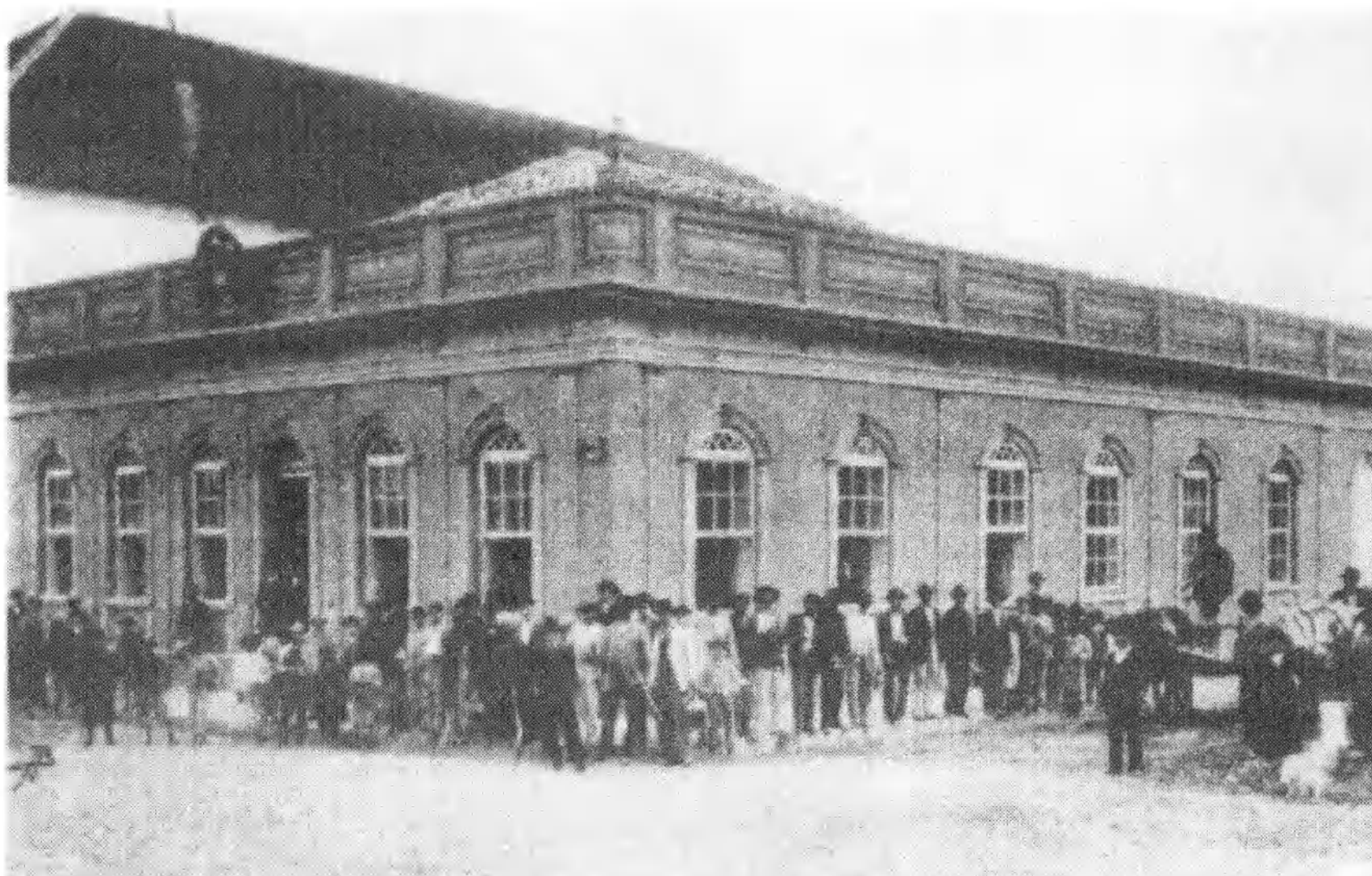


Fig. 4: Prédio da Assembléia Provincial onde funcionou o Licêo de Curitiba, localizado na rua da Assembléia, atual rua Dr. Muricy, Curitiba, 1872.

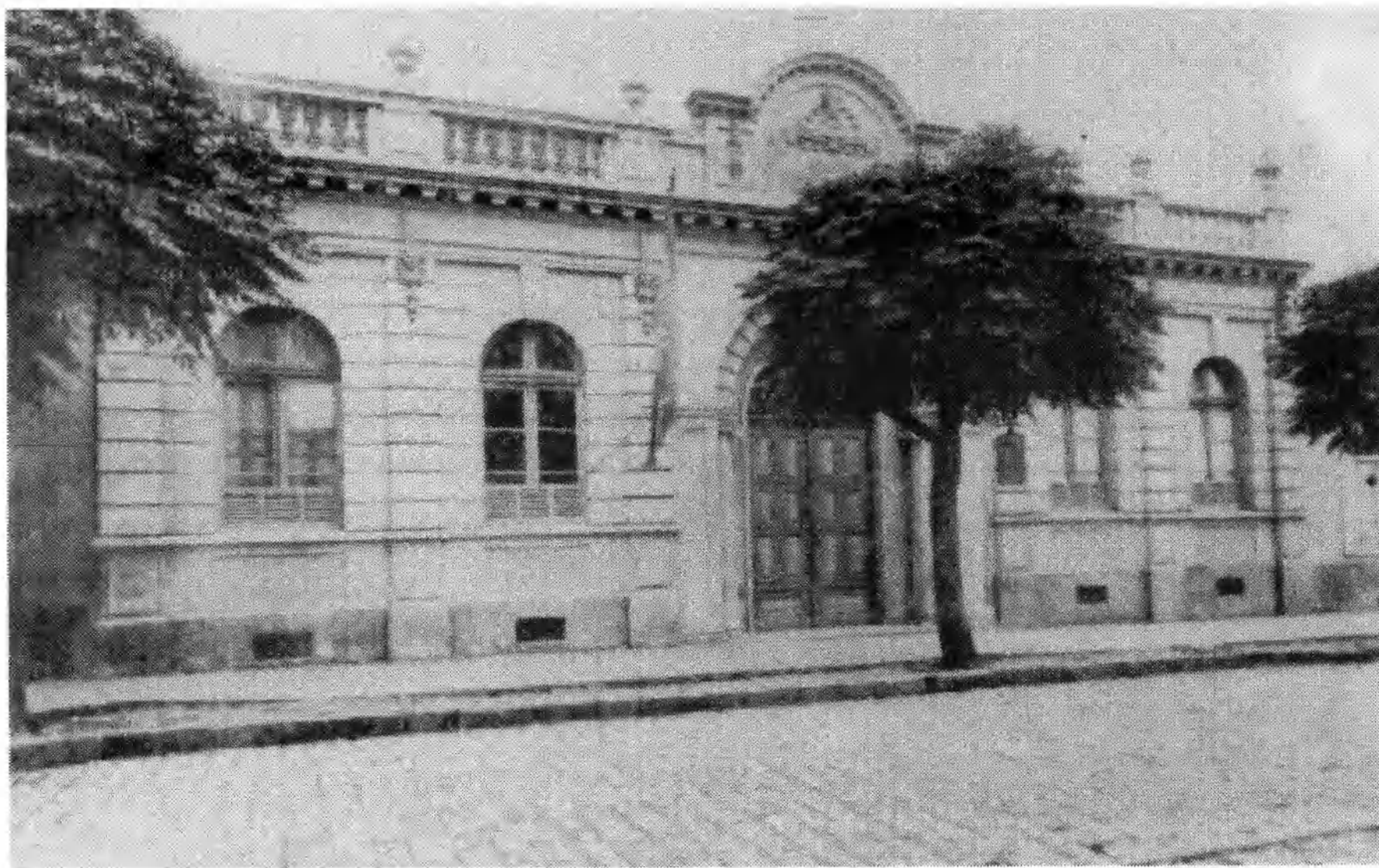


Fig. 5: Sede do Instituto Paranaense, localizada na rua Aquidaban, atual rua Emiliano Perneta, Curitiba, final do século XIX.



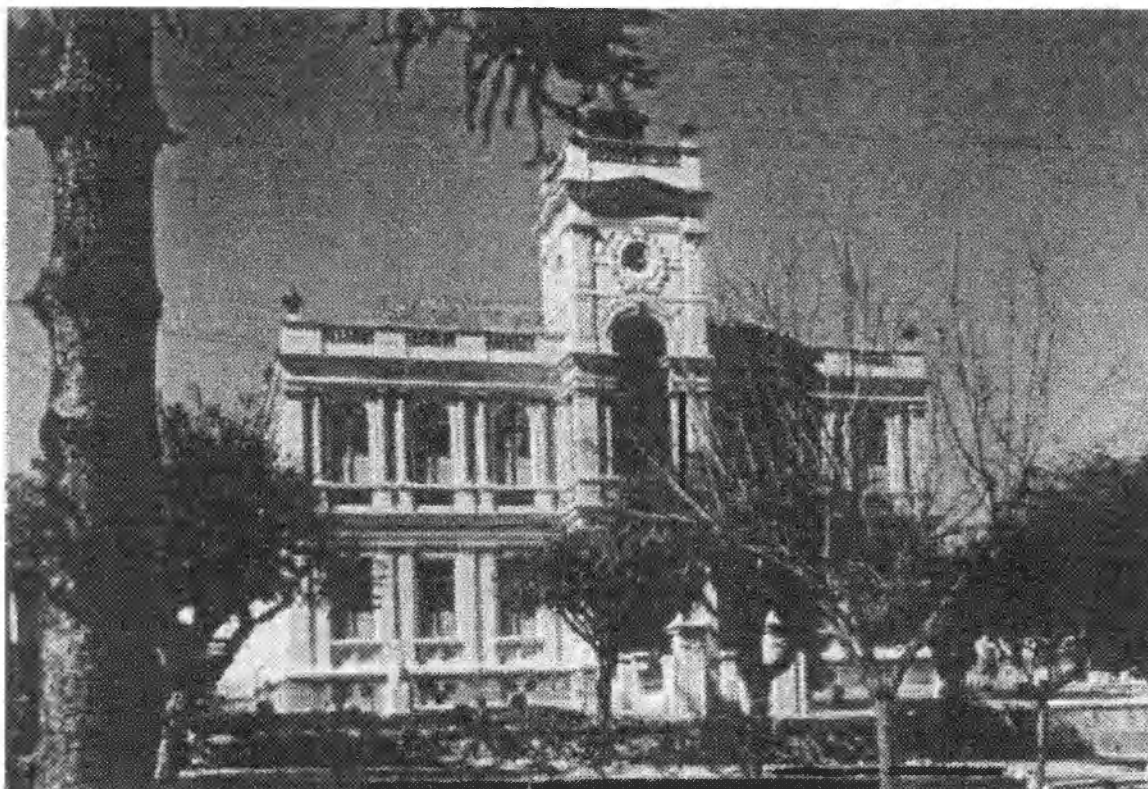


Fig. 6: Sede do Ginásio Paranaense inaugurada em 1904, na rua Ébano Pereira, Curitiba.

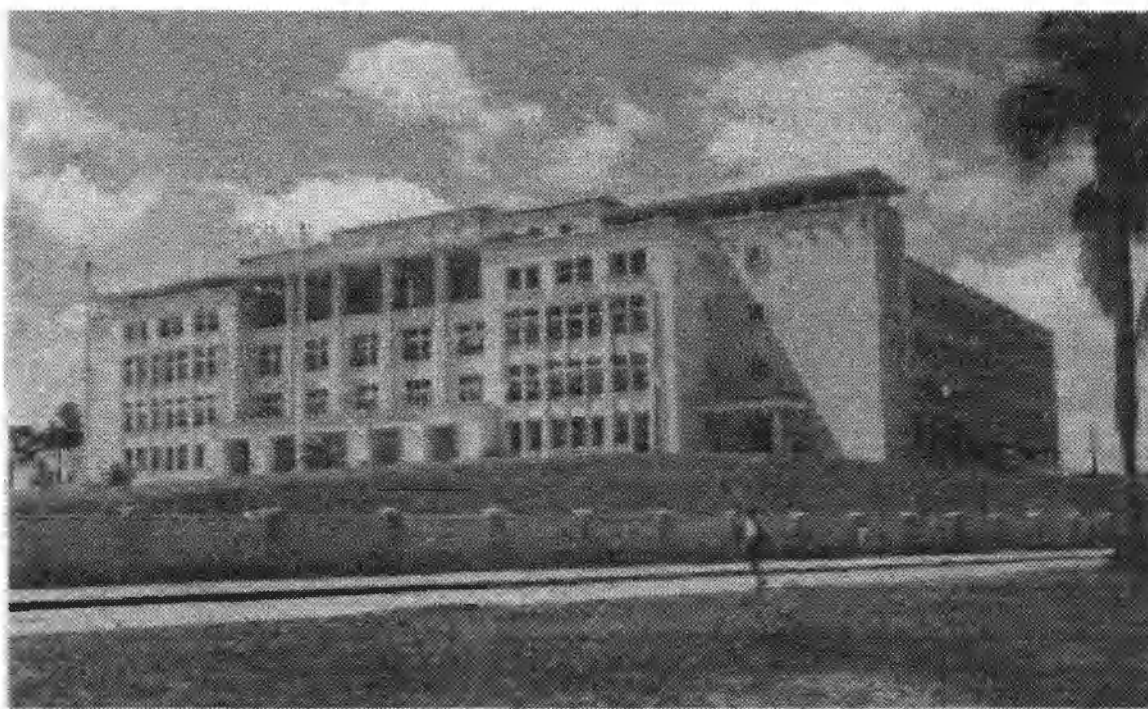


Fig. 7: Sede do Colégio Estadual do Paraná inaugurada em 1950, no Alto da Glória, Curitiba.

## A PRÁTICA ESCOLAR NOS ANOS 50

Restaurado o regime democrático, após o Estado Novo, a Constituição de 1946 estabeleceu que deveriam ser fixadas, por lei complementar, as diretrizes e bases da educação nacional. Da apresentação, em 1948, do primeiro anteprojeto até a promulgação da lei 4.024 decorreram 13 anos de discussões no país em torno de questões educacionais.

Durante esse período os educadores da geração dos "pioneiros" voltaram à cena reafirmando a necessidade do Estado assumir sua função educativa, não apenas garantindo a sobrevivência da escola pública, mas assegurando-a para todos. Por outro lado, os educadores católicos, juntamente com os donos de escolas particulares leigas, passaram a combater o monopólio do Estado na questão da educação, afirmando o direito à liberdade das famílias na escolha da melhor educação para os filhos.<sup>1</sup>

O ensino primário, nessa época, era ministrado majoritariamente em estabelecimentos públicos, enquanto 80% do ensino secundário estava entregue a particulares. Para os defensores da escola pública, o descuido do Estado com relação ao ensino secundário, deixando-o nas mãos da iniciativa privada, explicava as deficiências deste ensino no país.<sup>2</sup>

Apoiados por intelectuais, estudantes e líderes sindicais, alguns dos antigos "pioneiros" retomaram a luta liderando uma Campanha em Defesa da Escola Pública e, no auge do confronto entre os dois grupos de educadores, publicaram o "Manifesto dos educadores mais uma vez convocados", no qual discutiam questões gerais da política educacional. Favoráveis à existência de duas redes de ensino - pública e particular - os signatários do "Manifesto" propunham que as verbas do Estado servissem somente à rede pública e que as escolas particulares se submetessem à fiscalização oficial.

---

<sup>1</sup> Segundo ROMANELLI, o confronto era a retomada de uma luta que se iniciara há décadas atrás. Embora a República tenha oficializado o ensino leigo, através da educação a Igreja continuava atuando sobre a vida nacional. Quando a expansão do ensino passou a exigir uma atuação mais eficaz do Estado nas questões educacionais, a Igreja sentiu-se ameaçada e, nessa reação, contou com a tradição católica da sociedade brasileira.

<sup>2</sup> "Manifesto dos educadores mais uma vez convocados" In: GHIRALDELLI JR, Paulo. *História da educação*, São Paulo: Cortez, 1991, p. 152.



A luta ideológica travada em torno das discussões da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional adquiriu aspectos diversos durante os anos 50, mas o estopim do confronto entre os dois grupos foi a proposta dos defensores das escolas privadas de igualdade na distribuição de verbas do Estado para estabelecimentos públicos e privados.<sup>3</sup>

Nessa época o ensino secundário havia perdido o status de privilégio exclusivo das elites. Frequentados por um número crescente de jovens de camadas médias e populares, os cursos secundários apareciam para estes como possibilidade de ascensão social.

## O Prestígio da Escola Pública

Nesse período de lutas em favor da escola pública, a cidade de Curitiba se orgulhava de sediar o estabelecimento padrão de ensino secundário do Estado do Paraná, o "maior colégio da América do Sul": *"O Colégio Estadual era o melhor colégio, pelo menos que a gente sabia, era o melhor colégio público da época, era o melhor colégio público de Curitiba"* (MURIEL).<sup>4</sup>

*"Era um senhor colégio, e nos orgulhávamos de ser alunos do Colégio Estadual. A gente podia dizer: 'estudei, estudo no Colégio Estadual' de boca cheia"* (ELIETE).<sup>5</sup> Diversos depoimentos explicitam esse sentimento de orgulho de ex-alunos

---

<sup>3</sup> Finalmente promulgada em dezembro de 1961, a lei 4.024 que fixava as diretrizes e bases da educação nacional trazia em seu Art. 95 "A União dispensará a sua cooperação financeira ao ensino sob a forma de: c) financiamento a estabelecimentos mantidos pelos Estados, municípios e particulares para a compra, construção ou reforma de prédios escolares e respectivas instalações e equipamentos, de acordo com as leis especiais em vigor." (grifos nossos)

<sup>4</sup> Muriel Mourão Vieira foi aluna do turno da tarde no Colégio Estadual do Paraná, onde cursou o ginásio e o científico de 1957 a 1963.

<sup>5</sup> Eliete Barddal fez o curso científico no Colégio Estadual do Paraná de 1954 a 1956.

e ex-professores de sua vivência no Colégio Estadual do Paraná numa época em que a instituição desfrutava de grande prestígio.

Explica um ex-aluno:

*...aqui em Curitiba o Colégio Estadual do Paraná era único. Então se você dissesse que era do Colégio Estadual do Paraná, só isso já dava o gabarito. (...) Então dava muito orgulho, e ainda dá, [dizer]: "sou do Colégio Estadual!" Você vê são quase 50 anos fora e ainda... (SANSÃO)*

E completa uma ex-professora:

*...naquele tempo não só estudar, mas a gente lecionar, ser professora do Colégio Estadual do Paraná era uma glória. Porque o Colégio Estadual do Paraná, não era só o maior colégio em termos físicos, mas em termos de ensino. Nós lá dentro encontrávamos os professores mais capazes de Curitiba, do Paraná, nomes ilustres, professores competentes, respeitadíssimos! (THEREZINHA).<sup>6</sup>*

A organização do ensino secundário durante os anos 50 era subordinada a padrões e fiscalização federal. O Colégio Estadual do Paraná, assim como todos os estabelecimentos de ensino secundário reconhecidos no país, era diretamente ligado à Divisão de Ensino Secundário do Ministério da Educação. Nos termos da legislação vigente, o Colégio Estadual era um estabelecimento de ensino secundário equiparado, ou seja, era mantido pelo Governo do Estado e autorizado pelo Governo Federal. A equiparação era concedida mediante inspeção federal no estabelecimento e verificação de que este possuía "condições imprescindíveis a um regular e útil funcionamento".<sup>7</sup>

Em uma das inspeções realizadas, o funcionário do Ministério da Educação emitiu o seguinte parecer sobre o Colégio Estadual do Paraná: "o educandário parece ser um dos mais bem instalados no Brasil. Funciona em prédio próprio, especialmente

---

<sup>6</sup> Therezinha Ribeiro do Nascimento foi professora do Colégio Estadual do Paraná durante toda a década de 50. Contratada como professora suplementarista por ocasião da mudança para o novo prédio, mais tarde prestou concurso para o magistério e foi efetivada permanecendo na instituição até se aposentar.

<sup>7</sup> BRASIL. *Lei Orgânica do Ensino Secundário*. Decreto-lei nº 4.244, 09 abr. 1942.

construído para os fins a que se destina. Material didático excelente e em quantidade suficiente."<sup>8</sup>

A rigidez das normas ditadas pela Divisão de Ensino Secundário e a seriedade no cumprimento da legislação colocavam o Colégio Estadual numa posição de destaque em relação a outras instituições de ensino locais. Ou seja, numa época em que as escolas públicas eram consideradas mais sérias do que as escolas privadas, devido ao corpo de professores concursados e à rigidez de suas provas e exames, o Colégio Estadual do Paraná era visto como a melhor entre as escolas públicas do Paraná. "*Naquela época o Colégio era muito respeitado, então realmente dava status [estudar lá]!*" (EDGAR)

Alguns comentários apontam para a disputa entre escola pública e escola privada que permeou a década de 50 no Brasil. Para um ex-aluno "*Aqui tinha aquele negócio dos colégios de elite. O Santa Maria: geralmente classe alta curitibana e cia. era do Santa Maria. (...) E o Colégio Estadual tinha essa vantagem que os outros não tinham, era de graça!*" (SANSÃO)

E uma ex-diretora lembra que "*...existia até entre as meninas às vezes uma certa rivalidade pelo prestígio que o Colégio Estadual, como colégio público, tinha perante a sociedade que também às vezes prestigiava os colégios particulares como o Divina Providência, o Sion, o Sacre-Coeur...*" (ALDA)<sup>9</sup>

Ao comparar o Colégio Estadual do Paraná com outros colégios onde lecionaram naquela época, alguns entrevistados lembram que nos colégios particulares o professor carecia de um certo prestígio. Uma professora comenta que em alguns colégios mais elitistas o professor parecia ser um empregado à disposição dos alunos. O que não acontecia no Estadual, onde os alunos "*respeitavam o professor e faziam as*

---

<sup>8</sup> Parecer da Seção de Prédios e Aparelhamento Escolar do Ministério da Educação e Saúde em 07 mai. 1954 (originais sob a guarda do Arquivo Público - Paraná).

<sup>9</sup> Alda Aracy Möeller foi professora do Colégio Estadual do Paraná a partir de 1950 quando foi contratada como professora suplementarista. Após aprovação no concurso realizado em 1951 foi efetivada como professora do Colégio, onde trabalhou até se aposentar. De 1957 a 1960 foi diretora-auxiliar do turno da tarde.

*tarefas*". Recorda outro professor que, sendo mais maleáveis com relação à legislação, alguns colégios particulares não deixavam em segunda época os alunos com excesso de faltas em educação física. Com essa atitude contribuíam para desprestigiar o professor da disciplina.

Como o desenvolvimento do ensino secundário público não atendia à crescente procura pelos cursos de nível médio no país esta foi atendida, principalmente, pela iniciativa privada. Segundo Geraldo SILVA a expansão do número de estabelecimentos e de matrículas no ensino secundário levou a um progressivo abrandamento da inspeção federal sobre as escolas secundárias. O controle destas tornou-se cada vez mais restrito a aspectos administrativos formais ligados à legislação e à regulamentação em vigor. Falhando na tentativa de submeter a expansão do ensino a padrões mais rigorosos de qualidade, a atuação federal possibilitou "que se estabelecesse uma padronização puramente formal dos ginásios e colégios, por trás da qual havia a diversidade do real. E esta diversidade se traduzia menos pelo elevado padrão de ensino de algumas escolas do que pela nivelação de grande número na mediocridade e na simulação pedagógica."<sup>10</sup>

Comenta um ex-aluno:

*Naquela época a escola pública, o ensino público era mais profundo, era mais competente do que a escola privada. Tanto que naquela época a escola privada consagrava um lema de que "pagou-passou". E o ensino público realmente era algo extremamente selecionável, qualitativo, era a grande escola (CARLOS).<sup>11</sup>*

Outro ex-aluno reforça essa idéia:

*A qualidade do ensino do colégio particular era colocada em suspeição naquela época. Tinha o Partenon que era um colégio que era meio assim... Os únicos que valiam a pena eram o Santa Maria, o Divina, o Sion.. O Sion que era*

---

<sup>10</sup>SILVA, Geraldo Bastos. *A educação secundária: perspectiva histórica e teoria*. São Paulo, Editora Nacional, 1969, p. 332.

<sup>11</sup> Carlos Roberto Antunes dos Santos foi aluno do Colégio Estadual do Paraná, onde cursou o ginásio e o científico no turno da manhã de 1956 a 1962.

*um colégio muito sério... e o Bom Jesus, e o Ateneu que ainda agüentavam alguma coisa. No restante eram escolas de aventureiros... (EDGAR)*

Para os ex-alunos do Estadual ficou a recordação de que os colégios particulares, salvo raras exceções, não tinham um ensino sério e competente. Entretanto, além do Instituto de Educação, caracterizado como uma escola para formação de professoras, os depoimentos não fazem menção aos outros estabelecimentos públicos secundários que funcionavam em Curitiba.

Na imprensa curitibana eram freqüentes as referências ao Colégio. Avisos sobre dias de matrículas, de exames, de entrega de boletins ou de reinício das aulas, assim como convocações para reuniões da Congregação, reuniões da Associação de Pais ou convites para comemorações cívicas ou festas apareciam constantemente nos jornais. As diversas notícias sobre competições esportivas, apresentações do coral e outras atividades desenvolvidas no Colégio Estadual do Paraná vinham sempre acompanhadas de elogios à instituição e as inovações introduzidas no Colégio eram apresentadas como elementos "necessários à escola moderna".

Durante toda a década de 50, anualmente, centenas de jovens nos diversos Estados do Brasil prestavam exame de admissão ao ginásio nos estabelecimentos oficiais. No Colégio Estadual do Paraná o exame era bastante concorrido e as listas com os nomes dos aprovados eram divulgadas pelos jornais curitibanos. Em 1952, por exemplo, dos 627 candidatos inscritos para fazer o exame somente 290 lograram aprovação.<sup>12</sup>

*"Fiz o exame de admissão, que era considerado um vestibular. Quem passava no Estadual naquela época era considerado reizinho!" (SILVÉRIO)<sup>13</sup>*

As instruções relativas ao exame de admissão eram ditadas pela Diretoria de Ensino Secundário do Ministério da Educação para todos os estabelecimentos oficiais de

---

<sup>12</sup> PARANÁ. *Relatório da Secretaria de Educação e Cultura, 1952* (Biblioteca Pública do Paraná - Seção Paranaense).

<sup>13</sup> Silvério Rodrigues foi aluno do Colégio Estadual do Paraná, onde fez o curso ginasial no período de 1953 a 1958. Frequentou o turno da manhã e o turno da noite.

ensino do país. Estas instruções especificavam desde a época de inscrição dos candidatos para o exame e documentos necessários à realização das provas - orais e escritas - programas das disciplinas, tipos de questões a serem formuladas, pontuação, e outros itens nos mínimos detalhes.<sup>14</sup>

A aprovação no disputado exame de admissão ao ginásio do Colégio Estadual do Paraná incluía até um "ritual de passagem", o trote. A tradição do trote remonta aos tempos do prédio da Ébano Pereira e, nas lembranças de alguns ex-alunos, era absurdo e às vezes violento.

*...por exemplo quando você ingressava lá, você tinha que medir o muro com palitos. Você era bicho, e se você reclamasse, quebravam no meio o palito. Tinha que contar tudo de volta. O trote era esse e [levar] tapa na cabeça. E se você chorasse, você apanhava mais. Aí acontecia que você, no outro dia vinha com a mãe. Então a mãe ia lá, a direção vinha e te chamava a atenção e tal. No outro dia você apanhava mais [dos veteranos] (SILVÉRIO).*

O calouro era "bicho" e devia obediência aos veteranos. Essa prática, ao que tudo indica, restringia-se aos rapazes. As ex-alunas entrevistadas não recordam de nenhuma espécie de trote para as calouras.

O exame de admissão e o trote no Colégio Estadual do Paraná remetem-nos aos vestibulares disputados por milhares de jovens atualmente. *"O Estadual tinha um exame de admissão rigorosíssimo, que a gente fazia cursinho preparatório para poder fazer o exame de admissão"* (EDGAR). O rigor das provas dos exames de admissão dos anos 50, que levavam os alunos a freqüentarem cursinhos preparatórios, aponta para o caráter altamente seletivo do ensino secundário naquela época.

*"Como era um colégio bom e era público, as pessoas de classes mais baixas também estavam lá. Embora o exame de admissão fosse muito rígido, então quem não estava preparado não entrava..."* (MURIEL)

Assim, apesar de abrir espaço para alunos de diversas camadas sociais, por sua tradição e seus níveis de exigências, o Colégio Estadual do Paraná não se

---

<sup>14</sup> BRASIL. Portaria nº 501 do Ministério da Educação e Cultura. 19 mai. 1952.

caracterizava como uma escola para alunos de camadas populares. Mas eles "também estava lá".

*[Aluno] pobre propriamente não [tinha]. Eram mais assim remediados, quer dizer, a mãe era lavadeira (...), pai era vendedor dessas coisas na porta do cinema, mas eram poucos. A maioria era mesmo da classe já formada: médicos, engenheiros, advogados, etc. Mas não havia distinção nenhuma. Nenhuma, nenhuma. Como também professores que trabalharam ali, que vieram também da classe remediada, que iam estudar comigo lá na universidade com um sacrifício danado, porque naquele tempo pagava a universidade, era pago (ALBANO).<sup>15</sup>*

Acrescenta uma ex-aluna:

*Olha, tinha alunos pobres e tinha alunos da alta sociedade, sabe? Eu sei porque a gente conversava, a gente via a maneira deles se trajarem, a roupa que eles usavam. (...) Então tinha a filha do prof. Sandoval, ela foi minha colega e até casou com um colega nosso, (...) eu não lembro mais o nome dele, mas então a gente sabia que eram filhos de professores que estavam lá, tinha gente da alta sociedade sim, e tínhamos nós, que a única maneira de subir na vida era estudar (HALINA).<sup>16</sup>*

Nas lembranças de outro ex-aluno, os alunos do Estadual

*...geralmente eram pessoas de classe média para baixo. Você tinha, claro, tinha alunos de posses, mas eram raros, muito poucos. No Estadual era classe média baixa e as faixas menos favorecidas da população. Eu sei por causa dos colegas que eu tinha. A gente conversava muito a respeito de, enfim, do meio em que nós vivíamos, etc. Eu tinha, por exemplo, colegas no Colégio Estadual que moravam, hoje a gente chama favela, chamavam barracos na época. Barracos aqui onde hoje é a rodo-ferroviária. Eu tinha colegas que estudavam no Estadual e que moravam naqueles barracos lá. (...) Claro que tinha alunos de posses, mas raros, muito raros. Geralmente os estudantes de mais posses estudavam nos colégios particulares: era Iguaçu, Santa Maria, Novo Ateneu... Mas geralmente o Estadual se caracterizou muito pelo atendimento a uma clientela de classe média baixa. (...) Muitos não usavam sapatos, vinham de alpargatas roda, a gente chamava alpargatas na época... (CARLOS)*

---

<sup>15</sup> Albano Woiski foi aluno do Ginásio Paranaense e, após o concurso de 1951, foi efetivado como professor do Colégio Estadual do Paraná, onde trabalhou até se aposentar.

<sup>16</sup> Halina Paul começou o curso ginasial na seção feminina do Ginásio Paranaense em 1948. De 1950 a 1954 frequentou o novo prédio do Colégio Estadual do Paraná, onde fez as últimas séries do ginásio e o curso clássico. Estudou no turno da manhã e no turno da noite, participou do Centro Estudantil do Colégio e publicou diversos artigos no jornal estudantil.

As transformações sociais dos anos 50, aliadas aos atrativos das novas instalações do Colégio, ou mesmo ao status de "maior colégio da América do Sul", provocaram o aumento da procura por matrículas na instituição ao longo da década e produziram mudanças no perfil do seu corpo discente.

Lembra um aluno que já estudava no Colégio antes da transferência para o prédio novo:

*[no prédio velho] nós tínhamos o filho do leiteiro, eu era filho de representante comercial, o pai do Dipp era funcionário não graduado do Ministério da Agricultura... Depois lá no novo já foi melhorando. Porque dali, no Colégio novo já veio muita gente que já pôde (...) Mas lá no Colégio velho era mais ou menos nessa base assim, o pessoal do... não era bem salário mínimo, não seria o caso, porque todos eles tinham casa ou casa bem alugada (SANSÃO).*

Uma ex-diretora do final da década confirma:

*nós fizemos uma espécie de levantamento socioeconômico, até não sei bem qual era a finalidade (...) e nós começamos a perceber o seguinte: que nesse aspecto de classe, a classe média, não só a classe média como a classe média alta, começou a procurar muito o Colégio Estadual (ALDA).*

Os depoimentos apontam também para a diversidade de condições socioeconômicas entre os alunos dos diferentes turnos:

*Havia uma certa diferença entre os alunos da manhã e os alunos da noite. Os da manhã eram mais abonados, da classe média alta, e os da noite eram alunos que inclusive já trabalhavam. (...) O turno da tarde, do ponto de vista socioeconômico, era misto. Havia moças que a gente sabia que eram de famílias abonadas e havia moças que vinham da periferia de Curitiba. Só que a periferia de Curitiba hoje é o centro de Curitiba, não é Sítio Cercado... Era ali por perto do Prado Velho, por ali, ou pelo Bacacheri, isso era a periferia de Curitiba nessa época. (...) À noite, às vezes na minha aula, eu via alunos mal vestidos... eram alunos que trabalhavam durante o dia e chegavam cansados, sentavam-se e dormiam... às vezes era difícil, era mais difícil dar aula à noite para alunos menos abonados, porque tinha que manter sempre o interesse deles porque*



*estavam cansados, do que dar para os alunos do turno da manhã que eram mais abonados e mais exigentes (CECÍLIA).<sup>17</sup>*

Outra professora confirma que

*... estudavam lá filhos de funcionários públicos, filhos de deputados, o nível era assim de alunos de bom nível. Agora claro tinha também os assistidos. (...) eles faziam uma assistência para o aluno mais necessitado. Ele ganhava uniforme, ele ganhava merenda... Eles tinham um programa de assistência também na Orientação Educacional. (...) eles podiam assistir bem porque eram muito poucos. Por exemplo, as turmas que eu tive, que eram as turmas das moças da tarde - que eu tive mais as turmas das moças - o nível socioeconômico delas era média alta. Agora os da noite já era média baixa. De manhã era classe média alta também, os rapazinhos (...). Então os pais levavam de carro, tinham um nível bom de vida (MARIA OLGA).<sup>18</sup>*

Essas diferenças resultavam em desigualdade também no ensino ministrado.

Segundo um ex-aluno, no turno da noite *"eles afrouxavam mais. Você vinha do trabalho prá aula já meio cansado. Uns faziam lanche, outros não (...) você trabalhar o dia inteiro e depois assistir aula até às 10 da noite, a coisa era meio puxada. Então era mais liberado, eu diria. Os professores da noite liberavam mais"* (SILVÉRIO).

Com a mudança para o novo prédio e o aumento significativo do número de alunos, muitos professores novos foram contratados para trabalhar no Colégio Estadual do Paraná.

*Era difícilimo entrar no Colégio Estadual, porque naturalmente já existia um grupo formado de professores. Então nós éramos contratadas como professoras suplementaristas. E professor suplementarista no início, naquela fase de 50, tendo em vista dificuldades do governo, principalmente, recebiam por aulas dadas. E os ordenados atrasavam... Então a gente geralmente lecionava no colégio público, o Colégio Estadual era o máximo que existia aqui, e também nas horas vagas dava aulas em outros colégios [particulares] para ter o firme (ALDA).*

---

<sup>17</sup> Cecília Maria Westphalen foi aluna do Colégio Estadual do Paraná no prédio da rua Ébano Pereira, onde fez o curso clássico, e professora no prédio novo. Começou a trabalhar como suplementarista e, efetivada após o concurso de 1951, permaneceu como professora do Colégio até se aposentar.

<sup>18</sup> Maria Olga Mattar foi professora do Colégio Estadual do Paraná desde o início da década de 50, quando foi aprovada no concurso para o magistério, até se aposentar.

Ao final de seu governo, Moysés Lupion efetivou centenas de professores suplementaristas. O governador eleito, Bento Munhoz da Rocha, anulou as nomeações do governo anterior e realizou um concurso público para o magistério em julho de 1951. Os aprovados no concurso foram efetivados como professores do Estado. Quem obteve boa classificação conseguiu ser nomeado para trabalhar no Colégio Estadual do Paraná e *"era uma aspiração dos licenciados de qualquer área lecionar no Estadual."* (MARIA OLGA).

*Também no Colégio Estadual velho os professores na maioria eram catedráticos, era gente que defendia tese para poder ser professor. O prof. Ribeiro, acho que defendeu, o prof. Buttler... muita gente defendia tese. Houve um tempo que era só nomeação, depois voltou outra vez o sistema do governo fazer concurso e o professor ser nomeado (SANSÃO).*

Segundo outro ex-aluno

*... o ensino público era de melhor qualidade e o Estadual dentro do ensino público era o melhor. Era exatamente isso. E isso se refletia em vários aspectos. Não só pelas dimensões do Colégio, mas pelo corpo de professores que, geralmente, eram alguns deles também atuantes na Universidade. (...) E depois também os professores eram todos eles de carreira por concurso público de provas e títulos, então o Estadual se caracterizava por ter os melhores professores, os professores mais enérgicos (CARLOS).*

Relata uma ex-diretora:

*Tínhamos professores extraordinários, dedicados, competentes, assíduos. Uma das coisas, por exemplo, que a direção fazia era a freqüência dos professores. Nós tínhamos que fiscalizar e nós fiscalizávamos rigorosamente. Os professores que faltavam a gente ia lá conversar, saber a razão. Saber a razão, por exemplo, da falta de pontualidade. Tudo isso era super fiscalizado! Que a direção não fiscalizava só aluno, a direção fiscalizava o professor também! (ALDA)*

Ao buscar as lembranças dos entrevistados sobre o Colégio Estadual do Paraná fica claro que o presente "é o ponto de partida para rememorar o passado.

Voltar no tempo é um exercício que necessita de um constante ir e voltar".<sup>19</sup> Ao relatarem suas lembranças sobre a instituição de ensino os entrevistados constantemente se reportam à sua vida presente e à situação recente da educação.

*Eu acho que naquele tempo o professor era mais valorizado. Antigamente eu me lembro quando eu dizia, eu dizia com orgulho, que era professora do Colégio Estadual do Paraná. Prá mim era o máximo! Hoje você não vê um professor enchendo a boca para dizer que é professor! (THEREZINHA)*

O "ser professor" naquela época tinha valor social bem diferente da atualidade. O professor era mais valorizado não apenas em termos salariais, mas pelo status decorrente do próprio exercício da profissão.

*Ser professor no Colégio Estadual nessa época era pertencer à elite intelectual de Curitiba. O Colégio Estadual tinha, não quero dizer mais, maior, mas tinha uma reputação que a Faculdade de Filosofia não havia adquirido ainda. A Faculdade de Filosofia ela foi federalizada em 1950, aí é que houve a ampliação dos quadros, houve melhoria das condições de trabalho, então aí é que começou a construção do renome da Faculdade de Filosofia, que ela vai aos poucos alcançando. (...) O Colégio Estadual é que forneceu os quadros para a Universidade, isso já desde o tempo do Ginásio Paranaense (CECÍLIA).*

Mesmo comentando que alguns professores "perdiam o controle das turmas porque não estavam preparados para dar aulas" ou que "havia professores que eram um terror", os ex-alunos entrevistados geralmente guardam uma imagem muito positivas de seus ex-professores. "Eu tenho boas lembranças do Estadual. Eu tive professores excelentes, muito bons, e não lembro de ter tido professor assim ruim, não me lembro, todos eles eu aproveitei muito" (HALINA). Ou até mesmo: "E tive sorte com os professores! (...) tinha professor assim que nós uivávamos de entusiasmo, sabe? O prof. Esmanhotto é um deles, era muito bom professor, o prof. Sandoval Ribas, Sandoval era um espetáculo também!" (SANSÃO)

Ressalta a ex-aluna:

---

<sup>19</sup> SANTOS, Antonio Cesar de Almeida. *Memórias e cidade: depoimentos e transformação urbana de Curitiba (1930-1990)*. Curitiba: UFPR, 1995 (dissertação de mestrado), p. 55.

*Mas naquela época todos os nossos professores eram figurões da sociedade, eles não eram professores de matemática, professores de história, eram pessoas que gostavam de matemática, de história, gostavam de latim, entendeu? Então eu tive sorte de ter professores assim, que eram os expoentes da sociedade e cultos, pessoas muito cultas (HALINA).*

Com a criação das Faculdades de Filosofia, a partir dos anos 30, começaram a ser diplomados no Brasil os primeiros professores licenciados para o ensino secundário. Estes, além da formação nas disciplinas específicas de seu curso universitário, recebiam uma complementação pedagógica visando habilitá-los para o exercício do magistério.<sup>20</sup>

O atendimento à demanda de professores, causada pela acelerada expansão do ensino secundário, tornou-se a principal função da maioria das Faculdades de Filosofia. Geraldo SILVA aponta que isso ocorreu sem que muitas faculdades atingissem um padrão satisfatório na formação de professores. Além disso, para suprir o desequilíbrio na oferta de professores para as diversas especialidades, passou a ser concedido ao licenciado o registro para o ensino de qualquer disciplina estudada por ele durante o curso. Essas improvisações na formação do professorado para o ensino secundário progressivamente apresentaram reflexos na qualidade do ensino.<sup>21</sup>

A formação de professores para o ensino secundário através das Faculdades de Filosofia transformou aos poucos os quadros docentes das escolas secundárias que, anteriormente, eram constituídos de egressos de outras profissões, autodidatas, ou, nas lembranças da ex-aluna, *"figurões da sociedade", "pessoas muito cultas"*.

Como a direção do Colégio Estadual era cargo de confiança do Governo do Estado, a escolha do diretor era feita pelo governador, "recaindo sempre num professor estável do Colégio indicado em lista tríplece pela Congregação".<sup>22</sup> Por ser uma escola oficial e "padrão", o diretor gozava de bastante autonomia em relação ao sistema

---

<sup>20</sup> ARANHA, Maria Lucia de Arruda. *História da educação*, São Paulo: Moderna, 1989, p. 244-245.

<sup>21</sup> SILVA., p. 408-409.

<sup>22</sup> COLÉGIO ESTADUAL DO PARANÁ. *Relatório dos Serviços de Inspeção para fins de equiparação do 2º ciclo apresentado ao Diretor da Divisão de Ensino Secundário do MEC em 1953* (originais sob a guarda do Arquivo Público - Paraná).

educacional estadual, sendo vinculado diretamente à Inspetoria do Ministério da Educação que funcionava no prédio do Colégio.

Quando Moysés Lupion assumiu o governo do Estado em 1946 nomeou como diretor do Colégio Estadual do Paraná o prof. Adriano Gustavo Carlos Robine. Este dirigia o Colégio na ocasião da mudança para o novo prédio e permaneceu na direção até 1951. Com a eleição do novo governador, Bento Munhoz da Rocha, voltou à direção do Colégio o prof. Francisco José Gomes Ribeiro, que já havia sido diretor de 1939 a 1946, durante o governo do Interventor Manuel Ribas, e teve grande influência na construção do novo prédio. Em 1956 assumiu como diretor do Colégio Estadual o prof. Ulisses de Mello e Silva, nomeado por Moysés Lupion que foi eleito novamente governador.

Lembra a orientadora educacional:

*Eu justamente peguei a época do prof. Ulysses que foi uma época que daí foi uma revolução mesmo, em tudo! Porque o prof. Ribeiro era muito enérgico e o prof. Robine muito liberal. [O prof. Ulisses] foi muito bom diretor... Não sei, a gente é meio parcial, mas foi ele que projetou o Colégio assim... no sentido de disciplina, de educação e tudo (ELOAH).<sup>23</sup>*

Nas lembranças de um ex-aluno o prof. Ribeiro como diretor era

*...extremamente enérgico, extremamente enérgico, mas distante. (...) o Ulysses foi o, digamos assim, que mais tentou se aproximar dos estudantes. Agora o Ribeiro era extremamente ausente (...) ele não tinha assim uma presença marcante no cotidiano do colégio não. Ele administrava o Colégio de uma forma assim monárquica. Essa era a impressão que a gente tinha do diretor, que era uma coisa inalcançável (CARLOS).*

De temperamento mais liberal, o prof. Robine dava abertura à influência pedagógica escolanovista que, através do movimento de renovação da educação brasileira, permeava o contexto educacional da época.

---

<sup>23</sup> Eloah Guimarães Almeida trabalhou na Orientação Educacional do turno da tarde do Colégio Estadual do Paraná a partir de 1957.

Já o prof. Ribeiro, de personalidade marcante, era enérgico e rigoroso na direção do Colégio e adepto da educação dentro de uma pedagogia tradicional. Era professor catedrático do Colégio e foi diretor no prédio velho e depois no novo.

Lembra uma ex-professora:

*Havia um mito no Colégio Estadual que era o autoritarismo do professor Ribeiro. Eu fui aluna no tempo que o Ribeiro era diretor. Então, ali [no prédio da Ébano Pereira] ele chegava e (...) ele tinha uma voz tonitroante: "Que barulho é esse?" Silêncio total. Mas lá no Colégio Estadual novo ele não podia fazer isso. Naquela amplidão não dava! Mas só o fato dele estar lá na sala da direção fazia com que muita coisa, muita algazarra, não houvesse (CECÍLIA).*

O prof. Ulisses foi professor do Colégio Estadual e Inspetor Federal antes de assumir a direção. Considerado exigente e rigoroso, sua administração caracterizou-se pela descentralização. Foi durante o seu período na direção que cada turno passou a ter um diretor-auxiliar.

A administração do Colégio durante a década de 50 levou a marca dos diversos diretores tanto no que diz respeito às suas características pessoais quanto à orientação pedagógica por eles adotada.

## Uma Educação Modelar

Por ocasião da inauguração do novo prédio do Colégio Estadual, o Governador Moysés Lupion afirmava que, por suas proporções, aquele estabelecimento de ensino era o maior do país, completando:

*Mas não desejamos, de nenhum modo, que tal obra tenha seu sentido apenas em sua grandeza material. Com a preocupação de fazer dela um centro educativo à altura de suas proporções, para que o espírito da organização seja igualmente modelar, não só estamos procurando aparelhá-la materialmente, do melhor modo*

como ao lado disso, estamos procurando fazer viver nela um organismo adequado a uma plena educação da juventude que nela procure a sua educação.<sup>24</sup>

As fontes indicam que a preocupação de fazer do Colégio Estadual do Paraná "um centro educativo à altura de suas proporções" marcou significativamente a década de 50. Nos discursos da época eram freqüentes as referências elogiosas ao Colégio, de tal modo que a expressão "maior colégio da América do Sul" muitas vezes parece não se referir ao espaço físico do estabelecimento, mas ao seu valor como instituição educativa.



Fig. 8: Colégio Estadual do Paraná, Curitiba, final da década de 1950.

O contexto pedagógico permeado pela influência escolanovista estimulava a introdução de novidades didáticas. Dentro dessa concepção pedagógica, para fazer frente às rápidas transformações sociais, políticas e econômicas causadas pela crescente industrialização, a escola não poderia mais ser apenas mera transmissora de conhecimentos

---

<sup>24</sup> PARANÁ. **Mensagem** apresentada pelo Senhor Moysés Lupion, Governador do Estado, à Assembléia Legislativa em 1950 (originais sob a guarda do Arquivo Público - Paraná).

acumulados, mas deveria preparar o homem para acompanhar o dinamismo da sociedade. Para tanto, a aprendizagem não deveria se limitar aos aspectos intelectuais, mas incluir jogos, exercícios físicos e práticas diversas visando desenvolver habilidades, hábitos e atitudes.

*O que atraía no Colégio Estadual era a promessa de algo novo, algo grandioso. Aquilo nos fascinava, (...) o colégio, como eu já disse, modelo da América do Sul, o colégio que vai ter todos os esportes... Esporte aquela época não existia, então de repente, você pensar em fazer esporte, [era] uma coisa nova, diferente. O colégio vai ser misto, ah, a gente só estava acostumada em colégio feminino (risos) era diferente... Então, de repente, foi uma coisa que empolgou à época... Você se entusiasmava que não você pensava em outra coisa. Era o Colégio Estadual a tua meta, o teu objetivo era lá, o Colégio Estadual... (ROSELIS)*

Contrastando com o prédio da rua Ébano Pereira, com apenas 12 salas distribuídas em dois pavimentos, a amplidão do novo prédio e o grande número de alunos tornavam o Colégio Estadual do Paraná um "mundo novo" para alunos e professores.

*O prédio aqui da Ébano Pereira [que sediava o Colégio Estadual] é um prédio muito bonito, amplo, mas já estava muito acanhado. O Instituto de Educação também era grande, bonito, mas também acanhado, muitos alunos. E o Colégio Estadual era aquele espaço, aqueles corredores, aquela amplidão... (CECÍLIA)*

O novo espaço físico, possibilitando a realização de experiências pedagógicas diversas, contribuiu para que a instituição assegurasse sua tradicional relevância no cenário educacional paranaense. Os depoimentos de ex-alunos e ex-professores revelam as lembranças dos entrevistados sobre o nível do ensino ministrado na instituição durante os anos 50.

*O Colégio Estadual era um dos melhores colégios em termos de ensino, de disciplina, e o colégio melhor aparelhado, não só aqui de Curitiba, era melhor aparelhado em todos os sentidos. Por exemplo, na área de ciências, em termos de laboratórios e tudo, na arte, na parte de esportes, o Colégio Estadual nos jogos estudantis geralmente era quem vencia, então ele era assim o melhor dos melhores ensinos que tinha mesmo em Curitiba (THEREZINHA).*

Completa outra ex-professora:



*Naquele tempo, nós sentíamos muita gratificação e até hoje nós temos consciência de que foram os anos, para usar uma expressão da época, os anos dourados do Colégio Estadual do Paraná. Os bons professores eram os do Colégio Estadual do Paraná. A vida do Colégio Estadual tinha uma dinâmica que nós todos nos integrávamos, fazíamos seminários, reuniões de professores, mesmo reuniões sociais dos grupos de professores. Enfim, havia um clima de muita alegria no Colégio Estadual. Todos... trabalhávamos satisfeitos, alegres. A impressão pessoal minha é essa. (...) Era um colégio, eu não tenho medo de dizer, e nem de errar, era um colégio que nessa década de 50 e início de 60 apresentava um ensino de nível universitário (CECÍLIA).*

Nas lembranças dos entrevistados, não apenas a dimensão do novo prédio, mas o corpo de professores e a rigidez do ensino, "*perante a sociedade, pesava muito. Entrar no Estadual significava realmente fazer um ensino de qualidade*" (CARLOS).

"O ensino era sério, havia prova de segunda época e reprovações", lembra outro ex-aluno. O sistema de avaliação dos alunos do ensino secundário, que incluía provas mensais, parciais, prova final (oral e escrita) e exame de segunda época era minuciosamente detalhado pela legislação.

"As provas eram provas mensais e eram provas escritas, só as provas finais que eram orais, você fazia prova oral, sorteava ponto, tinha uma banca... Você ia e sorteava um ponto, caiu o ponto X, um membro da banca fazia perguntas para você, depois você ia pro outro, eram três" (CARLOS).

As normas do Ministério da Educação estabeleciam desde a época em que deveriam ser realizadas tais provas, assim como a duração de cada uma delas, o número de pontos e assuntos sorteados e até o tipo de papel a ser usado para as provas escritas. Discriminava também o peso que deveria ser atribuído a cada uma das provas e exames e os casos em que se poderia conceder segunda chamada aos alunos que não comparecessem para realizá-los.<sup>25</sup> O fiel cumprimento dessas rígidas instruções, válidas para todos os cursos de ensino secundário do país, contribuíam para garantir à instituição o status de estabelecimento de ensino sério e competente.

---

<sup>25</sup> BRASIL. Portaria nº 501 do Ministério da Educação e Cultura. 19 mai. 1952.

Jovens de outras localidades vinham para Curitiba para estudar no Estadual e, com isso, preparar-se para o vestibular. Nas lembranças dos entrevistados quase todos os alunos do Colégio Estadual do Paraná, saindo do 2º ciclo do secundário, passavam no vestibular sem fazer cursinho. *"Naquela época quase ninguém fazia cursinho. Um ou outro fazia cursinho na minha turma... e a grande maioria entrou direto na Universidade"* (CARLOS).

*Realmente era um colégio que inspirava muito respeito. Tanto que daquelas nossas turmas todas o pessoal entrava na faculdade direto, meio sem problema. Não tinha essa preocupação de hoje em dia... Havia os cursinhos e tudo, mas o nosso aproveitamento terminando o colégio era muito bom... depois é que o colégio decaiu* (EDGAR).

Um ex-aluno, que morava em São Paulo antes de entrar para o Colégio Estadual do Paraná, ressalta o *"excesso de liberdade"* que sentia no Colégio logo no início da década. Ele compara com o estabelecimento que freqüentava em São Paulo, onde cada aluno tinha uma caderneta para anotações e controle de entrada e saída: *"E aqui, no Estadual, era uma beleza, não tinha nada disso. Se quisesse assistir a primeira aula assistia, se quisesse assistir a terceira aula assistia. Se não quisesse assistir nenhuma aula não assistia, porque não tinha a tal da caderneta"* (SANSÃO).

Uma aluna da primeira metade da década comenta:

*Eu, como sempre havia estudado em colégio de freiras, eu senti no começo, uma coisa pessoal, um receio, porque chegar num local com tanta gente, alvoroço... (...) o colégio de freiras é todo programadinho, tudo na campainha, sempre alguém no pátio olhando... Ali [no Estadual] a gente ficava solto no pátio. Tinha as pessoas que cuidavam de portões e tudo, mas era uma coisa mais... discreta* (HELENA).

Os comentários de alunos do início da década sobre a disciplina do Colégio Estadual contrastam com os depoimentos de alunos que freqüentaram o Colégio alguns anos depois:

*"Elas [as inspetoras] ficavam no corredor vendo se a pessoa estava uniformizada, depois não deixavam fazer bagunça. A pessoa entrava na sala, tinha que ficar dentro da sala, não podia sair... essas coisas..." (MURIEL)*

O papel dos inspetores, lembra outro ex-aluno, *"era de fiscalizar os corredores. Quando o professor não vinha ele tinha que tirar os alunos da sala e levar para o pátio, não deixar fazer bagunça. E controlar também no pátio: saía briga, um toma o caderno do outro, aquela coisa assim, coisa de menino"* (SILVÉRIO).

Nos casos de indisciplina, os inspetores encaminhavam os alunos para a direção do Colégio que, conforme o caso, aplicava alguma penalidade. *"Havia no Estadual penalizações severas: suspensão, você ficar de castigo na sala do diretor, era muito comum isso, suspensão... Expulsão, eu conheço um caso só"* (CARLOS).

O Regimento Interno do Colégio previa sete tipos de penalidades para os alunos. De acordo com a gravidade da falta cometida, as penas disciplinares variavam desde "advertência particular feita pelo chefe do Departamento de Orientação Educacional" até "suspensão por um ou dois anos".<sup>26</sup>

*Mas de uma forma geral existia disciplina sim, e as brincadeiras que ocorriam conosco nem por perto chegam ao que fazem atualmente!... As nossas brincadeiras eram brincadeiras infantis, de uma forma geral, mas existia muita disciplina. Principalmente a época de ginásio, eu me lembro, todas as turmas muito bem comportadas. Você quando subia para as salas de aula você tinha que subir em silêncio porque tinha inspetor em cada esquina, digamos assim, e que acompanhavam. Qualquer coisa eles chamavam a atenção* (ROSELIS).

No final da década, a vigilância não se restringia ao interior da instituição. *"A gente às vezes ia buscar menina que gazeava aula em matinê de cinema"*, conta uma professora que esteve por alguns anos à frente da Orientação Educacional. *"Porque os pais, naturalmente, exigiam que os alunos fossem às aulas, e às vezes eles não iam, então havia um acordo (...) e os encarregados das portarias dos cinemas não permitiam que as meninas, por exemplo, fossem à tarde nas matinês"* (ALDA).

---

<sup>26</sup> COLÉGIO ESTADUAL DO PARANÁ. *Regimento Interno* aprovado pela Congregação em 16 de junho de 1953 (originais sob guarda do Arquivo Público - Paraná).

O eficaz cumprimento das normas disciplinares, obtido através de mecanismos diversos, produz o seguinte comentário de uma ex-diretora de turno: *"de uma maneira geral, os alunos eram disciplinados, eu tenho a impressão que já era o todo lá do colégio que inspirava assim uma certa..."* (ALDA)

Entretanto, afirma um ex-aluno: *"[a disciplina] era rígida mas mesmo assim as coisas aconteciam, assim até de forma violenta. Bombas dentro do banheiro, roubo de bicicletas..."* (SILVÉRIO)

Recorda outro:

*Eu me lembro de um dos momentos marcantes da direção do Ulisses, foi quando entrou no Colégio Estadual uma brincadeira, uma coisa que passou a acontecer muito cotidianamente, que era os meninos fumarem e colocarem na ponta do cigarro uma bomba. E deixar o cigarro aceso, com a bomba amarrada na ponta. Então o cigarro vai queimando e, de repente quando chega na bomba, ele explode e daí ninguém... você não consegue identificar os autores... Porque você não vê ninguém jogando a bomba, ela vai explodir depois. E isso acontecia nos banheiros e geralmente quando acontecia quebrava os ladrilhos. E aí eu me lembro que o Ulisses fez uma espécie de sindicância [para descobrir os culpados]* (CARLOS).

A influência escolanovista, presente nos meios educacionais brasileiros permeava a prática de muitas instituições de ensino. Dentro desse processo, o Colégio Estadual do Paraná, nesse período, abriu-se a diversas inovações pedagógicas. Entretanto, se por um lado havia a tentativa de renovação e implantação de uma nova didática, por outro lado mantinha-se o modelo de disciplina escolar da pedagogia tradicional.<sup>27</sup>

Na tendência pedagógica caracterizada como "tradicional", o ensino é centrado no professor e na transmissão de conteúdo, sendo ministrado através de aulas expositivas.<sup>28</sup> Lembra um ex-aluno do Ginásio Paranaense: *"Os professores do antigo*

---

<sup>27</sup> Analisando a educação de mulheres no Instituto de Educação de Porto Alegre, Guacira Lopes LOURO afirma que aquela instituição também fazia uma curiosa combinação de escola moderna e tradicional. Ao mesmo tempo em que se mantinha em dia com as inovações educacionais, através de práticas diversas fortalecia a imagem de instituição fiel à tradição (LOURO, Guacira Lopes. *Prendas e antiprendas: uma escola de mulheres*, Porto Alegre: UFRGS, 1987).

<sup>28</sup> Sobre concepções pedagógicas presentes na prática escolar ver, entre outros: LIBÂNEO, José Carlos. "Tendências pedagógicas na prática escolar" In: *Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-*

*Ginásio eles eram mais oradores. (...) Todos eles eram titulados, tinham que fazer concurso e coisa e tal, mas eles não tinham a menor noção da pedagogia. Não tinham a mínima noção! Nem de educação! Para eles havia instrução" (ALBANO).*

Dentro dessa concepção, a disciplina imposta é o meio mais eficaz para assegurar a atenção e o silêncio durante as aulas. Assim...

*...tinha professor que a gente tinha que ouvir e ficar bem quietinha, não podia falar. Geralmente a gente não contestava o professor, sabe, não criava nenhuma celeuma. A gente conversava com eles sobre uma curiosidade... eram conversas mesmo sobre a matéria. Não era assim nada para discutir, para criar caso, porque a gente estava lá para aprender e não tinha essa informação que hoje existe pela televisão (HALINA).*

Junto com a crítica ao viés intelectualista e elitista do ensino tradicional, algumas idéias de renovação do ensino começaram a ganhar espaço no Colégio Estadual do Paraná. Uma ex-professora acentua que, enquanto no Instituto de Educação foi marcante a influência do movimento da Escola Nova, *"no Estadual, chegou o eco, porque muitos professores do Instituto de Educação eram também professores do Estadual. Muitos lecionavam nos dois" (MARIA OLGA).*

Na concepção escolanovista o ensino deve ser centrado no aluno e em seus interesses, havendo uma grande preocupação com a natureza psicológica do educando. A aprendizagem não se restringe aos aspectos intelectuais, mas visa também a aquisição de habilidades e atitudes. A disciplina, em contraposição à rigidez da escola tradicional, deve ser voluntária como resultado do estímulo ao desenvolvimento da responsabilidade e do espírito crítico do aluno.

Contraditoriamente, no Colégio Estadual do Paraná, à medida em que se buscava renovar a educação, aumentavam as exigências disciplinares.

Durante os anos 50, dentro da idéia de que uma "escola moderna" deveria visar a formação integral do estudante, a centenária instituição de ensino esteve aberta a

inúmeras atividades esportivas, culturais e sociais. São deste período a criação do Serviço de Orientação Educacional e do Centro Estudantil e a implementação de atividades extra-classes como aulas de teatro, coral, escolinha de arte e recreação orientada.

*... o Estadual foi extremamente avançado pra época. Claro, pelo fato de ter essa infra-estrutura [para a prática de esportes], o Estadual conseguiu formar equipes de alta qualidade. O Estadual tinha a melhor equipe de futebol, nós éramos campeões intercolégiais em futebol, natação, em natação principalmente, em basquete, em vôlei. O vôlei feminino do Estadual, chegou até mesmo a disputar com algumas equipes, de tão bom que era o vôlei feminino no Estadual. (...) Então eu acho que essa parte, aquelas quadras, aquilo o Estadual explorou ao máximo numa época em que isso não tinha muito, digamos assim, não era muito competitivo, porque o Estadual era o melhor em tudo isso, sem dúvida: atletismo, futebol, basquete, vôlei, natação era imbatível (CARLOS).*

O Centro Estudantil do Colégio Estadual do Paraná (CECEP), criado em 1951, tinha uma diretoria e vários departamentos - cultural, esportivo, feminino, artístico, entre outros - os quais variavam de acordo com a diretoria eleita.

O Departamento de Imprensa era responsável pela publicação do jornal "O Colégio Estadual do Paraná", que se intitulava "órgão oficial do Centro Estudantil do Colégio Estadual do Paraná". O jornal apresentava geralmente, além do diretor, um redator-chefe e diversos colaboradores. As matérias publicadas caracterizavam-se pela diversidade: notícias sobre o colégio, avisos sobre concursos promovidos pelo CECEP, poesias, contos, biografia de personagens ilustres de diversas áreas do conhecimento, discussões sobre literatura, sessões recreativas, páginas femininas, etc. Ao pedir a colaboração dos colegas, o jornal era apresentado como um complemento prático das aulas, onde os estudantes podiam apresentar, direta ou indiretamente, "os resultados de seus estudos e progressos": "A finalidade desta folha é a de proporcionar a todos os estudantes de nosso Colégio oportunidade de exercitarem-se na expressão escrita de

seus pensamentos, quer como atividade artística, quer como aplicação científica ou simplesmente utilitária."<sup>29</sup>

Dependendo da diretoria e das dificuldades encontradas, o jornal estudantil era publicado com maior ou menor frequência. Frequentemente as notícias sobre o Colégio eram complementadas com elogios à instituição. Quando um aluno escreveu o artigo "Coisas que desagradam", reclamando do horário da biblioteca, da cantina e do salão de jogos, a resposta veio rápida: no número seguinte, a primeira página do jornal trazia uma nota onde o presidente e o ex-presidente do CECEP criticavam o artigo publicado.

A falta de espaço para as vozes dissonantes nas páginas do jornal estudantil e as constantes referências elogiosas à instituição, apontam para a necessidade de reatualizar a tradicional imagem de "modelar estabelecimento de ensino" e podem ser explicadas pelo fato de que a direção do Colégio custeava as despesas do Centro Estudantil, inclusive a impressão do jornal.<sup>30</sup>

Lembra um ex-aluno:

*Era um jornal que não tinha uma edição periódica, tinha gestões que saía e tinha gestões que não saía. Mas eu me lembro, geralmente esses jornais eram muito distantes, porque não tratavam das questões dos estudantes, do cotidiano. Eram mais questões gerais... e mesmo a gente tinha muito pouco acesso aos jornais, muito pouco acesso. Eu me lembro dos jornaizinhos do Centro Estudantil, mas não tinha assim, não me lembro de ter, digamos, grande aceitação no meio dos estudantes (CARLOS).*

As atas das reuniões do Centro Estudantil deixam transparecer os inúmeros conflitos presentes naquela agremiação. Das reuniões do CECEP participavam estudantes do sexo masculino, que discutiam assuntos diversos como: organização de festas, artigos publicados no jornal, brigas entre associados do Centro Estudantil, e outros.

---

<sup>29</sup> Aviso. O Colégio Estadual do Paraná, Curitiba, nº 63, mai. jun. 1953.

<sup>30</sup> Em 1954 o jornal "O Colégio Estadual do Paraná" obteve o primeiro lugar na 1ª Exposição de Imprensa Estudantil, patrocinada pelo Ministério da Educação e Cultura. O fato foi noticiado pela imprensa local.

Marcadas pelas divergências existentes entre os membros do CECEP, as reuniões eram o avesso da imagem de harmonia e consenso veiculada pelo jornal. Em diversas ocasiões as reuniões eram palco do julgamento de associados que infringiam o regulamento do CECEP. Com toda formalidade os associados infratores eram colocados na posição de réus, sendo designados entre os presentes um promotor, um advogado de defesa e o júri. No caso do réu ser julgado culpado, o que ocorria freqüentemente nos casos de agressão física, este era expulso do Centro Estudantil.<sup>31</sup> As decisões eram tomadas através de votação e, provavelmente, esse processo de julgamento e exclusão contribuía para a construção do consenso que aparece nas páginas do jornal estudantil.

Concursos, conferências, comemorações, festas e recitais também eram promovidos com freqüência no Colégio Estadual do Paraná.

*Houve muita celebração no Colégio Estadual! Conferências, congressos, no auditório do Colégio Estadual, muitos se realizaram lá! As etnias, festival das etnias, dançavam no palco do Colégio Estadual! O Guaíra não estava pronto ainda. Era lá, o grande auditório de Curitiba, o do Colégio Estadual. (...) O palco era cedido. Eu fui a muitas refeições de grau da Faculdade de Filosofia no Colégio Estadual (CECÍLIA).*

Eventos como dia das mães, dia da pátria, dia dos professores e encerramento do ano letivo, até a metade da década, eram comemorados no auditório do Colégio com sessões solenes (hinos, discursos), seguidas da apresentação de números artísticos. Nestes eventos, os alunos apresentavam desde números de piano e violino, a encenações teatrais, poesias e canto orfeônico. O orfeão, que no início dos anos 50 era regido pela batuta do professor Bento Mossurunga, mais tarde foi substituído pelo coral.<sup>32</sup>

---

<sup>31</sup> CECEP - gestões de 1955 a 1958 (originais sob a guarda do Museu Guido Straube - Colégio Estadual do Paraná).

<sup>32</sup> O Coral do Colégio Estadual do Paraná, criado em 1957 pelo maestro Mario Garau, fez muitas apresentações dentro e fora do Paraná, sendo premiado em diversos concursos.



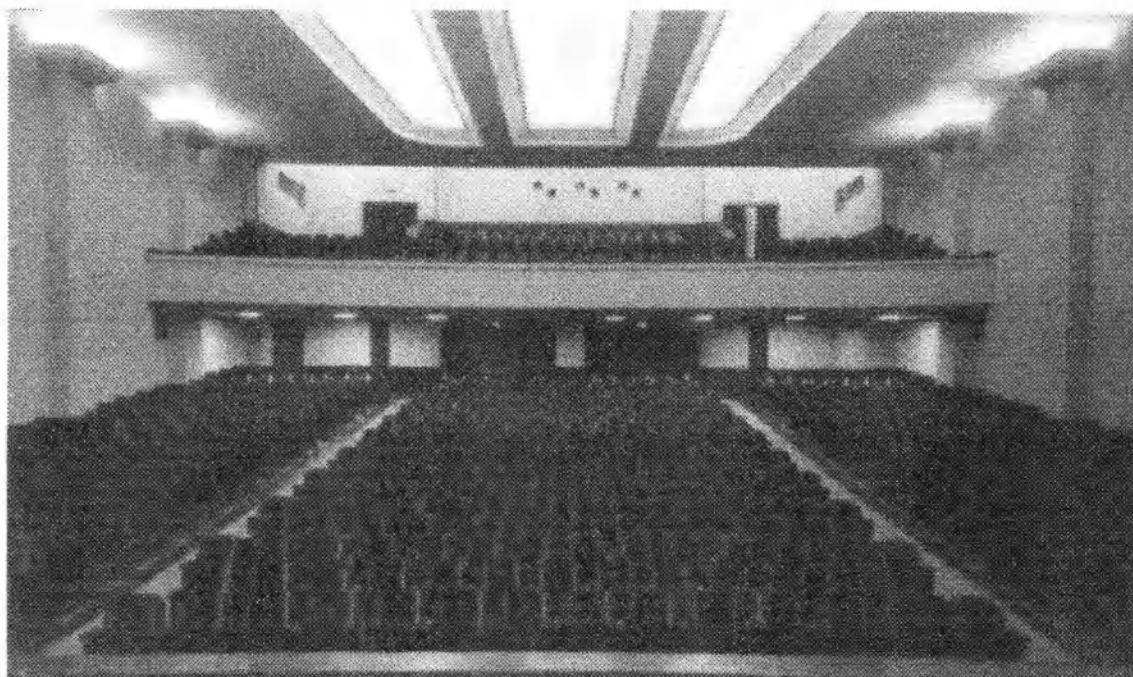


Fig. 9: Auditório do Colégio Estadual do Paraná, Curitiba, anos 50.

Freqüentemente essas comemorações encerravam-se com uma "tarde social" no ginásio do Colégio. Numa comemoração do dia da independência, por exemplo, registra o jornal do Centro Estudantil:

Ao encerramento [da solenidade] usou da palavra o Diretor para convidar os alunos e as Exmas. Famílias a tomarem parte na TARDE SOCIAL, especialmente organizada como complemento daquelas festividades. Disse, então, dos frutos que o Colégio Estadual desejava colher da convivência familiar e amena entre os professores e as famílias dos seus alunos. Mostrou a necessidade dessa convivência, como elemento indispensável de que a escola moderna deve dispor para ser eficaz na formação da adolescência e juventude.<sup>33</sup>

Apontadas como reuniões de conagração, as tardes sociais, ou tardes dançantes, eram promovidas com freqüência no Colégio no início da década. Nas palavras do mesmo diretor:

Tendo em vista a formação social completa dos alunos, esse Departamento [social], com a colaboração do Centro Estudantil oferece, no Ginásio do Colégio, aos estudantes, suas famílias e aos professores a Hora Social, para que os alunos e alunas

---

<sup>33</sup>Festividades cívico-sociais no Colégio Estadual do Paraná. O Colégio Estadual do Paraná, Curitiba, nº 52, out. 1951.

aperfeiçoem a sua educação, aprendendo, também, a se apresentar com correção nos salões da sociedade.<sup>34</sup>

Por ocasião da Olimpíada do Centenário, como parte das comemorações da vitória, houve uma tarde dançante. O convite da diretoria do CECEP para a "tarde dançante da vitória" foi divulgado por jornais locais e, no mesmo mês, o jornal estudantil publicava: "Após a solenidade comemorativa, prosseguiram os presentes, sob os melodiosos acordes da orquestra, dançando e dando uma demonstração cabal da alegria, esportividade e espírito de confraternização de que está possuída a mocidade do Paraná."<sup>35</sup>

Em outra ocasião, registrou o jornal estudantil: "O retumbante êxito da tarde dançante é, porém, perfeitamente justificável: as senhoritas, atração máxima de qualquer festa social, lá compareceram, lindas e encantadoras como sáfides esvoaçavam pelo salão ao ritmo cadente dos sambas brasileiros, dos tangos argentinos e dos melodiosos boleros."<sup>36</sup>

As tardes dançantes tinham, por vezes, shows artísticos e concursos de dança como atração. Em uma tarde dançante, que aparece no jornal do Centro Estudantil como a maior já realizada pelo CECEP, compareceram cerca de 500 pessoas. Além de contar com um conjunto musical, o sucesso da tarde foi creditado à presença de uma caravana de moças (normalistas) da cidade de Santo Antonio da Platina. Ao descrever a grande festa, o jornal comenta: "Deste modo, deu, o CECEP, ainda uma vez mais, prova de que com a colaboração dos seus sócios, pode realizar atividades realmente dignas do renome do qual goza nosso Colégio em todo o país".<sup>37</sup>

Lembra uma ex-aluna:

*Tinha uns bailes (...) naquele salão de ginástica ali fora. (...) Eu me lembro... eu dançava barbaridade! Isso eu me lembro, mas só. Não tinha briga, eu nunca vi*

---

<sup>34</sup> PARANÁ. Boletim da Secretaria de Educação e Cultura, ano III, nº 12, mai. dez. 1953, p. 214.

<sup>35</sup> Tarde Social. O Colégio Estadual do Paraná. Curitiba, nº 66, set. 1953.

<sup>36</sup> Tarde Dançante. O Colégio Estadual do Paraná. Curitiba, nº 62, mar. abr. 1953.

<sup>37</sup> Ecos de uma grande festa. O Colégio Estadual do Paraná. Curitiba, nº 85, out. 1957.

*briga naqueles bailes. Nunca vi ninguém ser tirado pra fora do salão porque estava aos beijos e abraços também. Não vi, não me lembro de ter visto. Era, sabe, era um bailezinho assim sadio eu acho, não tinha nada de diferente (HALINA).*

Muitos dos professores do Colégio Estadual eram também professores da Universidade do Paraná e, em algumas áreas, o Colégio serviu de laboratório para experiências pedagógicas. Como o Colégio Experimental e o Centro de Estudos de Educação Física.

Com a participação de algumas turmas de alunos e um grupo de professores foi criado, no final dos anos 50, um Colégio Experimental (ou Colégio de Aplicação) no Colégio Estadual do Paraná. Nas turmas escolhidas para viver esta experiência, os licenciandos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade faziam uma espécie de estágio supervisionado pelos professores, onde desenvolviam pesquisas pedagógicas e preparavam-se para o exercício do magistério.<sup>38</sup>

*Eu me lembro que uma vez um pai chegou pra mim e disse: "o Colégio Estadual do Paraná está se tornando um laboratório universitário." (...) Era mesmo, naquele tempo era mesmo, era um laboratório, não há dúvida. Os que estudavam comigo lá na Universidade vinham colocar em ação uma porção de coisas... (ALBANO)*

O Centro de Estudos de Educação Física, criado em 1956, funcionava nas dependências do Colégio Estadual do Paraná. O Centro voltava-se para o estudo dos problemas relativos às atividades físicas e recreativas no meio escolar e na comunidade e as instalações esportivas do Colégio apareciam, na época, como local ideal para experimentação e implantação de novos processos e métodos de educação física.

A importância atribuída à educação física e o incentivo dado à prática de diferentes modalidades esportivas mantiveram o Colégio Estadual do Paraná em destaque nos torneios colegiais durante toda a década.

---

<sup>38</sup> FERREIRA, José Rodrigues. Colégio Experimental no CEP. *O Estado do Paraná*, 18 jun. 1958.

Além das aulas obrigatórias, o Departamento de Educação Física do Colégio possibilitava aos alunos interessados o aprendizado e o treinamento em diversas modalidades de esportes. Sobre a importância da educação física, explica o jornal do Centro Estudantil:

Assim como não podemos deixar de lado as atividades intelectuais, devido à nossa formação cultural, também não devemos relaxar as atividades físicas, para o desenvolvimento de um corpo sadio e capaz de cumprir os desígnios de uma mentalidade bem formada. Pouco ou nada vale a ciência de um sábio em um corpo doente e subdesenvolvido, bem como um corpo sadio e forte encimado por uma cabeça desprovida de inteligência. Uma coisa é o complemento da outra.<sup>39</sup>

Essa concepção demonstra a permanência, na metade da década de 50, da preocupação com o corpo que toma vulto desde o início do século no país. De acordo com Alcir Lenharo, as revistas especializadas em educação física, que aparecem no final dos anos 30, são permeadas pela concepção de que "só o corpo convenientemente educado favorece o desenvolvimento do espírito". O mesmo autor afirma que "De repente, toma-se consciência de que repensar a sociedade para transformá-la passava necessariamente pelo trato do corpo como recurso de se alcançar toda a integridade do ser humano". Assim, voltam-se sobre o corpo "as atenções de médicos, educadores, professores e instituições como o exército, a Igreja, a escola, os hospitais".<sup>40</sup> Foi nesse contexto de disciplinarização do corpo que as aulas de educação física tornaram-se obrigatórias no currículo escolar.

Para um dos diretores do Colégio Estadual, a instituição dava à educação física a importância que esta merecia. Referindo-se ao lema "Mens sana in corpore sano" inscrito na bandeira de educação física, ele explicava:

No decurso dos anos, através de seu grande e competente corpo de professores de Educação Física; das instalações, as mais completas e existentes no estádio,

---

<sup>39</sup> Com a palavra o Professor Saporski. *O Colégio Estadual do Paraná*, Curitiba, nº 68, abr. 1954.

<sup>40</sup> LENHARO, Alcir. *Sacralização da política*. Campinas: Papirus, 1986, p. 75.

piscinas e ginásio; do rigor na assiduidade dos alunos às sessões, esse lema tem sido, na verdade, um programa de realizações plenas e expressivas.<sup>41</sup>

Ao abordar a importância da educação física, os discursos lembram também que os atletas do Colégio vinham obtendo constantes vitórias nos torneios estudantis, e que ex-alunos se destacavam no cenário esportivo nacional.<sup>42</sup> Em entrevista concedida ao jornal do Centro Estudantil, o diretor do Departamento de Educação Física afirmava: "O Colégio Estadual é o celeiro paranaense de atletas e equipes esportivas". Explicando depois que, das nove Olimpíadas Colegiais já realizadas, o Colégio vinha conquistando por nove vezes o título de campeão.<sup>43</sup>

Além dos torneios desportivos promovidos pelo Departamento de Educação Física e pelo Centro Estudantil, o Colégio Estadual sediava anualmente, por ocasião da semana da pátria, as olimpíadas colegiais organizadas pela Secretaria de Educação e Cultura. Com um grande desfile de abertura e a realização de competições em diversas modalidades, masculinas e femininas, no início da década de 50, as olimpíadas atraíam, ano a ano, um número crescente de estudantes secundaristas.

A olimpíada comemorativa do centenário da emancipação política do Paraná, foi uma grande festa da qual participaram estudantes de diversos municípios do Paraná. Naquela ocasião, um aluno escreveu no jornal do Centro Estudantil:

Do atletismo ao futebol, do basquete à natação, sempre encorajados pela numerosa torcida, os atletas jogavam como se fossem artistas, com a alma. Souberam bem representar os seus colégios, que são os seus segundos lares. A mocidade paranaense uniu-se para levantar ainda mais alto, de mais uma forma, o grandioso nome do Paraná.<sup>44</sup>

---

<sup>41</sup> Com a palavra o Professor Francisco Gomes Ribeiro. *O Colégio Estadual do Paraná*, Curitiba, n  66, set. 1953.

<sup>42</sup> O destaque dos atletas do Colégio Estadual do Paraná nos torneios estudantis pode ser comprovado pelos troféus, atualmente expostos no Colégio, que fazem parte do acervo do Museu Guido Straube.

<sup>43</sup> Com a palavra o Professor Saporski. *O Colégio Estadual do Paraná*, Curitiba, n  68, abr. 1954.

<sup>44</sup> MUNIZ FILHO, César. A nossa olimpíada. *O Colégio Estadual do Paraná*, Curitiba, n  66, set. 1953.

Alguns anos depois, comentando outra vitória do Colégio Estadual do Paraná nas olimpíadas, registrava o mesmo jornal: "Prossegue, assim nosso educandário com a hegemonia dos esportes colegiais em nosso Estado, vantagem esta que vem sendo mantida através dos anos como um símbolo da superioridade técnica dos atletas do "maior colégio da América do Sul".<sup>45</sup>

Quando o novo prédio foi inaugurado, as obras da piscina para aprendizagem não estavam concluídas e os professores de educação física não liberavam a piscina olímpica para as aulas com medo de acidentes.

Uma aluna do início da década lembra que naquele tempo usavam pouco a piscina do colégio e que não ensinavam os alunos a nadar. Ela não gostava da aula de educação física que *"era só saltitar, estender os braços, aquela coisarada boba..."* (HALINA)

Os ex-alunos comentam que, naquela época, tênis era um tipo de calçado usado apenas para as aulas de educação física. Então, eles iam calçados com sapatos para o colégio e levavam os tênis brancos para trocar na hora da aula. Lembram também que passavam por exames médicos no Departamento de Educação Física, *"e exames rigorosos, não era um examezinho só de olhar..."* (ROSELIS)

Da inauguração do prédio novo até 1956, os alunos da manhã faziam aulas de educação física três tardes por semana e os alunos da tarde faziam essas aulas pela manhã. As turmas de educação física, organizadas pelo Departamento de Educação Física, eram formadas de acordo com o peso e a medida dos alunos, independente de sua turma nas outras aulas.

*Os alunos que estudavam à tarde tinham educação física de manhã e vice-versa. Mas ocupavam você de tal sorte que você tinha [aula] três vezes por semana (...) então você tinha todo um treinamento. E se você se destacasse, então o coordenador de olimpíada, ele te puxava e você ia participar das olimpíadas. Tanto é que não tinha prá ninguém. As olimpíadas eram só Estadual*

---

<sup>45</sup> Laureou-se o Colégio Estadual do Paraná. O Colégio Estadual do Paraná, Curitiba, nº 75, out. 1955.

*e direto. Mas eles davam atenção aquilo! Você jogava vôlei, basquete, futebol, atletismo, todos os tipos, arremesso de peso, dardo, etc (SILVÉRIO).*

Em 1957, com a organização do turno da manhã masculino e do turno da tarde feminino, as aulas de educação física passaram a ser dadas no mesmo turno das outras aulas. Com a mudança, todos os alunos passaram a fazer educação física dentro das mesmas turmas organizadas para as outras matérias. O Departamento de Educação Física, junto com o Serviço de Orientação Educacional, organizou as turmas do colégio. A fim de viabilizar o trabalho com educação física, foram estabelecidos alguns critérios para agrupar os alunos em diferentes turmas. Estes critérios incluíam idade, nível de escolaridade, resultados de testes físicos aplicados nos alunos, etc.<sup>46</sup>

Nessa época, o Departamento de Educação Física começou um trabalho de recreação orientada durante os recreios. *"E era uma coisa organizada porque tinha que se inscrever antes e etc. Então eu, por exemplo, jogava futebol, mas tinha vôlei também, tinha basquete, sempre as salas contra as salas"* (CARLOS).

*"Eu me lembro que a gente saía correndo na hora do recreio para ir na piscina nadar... Na hora do recreio. Era o que, 20 minutos, não sei quanto, a gente saía correndo, punha o maiô e ia pra piscina no verão. Todo mundo fazia isso. Ou ia jogar ping-pong... Era bom, era muito bom!"* (MURIEL)

*E as pessoas que não tinham assim muita tendência para os esportes iam praticar, por exemplo, o desenho, pequenas noções de arquitetura na hora do recreio na escolinha de artes. Então todas as alunas eram assim, digamos, estimuladas a participar de alguma coisa para não ficarem assim no corredor ou no pátio só de conversa fiada. Então elas todas eram estimuladas e gostavam* (ALDA).

Outra atividade lembrada por ex-alunos era realizada aos sábados: *"Na última aula eles liberavam um pouco antes e você tinha que cantar o hino nacional, em*

---

<sup>46</sup> BAYER, Germano. *Entrevista*. Curitiba, 14 nov. 1995.

*frente ali onde tem o chafariz, então tinha que estar ali prá cantar. Era hasteada a bandeira, era aos sábados"* (SILVÉRIO).

Os alunos destacam também que *"na semana da pátria, havia uma expectativa de se desfilar na Rua XV e uma das coisas que mais orgulhava a gente era o tamanho do Colégio Estadual. (...) isso era uma coisa que marcava muito a gente"* (CARLOS). Para participar dos desfiles os alunos deveriam estar devidamente uniformizados.

## A Invasão Feminina

O crescimento do setor terciário da economia no pós-guerra produziu o aumento da demanda de trabalho feminino no Brasil. Nesse período, principalmente para as mulheres de camadas médias urbanas, os cursos secundários apontavam para a possibilidade de profissionalização e de acesso às universidades, "embora o casamento ainda fosse o ideal mais disseminado".<sup>47</sup> Como resultado de um conjunto de fatores que propiciaram o surgimento de novas oportunidades para as mulheres, na década de 50 acentuou-se o processo de crescente escolarização feminina.

Desde 1938, quando foram separadas as sessões feminina e masculina do Ginásio Paranaense, os alunos continuaram no prédio da rua Ébano Pereira e as alunas passaram a ter aulas no Instituto de Educação, onde funcionava a seção feminina do Ginásio. Nos anos 40 era reduzidíssimo o número de alunas que freqüentavam o 2º ciclo do curso secundário. A maioria das alunas, dentre aquelas que continuavam os estudos após o ginásio, permanecia no Instituto e fazia o curso normal. As alunas que optavam

---

<sup>47</sup> MARTINS, Ana Paula Vosne. *Um lar em terra estranha: a aventura da individualização feminina. A casa da estudante universitária de Curitiba nas décadas de 50 e 60*, Curitiba: UFPR, 1992 (dissertação de mestrado), p. 26-27.



pelo curso colegial freqüentavam as poucas turmas mistas que funcionavam no prédio da rua Ébano Pereira.

Com a mudança para o prédio do Alto da Glória, não apenas o curso colegial, mas também o ginásial do Colégio Estadual do Paraná passou a ser freqüentado por alunos de ambos os sexos. Torna-se interessante observar que, durante os anos 50 o Colégio oferecia os cursos ginásial, clássico e científico. Por não oferecer o curso normal e por aceitar alunos de ambos os sexos, a instituição fugia às características de uma instituição voltada para a educação feminina. Mesmo assim, cresceu sensivelmente o número de alunas no Colégio neste período.

Em 1952 havia 730 alunas no total de 3043 matriculados no Colégio, o que significa que 24% dos alunos matriculados eram do sexo feminino.<sup>48</sup> A Fig. 10 aponta para o crescimento do número de matrículas femininas que, no ano de 1957 já corresponde a 28,53% do total de matriculados.

No relatório de 1960 não constam os dados referentes ao turno da noite, mas é possível observar que aumentou significativamente o percentual de matrículas femininas nos dois turnos diurnos (Fig. 11). Se em 1957 as matrículas femininas correspondiam a 37,27% do total de matrículas dos turnos da manhã e da tarde, em 1960 o percentual de alunas matriculadas nestes dois turnos diurnos subiu para 46,53% das matrículas efetuadas.

---

<sup>48</sup> PARANÁ. Relatório da Secretaria de Educação e Cultura, 1952 (Biblioteca Pública do Paraná - Seção Paranaense).

NÚMERO DE MATRÍCULAS POR SÉRIE, TURNO E SEXO - 1957						
	MANHÃ		TARDE		NOITE	
	MASC.	FEM.	MASC.	FEM.	MASC.	FEM.
1º GINASIAL	361	-	-	220	-	-
2º GINASIAL	343	-	-	224	98	2
3º GINASIAL	204	-	-	162	126	5
4º GINASIAL	161	-	-	90	129	11
1º CLÁSSICO	19	-	-	14	20	4
2º CLÁSSICO	14	6	-	-	19	-
3º CLÁSSICO	6	2	-	-	12	6
1º CIENTÍFICO	168	-	-	64	119	13
2º CIENTÍFICO	97	-	-	24	187	18
3º CIENTÍFICO	76	15	-	40	173	11
TOTAL	1449	23	-	838	883	70

Fig. 10: Quadro demonstrativo de matrículas, Colégio Estadual do Paraná, 1957.<sup>49</sup>

NÚMERO DE MATRÍCULAS POR SÉRIE, TURNO E SEXO - 1960		
SÉRIES	MANHÃ - Masculino	TARDE - Feminino
1º GINASIAL	244	252
2º GINASIAL	348	331
3º GINASIAL	240	261
4º GINASIAL	146	140
1º CLÁSSICO	16	18
2º CLÁSSICO	23	22
3º CLÁSSICO	16	19
1º CIENTÍFICO	137	62
2º CIENTÍFICO	104	35
3º CIENTÍFICO	77	36
TOTAL	1351	1176

Fig. 11: Quadro demonstrativo de matrículas, Colégio Estadual do Paraná, 1960.<sup>50</sup>

<sup>49</sup> COLÉGIO ESTADUAL DO PARANÁ. Relatório da Inspeção Federal no Colégio Estadual do Paraná apresentado ao Diretor do Ensino Secundário do Ministério da Educação e Cultura, 1957 (originais no Arquivo do Colégio Estadual do Paraná).

As transformações econômicas e sociais, aliadas ao status do Colégio Estadual do Paraná, provocaram o gradativo crescimento das matrículas femininas na instituição durante a década de 50.

Uma ex-aluna lembra que na época da sua mãe *"para mulher bastava só aprender a ler e a escrever"*. Apontando para as mudanças do seu tempo ela conta:

*Vim para o Estadual, mas justamente porque eu queria fazer [o curso de] farmácia. Sei lá porque, desde pequena, por causa do farmacêutico do interior que era o meu ídolo. (...) É que a maioria [das moças] não optava por aí, porque casava e parava. E daí eu quis fazer [farmácia] e vim para cá prá fazer o científico (HELENA).*

Outra ex-aluna comenta que *"As meninas, as vizinhas, todo mundo queria ser professora"*. Nessa época os pais que mantinham as filhas em escola pública preferiam matriculá-las no Instituto de Educação, que preparava para o magistério e era só feminino.

*Olha, na época eu estudava no Instituto de Educação. (...) Aí eu achei que eu não queria ser professora, sabe, eu sempre pensei ser advogada, sempre, desde criança. E quando abriu o Colégio Estadual eu disse: bom, se eu ficar no Instituto eu vou acabar sendo professora, então vou passar para o Estadual porque lá eu já me encaminho para o curso de direito. (...) Quer dizer que quem ia para o Estadual era um pessoal meio independente, sabe? (HALINA)*

As escolas particulares, quase todas religiosas, não eram mistas. *"Havia colégios só para moças e colégios só para rapazes. Por exemplo, o Santa Maria só para rapazes, Medianeira só para rapazes. Divina Providência, Cajuru, Sion... só para meninas"* (THEREZINHA).

Uma aluna que freqüentou o primário no Divina Providência conta como ela e várias colegas se entusiasmaram com a grandiosidade e as novidades do Colégio Estadual do Paraná. Mas o desejo das meninas de mudar para o novo colégio esbarrou na resistência dos pais. *"Os pais diziam: 'não, porque o colégio [Divina Providência] é de*

---

<sup>50</sup> COLÉGIO ESTADUAL DO PARANÁ. *Relatório* da Inspeção Federal no Colégio Estadual do Paraná apresentado ao Diretor do Ensino Secundário do Ministério da Educação e Cultura, 1960 (originais no Arquivo do Colégio Estadual do Paraná).

*irmãs, é um colégio que dá mais... é mais adequado para as meninas...' mas não convenceu não. Nós queríamos e fomos para o Colégio Estadual."* (ROSELIS)

No ano da inauguração do novo prédio, 1950, foram organizadas turmas mistas para os cursos ginásial e colegial. Como era menor o número de alunas, havia também turmas só masculinas. Os depoimentos apontam que nos primeiros anos, quando as turmas eram mistas, *"havia muita camaradagem entre alunos e alunas"*. Para os entrevistados, era uma convivência normal entre jovens, na qual alguns alunos cultivavam atitudes de gentileza e proteção em relação às colegas.

*E, na época, até foi assim, nos causou assim um certo... desequilíbrio. Porque nós vínhamos de uma disciplina muito rígida e de que alguém estava sempre nos guiando e, de repente, lá no colégio uma imensidão, vários professores diferentes, aquele espaço enorme, a gente no começo se sentia até intimidada..."* (ROSELIS)

Com a mudança de diretor em 1951, a instituição iniciou o processo de separação dos alunos em turmas masculinas e femininas. Justificando a separação dos alunos por sexo nas recomendações da Lei Orgânica do Ensino Secundário, de 1942, o novo diretor apresentou um organograma do Colégio.<sup>51</sup> O organograma (Fig. 15) explicita a disposição da direção de separar alunos e alunas.

No Regimento Interno do Colégio, aprovado pela Congregação em 1953, consta que "O ensino em geral será ministrado separadamente para as alunas, permitindo-se, em caráter excepcional, turmas mistas, de acordo com a Lei Orgânica do Ensino Secundário."<sup>52</sup>

Apesar do regimento, na prática, continuaram existindo turmas mistas em quase todas as séries dos cursos ginásial, clássico e científico até a metade da década. Tudo indica que, quando não havia número suficiente de alunos para constituir uma turma única por sexo, formavam uma turma mista. Uma ex-aluna lembra que no 3º

<sup>51</sup> PARANÁ. *Boletim da Secretaria de Educação e Cultura*, ano III, nº 12, mai. dez. 1953.

<sup>52</sup> COLÉGIO ESTADUAL DO PARANÁ. *Regimento Interno* aprovado pela Congregação em 16 de junho de 1953 (originais sob guarda do Arquivo Público - Paraná).

científico deixou para fazer sua matrícula quase na última hora e foi colocada numa turma mista. *"Foi o que sobrou das outras turmas, eu acho"* (HELENA).

Com o crescimento constante da matrícula de alunas, a cada ano aumentava o número de turmas femininas no Colégio. Essa invasão feminina provocou uma verdadeira reorganização da vida escolar. À medida em que crescia o número de alunas, através de mecanismos diversos, alunos e alunas foram gradativamente separados pela administração da instituição.

Concomitante ao aumento do número de alunas, aumentou também o número de professoras do Colégio Estadual do Paraná. Se até a década de 40 o Colégio contava com apenas duas professoras efetivas, a partir do Concurso para o Magistério realizado em 1951, cresceu significativamente o número de professoras. No turno da tarde, na metade da década, a maioria dos professores era do sexo feminino.

Os ex-professores afirmam que não havia nenhuma diferenciação no tratamento dispensado a professores de ambos os sexos por parte da direção. Uma professora lembra apenas que *"...quando havia reuniões da Congregação [do Colégio], umas duas ou três vezes por ano, geralmente os homens ficavam de um lado e as mulheres de outro"* (CECÍLIA).

Acompanhando essa divisão espacial dos professores, as turmas femininas passaram a utilizar as salas de uma das alas do prédio, formando a ala feminina, e as turmas masculinas passaram a ocupar as salas da ala oposta.

*Na ala da piscina era só menino, na outra ala, então, ali pela entrada da Cândido Leão, acho que é, ali da Casa do Estudante, ali era menina. Entradas independentes, inclusive. As meninas entravam lá por baixo e os meninos lá por cima, não se podia entrar pelo meio, tinha que dar toda a volta* (SILVÉRIO).

As entradas do Colégio eram separadas para alunos e alunas, as escadarias de acesso às salas eram separadas, *"a cantina inclusive tinha a do lado das meninas e a do lado dos meninos..."*, o pátio do recreio era separado...

*Então era tudo separado, inclusive tinha um poste de iluminação [no pátio] que era considerado o paralelo 38. Então tinha uma inspetora para as meninas e um inspetor, que você não podia chegar muito perto, eram dez metros no máximo... Então para jogar bilhetinho, essas coisas.(...) Separado, totalmente, a gente não podia passar do paralelo 38, senão era suspensão (SILVÉRIO).*

As imagens da rigidez da separação variam nos diversos depoimentos.

*[o colégio] tem a forma de "U", então o pátio coberto que ficava em frente à Casa do Estudante era das moças e o nosso era da parte do Departamento Esportivo. E tinha um corredor que dava numa porta no meio do "U", que a gente chamava de paralelo 38, que não podia ser ultrapassado... (EDGAR)*

Enquanto os professores entrevistados não se recordam da separação entre alunos e alunas no mesmo turno, o chamado "paralelo 38", marco da separação entre alunos e alunas na hora do recreio, aparece de diferentes maneiras nos depoimentos de ex-alunos.

Desde quem afirma que *"havia uma corda no meio do pátio que nos separava, aqui só menino e ali só menina"* (CARLOS) a metros de distância separando os dois pátios...

*Embaixo, na cantina, também ficavam os inspetores, então, tinha uma ala de trás que ficavam os rapazes e a ala de cá, as meninas. Então, naquela época, os flertes eram de longe! era olhando através... e olha que o pátio ficava a quantos metros! (...) Então ficava o pátio de cá feminino e o pátio de lá masculino, um olhando pro outro... (ROSELIS)*

Ou mesmo um aluno que não lembra de rigidez na divisão espacial: *"não estou bem lembrado, mas tenho a impressão que tinha uma ala dos meninos e uma ala das meninas. Mas não sentia assim problemas, depois nós nos encontrávamos no recreio, íamos jogar basquete, tinha jogo lá... Então era um relacionamento que me parece normal, assim que eu me lembre"* (ENILTRON).<sup>53</sup>

---

<sup>53</sup> Eniltron Temporal Gomes foi aluno do Colégio Estadual do Paraná, onde fez a 4ª série do curso ginásial e o curso científico, de 1957 a 1960. Frequentou o turno da manhã e o turno da noite.

Em 1951, com a inauguração da Casa do Estudante Universitário em frente à ala feminina do Colégio, inverteram os lados e as alunas passaram a ocupar a outra ala do prédio. *"depois fizeram a Casa do Estudante ali na frente. Aí tiraram as moças (risos) da frente deles, mas não adiantava nada, davam a volta, era a mesma coisa! Mas para a garotada da Casa do Estudante não ficar enchendo a paciência trocaram a entrada!* (SANSÃO). A Casa do Estudante era, e ainda é, habitada por estudantes do sexo masculino, o que provocou a retirada das alunas daquela ala do prédio.

A inversão de lados durou só um ano. Depois as alunas voltaram a entrar no colégio pelo portão em frente à Casa do Estudante e os alunos pelo lado oposto do prédio. Nesse período, apenas aos professores era permitida a entrada no Colégio pelas portas da frente, na atual avenida João Gualberto.

Além da divisão espacial do Colégio em alas feminina e masculina o controle sobre as alunas se estendia até a parte externa do prédio: *"ir esperar as moças no portão não podia também. (...) Ali do Passeio Público em diante tudo bem, mas ali junto do colégio era separado mesmo! É um negócio que a gente fala hoje em dia e dá risada, mas era, era separado!"* (EDGAR)

Segundo o Art.85º do já citado Regimento Interno do Colégio, era "vedado absolutamente às alunas, quando uniformizadas, manter palestra com quem quer que seja nas imediações do Colégio, a não ser com suas próprias colegas ou pessoas da família."

*O Passeio Público era o lugar público, o lugar onde você não tinha proibições, não tinha barreiras. Então aquela barreira que o Colégio nos impunha era uma quadra... bastava atravessar uma rua, você entrava no Passeio Público e pronto! a gente se encontrava com as meninas, conversava, brincava... Mas realmente quando a gente chegava no Passeio Público, atravessava a rua, era um ambiente mais democrático!* (CARLOS)

A partir de 1957 as turmas masculinas passaram a ter aulas no turno da manhã e turmas femininas no turno da tarde (Fig. 13 e Fig. 14). Algumas turmas do curso colegial permaneceram mistas, como se pode observar na Fig. 14, devido ao reduzido número de

alunos matriculados. O turno da noite também mantinha umas turmas mistas, mas eram poucas as alunas que freqüentavam este horário.

Constam da documentação de uma aluna do curso clássico, transferida em 1953 para o turno da noite, uma carta do "Escritório São José", atestando que a referida aluna trabalhava naquela empresa em tempo integral, e uma carta de seu pai. Na carta este explica que sua filha "por motivo de força maior necessita trabalhar" e solicita a transferência para o curso noturno declarando que, "com sua autoridade de pai", compromete-se a mandar buscá-la no Colégio todas as noites.<sup>54</sup>

Esses requisitos exigidos no momento da matrícula obedeciam ao Regimento Interno do Colégio Estadual do Paraná. Segundo o regimento, no turno da noite seriam matriculados somente os alunos do sexo masculino maiores de 14 anos. Um parágrafo único, entretanto, permitia conceder matrícula no horário noturno "Para os candidatos do sexo feminino, que apresentarem prova de impedimento de freqüência em período diurno e a dispor de companhia idônea pertencente à sua família ou por esta autorizada, por escrito (...)".<sup>55</sup>

Os obstáculos colocados à freqüência de alunas no turno da noite remete à permanência de padrões de comportamentos do início do século, quando "as mulheres vistas como honestas tinham que se preocupar com quem, aonde e a que horas sair".<sup>56</sup> Desejável para mulheres de camadas médias, esse comportamento feminino era exigido possivelmente para manter o "bom nome" do Colégio Estadual do Paraná.

Além da dificuldade para freqüentar o turno da noite, as alunas receberam tratamento diferente do dispensado aos alunos também no que se refere ao uso do uniforme do Colégio. No início da década não era obrigatório o uso do uniforme para alunos ou alunas assistirem às aulas em qualquer turno. Naquela época, o uniforme

---

<sup>54</sup> Documentação da aluna Halina Diminska (Arquivo do Colégio Estadual do Paraná).

<sup>55</sup> COLÉGIO ESTADUAL DO PARANÁ. *Regimento Interno* aprovado pela Congregação em 16 de junho de 1953 (originals sob guarda do Arquivo Público - Paraná).

<sup>56</sup> ESTEVES, Martha de Abreu. *Meninas perdidas: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989, p.43.



masculino era calça e casaco cáqui e depois mudou para calça azul marinho e camisa branca.

*E os que não tinham condição de adquirir iam prá cooperativa e lá era um preço mais acessível. Então você usava uniforme. Mas eu me lembro que quem não podia usar uniforme, mesmo com o desconto, podia assistir aula também, sem problemas. Agora prá desfile tinha que estar uniformizado. Camisa branca e calça azul. Isso havia, ah! E sapato preto! Educação física era camiseta, calção branco e tênis. A cooperativa também ajudava (SILVÉRIO).*

O mesmo ex-aluno comenta: *"os filhinhos de papai [usavam] roupinha bonitinha e você sempre com o seu uniforminho"*. Já outro ex-aluno lembra: *"Inclusive nós íamos de terno e gravata, todo mundo estudava de paletó e gravata naquele tempo"* (EDGAR).

*"Os rapazes não tinham uniforme. Houve uma tentativa numa época, (...) isso em 56, 57, de uma calça comprida escura e uma camisa branca com o distintivo do colégio. Durante pouco tempo isso aconteceu, depois não foi adiante. Agora as meninas não, as meninas tinham. Era uma saia azul-marinho e uma camisa listrada azul e branca, que eram as cores do colégio"* (CARLOS).



Fig. 12: Grupo de alunos do 3º científico, turma B, mista, Colégio Estadual do Paraná, 1956.

Este uniforme feminino foi adotado a partir de 1956. Anteriormente o uniforme era uma saia cinza, mas não era obrigatório e quase não era usado. *"la com qualquer roupa e era um desfilezinho de moda!"* (HELENA)

Quando, em 1956, passaram a exigir o uso do novo uniforme os rapazes fizeram uma manifestação de protesto no pátio e, para eles, o uniforme continuou a ser facultativo. Para as alunas o uniforme tornou-se obrigatório.

Uma ex-diretora do turno feminino afirma que era rigorosa na exigência do uniforme porque

*o uniforme nivelava as alunas. O professor não sabia se aquela aluna era de família pobre, se era de família rica... (...) nós, graças a Deus, nivelamos nesse sentido, de modo que ninguém sabia quem era o aluno pobre e quem era o aluno rico, porque todas as meninas usavam a sua saia azul, a sua blusinha listradinha de azul e branco, sapato preto, meia branca...* (ALDA)

Apesar da documentação oficial registrar que o Colégio funcionava em regime de "externato com frequência mista" (para ambos os sexos), ao longo da década a instituição engendrou mecanismos que aprimoraram cada vez mais a segregação, enfatizando a diferenciação entre alunos e alunas.

Em 1960 o turno da manhã havia se tomado exclusivamente masculino e o turno da tarde exclusivamente feminino. Mesmo com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que, substituindo a Lei Orgânica do Ensino Secundário, não faz qualquer menção à separação de alunos por sexo, a organização das turmas por turno de acordo com o sexo dos alunos permaneceu no Colégio Estadual do Paraná até meados dos anos 80.<sup>57</sup>

---

<sup>57</sup> A partir da aprovação da Lei de Diretrizes e Bases em 1961, ficou facultado aos alunos do Colégio Pedro II, independente de sexo, escolher o turno que gostariam de frequentar.

NÚMERO DE TURMAS POR SÉRIE, POR TURNO E POR SEXO NO FINAL DE 1956									
SÉRIES	MANHÃ			TARDE			NOITE		
	Masc.	Fem.	Mista	Masc.	Fem.	Mista	Masc.	Fem.	Mista
1º GINASIAL	8	4	-	8	5	-	3	-	-
2º GINASIAL	6	3	-	4	4	-	6	-	-
3º GINASIAL	3	3	-	3	2	-	5	-	-
4º GINASIAL	2	1	1	2	2	-	4	-	-
1º CLÁSSICO	-	-	1	-	-	-	-	-	1
2º CLÁSSICO	-	-	1	-	-	-	-	-	1
3º CLÁSSICO	-	-	1	-	-	-	-	-	1
1º CIENTÍFICO	3	1	1	1	1	-	9	-	1
2º CIENTÍFICO	2	2	-	1	1	-	5	-	2
3º CIENTÍFICO	1	1	1	-	-	1	8	-	1
TOTAL	25	15	6	19	15	1	40	-	7

Fig. 13 : Quadro demonstrativo das turmas por turno, Colégio Estadual do Paraná, final de 1956.<sup>58</sup>

NÚMERO DE TURMAS POR SÉRIE, POR TURNO E POR SEXO NO INÍCIO DE 1957									
SÉRIES	MANHÃ			TARDE			NOITE		
	Masc.	Fem.	Mista	Masc.	Fem.	Mista	Masc.	Fem.	Mista
1º GINASIAL	11	-	-	-	8	-	-	-	-
2º GINASIAL	10	-	-	-	7	-	2	-	1
3º GINASIAL	6	-	-	-	5	-	3	-	1
4º GINASIAL	5	-	-	-	3	-	3	-	1
1º CLÁSSICO	1	-	-	-	1	-	-	-	1
2º CLÁSSICO	-	-	1	-	-	-	1	-	-
3º CLÁSSICO	-	-	1	-	-	-	-	-	1
1º CIENTÍFICO	5	-	-	-	2	-	5	-	1
2º CIENTÍFICO	3	-	-	-	1	-	3	-	3
3º CIENTÍFICO	2	-	1	-	2	-	4	-	2
TOTAL	43	-	3	-	29	-	21	-	11

Fig. 14 : Quadro demonstrativo das turmas por turno, Colégio Estadual do Paraná, início de 1957.<sup>58</sup>

<sup>58</sup> COLÉGIO ESTADUAL DO PARANÁ. Relatório da Inspetoria Federal no Colégio Estadual do Paraná apresentado ao Diretor do Ensino Secundário do Ministério da Educação e Cultura, 1957 (originais no Arquivo do Colégio Estadual do Paraná).

COLÉGIO ESTADUAL DO PARANÁ

ORGANOGRAMA DA ADMINISTRAÇÃO  
ORGANIZADO, EM MARÇO DE 1951,  
PELO DIRETOR FRANCISCO JOSE  
GOMES RIBEIRO.

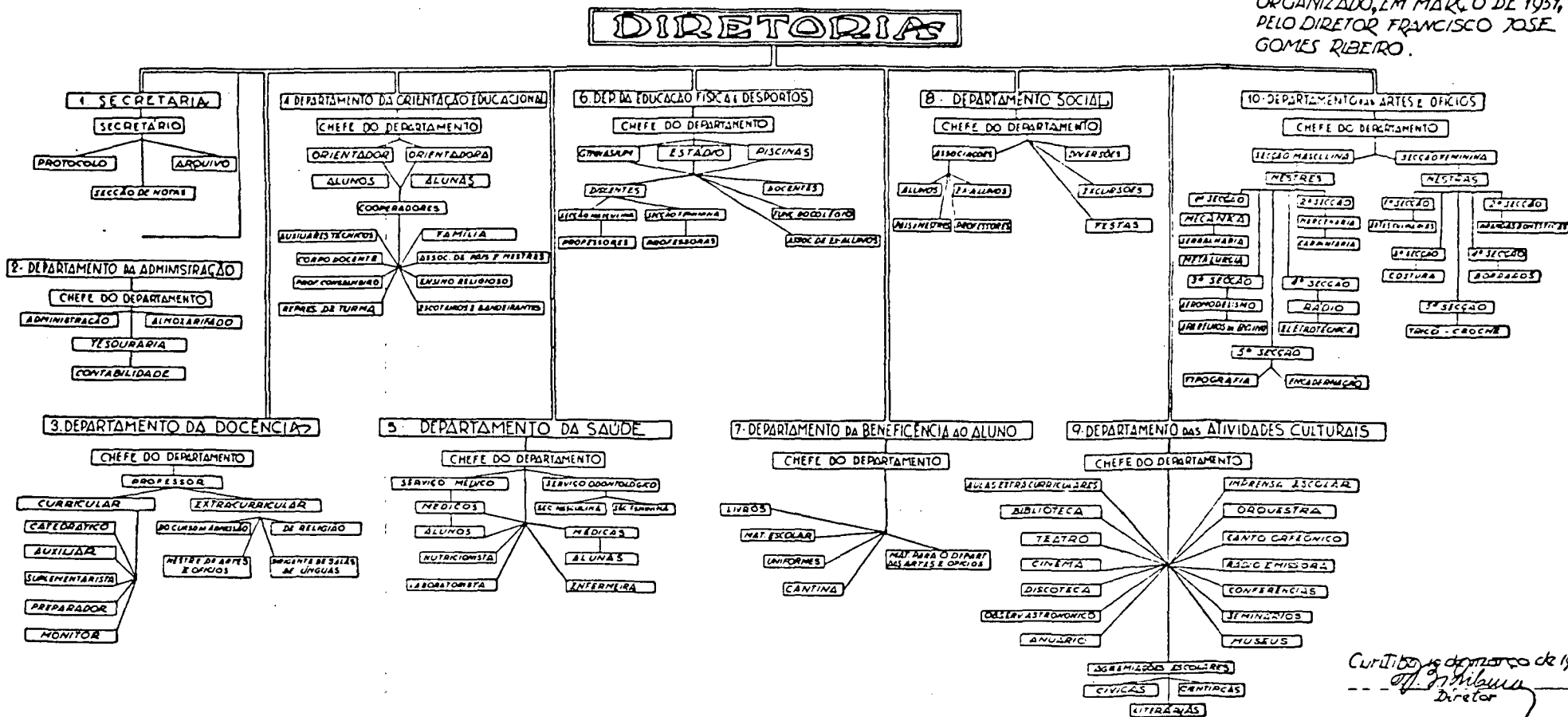


Fig. 15: Organograma da administração do Colégio Estadual do Paraná, 1951.

## EDUCAÇÃO E GÊNERO

No século passado, argumentos baseados no caráter biológico da diferença entre os dois sexos justificavam as desigualdades entre o ensino ministrado a homens e a mulheres e condenavam a co-educação. Entretanto, se os relatórios oficiais daquela época discutem e argumentam contra a co-educação no antigo Instituto Paranaense, a documentação dos anos 50 silencia sobre o porquê do gradativo processo de separação de alunos e alunas ocorrido no Colégio Estadual do Paraná durante aquela década.

Dentro da reforma do ensino realizada em 1942 pelo ministro Capanema, a Lei Orgânica do Ensino Secundário limitava as possibilidades de co-educação ao conceber um "ensino secundário feminino" com prescrições especiais. A lei não instituía a obrigatoriedade da educação segregada por sexo, mas recomendava que a educação secundária de mulheres se fizesse em estabelecimentos de exclusiva freqüência feminina. Caso o estabelecimento fosse freqüentado por homens e mulheres, era recomendado que a educação destas fosse ministrada em classes exclusivamente femininas. Ainda de acordo com a Lei Orgânica, nas duas últimas séries do curso ginasial deveria ser ministrada nas turmas femininas a disciplina de economia doméstica, na qual a orientação metodológica dos programas deveria ter em mira "a natureza da personalidade feminina e bem assim a missão da mulher no lar."<sup>1</sup>

Ao conceber um "ensino feminino" a Lei Orgânica do Ensino Secundário limitava, na prática, as possibilidades da co-educação, contrapondo-se, assim, a um dos princípios defendidos pelo movimento renovador da educação.<sup>2</sup>

Ao pesquisar a educação de mulheres nas primeiras décadas deste século, Maria Cândida Delgado REIS busca evidenciar o direcionamento dado à educação feminina durante o contexto do Estado Novo, quando "através de um discurso que buscava

---

<sup>1</sup> BRASIL. *Lei Orgânica do Ensino Secundário*. Decreto-lei nº 4.244, 09 abr. 1942.

<sup>2</sup> A Lei Orgânica refletia o momento político vivido pela sociedade brasileira no período do Estado Novo. Segundo ROMANELLI, durante este período as lutas ideológicas em torno das questões educacionais entraram "numa espécie de hibernação", ressurgindo anos mais tarde com a volta do regime democrático.

impor-se como novo, reformador e harmonizante as mulheres foram enviadas de volta ao lar, por vias de justificativas que se apoiavam em Deus, na natureza e na ciência."

A autora ressalta que:

Acompanhar o discurso de Gustavo Capanema, Ministro da Educação e Saúde no Brasil durante onze anos (1934-1945), pode abrir uma perspectiva a mais na compreensão das razões de, nessa época, haver diminuído o número de mulheres no trabalho assalariado, terem refluído os movimentos feministas e encontrarem-se mais valorizadas as profissões chamadas "femininas". Em contrapartida, retoma-se a valorização do espaço doméstico.<sup>3</sup>

Em discurso proferido no Colégio Pedro II em 1937, o ministro argumenta que a educação dada a homens e mulheres deve ser diferenciada, "na medida em que diferem os destinos que a Providência lhes deu". Continuando, ele explica que "se o homem deve ser preparado com têmpera de teor militar para os negócios e as lutas, a educação feminina terá outra finalidade que é o preparo para a vida do lar". Completando: "é a mulher que funda e conserva a família, como é também por suas mãos que a família se destrói. Ao Estado, pois, compete, na educação que lhe ministra, prepará-la conscientemente para esta grave missão."<sup>4</sup>

Depois de restabelecido o regime democrático no país, quando em 1950 o Colégio Estadual do Paraná foi transferido para o novo prédio no Alto da Glória, adotou-se naquela instituição o regime de co-educação com a formação de turmas mistas.

A mudança para o novo prédio, com um aumento significativo do número de alunos e professores, causou dificuldades à direção do Colégio.<sup>5</sup> Na tentativa de implantar uma administração descentralizada, o diretor que assumiu em 1951 elaborou um organograma da administração do Colégio com dez departamentos autônomos, que

---

<sup>3</sup> REIS, Maria Cândida Delgado. *Tessitura de destinos: mulher e educação*, São Paulo: EDUC, 1993, p.88.

<sup>4</sup> CAPANEMA, citado por REIS, p. 88.

<sup>5</sup> Sobre o Colégio Estadual do Paraná no início dos anos 50 escreveu Temístocles LINHARES: "Tão grande e imenso em suas instalações que até agora não pode ele funcionar como devia, absorvido em questões administrativas" (LINHARES, Temístocles. *Paraná vivo: um retrato sem retoques*. Rio de Janeiro, Livraria José Olímpio, 1953, p.300).

funcionariam como órgãos auxiliares da direção. Nos diversos departamentos o organograma prevê a divisão do corpo discente do Colégio em seções masculinas e femininas (Fig. 15). Em entrevista publicada no Boletim da Secretaria de Educação e Cultura do Estado em 1953, o novo diretor apresentou o organograma e explicitou a disposição da direção do Colégio Estadual do Paraná de separar os alunos por sexo, de acordo com as "recomendações" da Reforma Capanema: "Afora número insignificante de turmas mistas, autorizadas pela Diretoria do Ensino Secundário, observa-se, fielmente, neste educandário, desde 1951, a separação de sexo, nos termos do Art.25 da Lei Orgânica do Ensino Secundário".<sup>6</sup>

Entretanto, a negação da adoção da co-educação no Colégio Estadual do Paraná, nesse período, não pode ser creditada exclusivamente à atuação de um ou outro diretor da instituição. No âmbito nacional, quando os "pioneiros" nos anos 50 retornaram à luta pelo direito de todos à educação, a reivindicação do regime de co-educação nas escolas foi posta de lado. O "Manifesto" publicado em 1958 nem menciona a questão.

A necessidade de uma autorização da Diretoria do Ensino Secundário para o funcionamento de turmas mistas, torna explícita a intenção do governo federal de impedir e controlar a co-educação no país. Não há referências na legislação aos motivos que pudessem justificar essa preocupação de separar os alunos por sexo.<sup>7</sup> Possivelmente a separação deveria estar embasada na concepção de que o Estado deveria estar atento à "diferenciação natural" de destinos para homens e mulheres.

Nos depoimentos de pessoas que atuaram no Colégio nesse período, a prática de separar os alunos por sexo era "natural" para a época, não sendo sequer questionada. Comenta uma orientadora educacional: *"Porque a gente aceitava [a separação por sexo], porque inclusive eu cheguei lá [no Colégio] e encontrei essa situação, então era tranquilo... era natural..."* (ELOAH)

---

<sup>6</sup> PARANÁ. Boletim da Secretaria de Educação e Cultura, ano III, nº 12, mai.dez.1953, p. 212.

<sup>7</sup> REIS, p. 95.



Por sua vez, explica uma ex-aluna: *"Eu acho que eram os conceitos da época, pra não deixar as meninas se aproximarem muito dos rapazes... Conceitos da época, menina é menina, rapaz é rapaz! Na minha opinião foi isso. E se houve aquelas turmas mistas é porque sobrou um pouquinho aqui e um pouquinho ali, então se fez uma turma mista"* (GUITTEL).<sup>8</sup> Para a ex-aluna, as turmas mistas aparecem como exceção numa época em que o "normal" era separar alunos e alunas.

Quando as turmas masculinas passaram a ter aulas no turno da manhã e o turno da tarde tornou-se exclusivamente feminino *"não houve assim nenhuma comoção, nenhum incidente que tivesse provocado isso [a separação dos alunos por sexo] porque a gente teria sabido... Foi natural a transição"* (CECÍLIA).

Os entrevistados argumentam que *"naquele tempo era assim"*, que até na igreja católica os homens sentavam-se nos bancos de um lado da igreja e as mulheres do outro lado, *"era tudo separado"*.

É interessante observar que nem o jornal do Centro Estudantil do Colégio Estadual do Paraná, nem os jornais curitibanos mencionam o processo de separação dos alunos por sexo ocorrido na instituição escolar durante a década.

O jornal estudantil só se refere à prática de separar os alunos por sexo, de passagem, quando relata um episódio em que dois ônibus levariam os alunos do Colégio para uma comemoração no bairro do Boqueirão: *"Chegaram finalmente os ônibus que, mal encostaram à calçada, foram invadidos pela meninada, separados, como sempre pela severidade do Prof. Ribeiro: rapazes em um, garotas em outro"*.<sup>9</sup>

Apesar da rígida demarcação de espaços masculinos e femininos estabelecida ao longo da década, não há referência nos jornais a qualquer diferenciação dos alunos por

---

<sup>8</sup> Guittel Gofman foi aluna do Colégio Estadual do Paraná de 1951 a 1956. Nesse período fez as três últimas séries do curso ginásial e todo o curso científico.

<sup>9</sup> PEREIRA, Luiz Amaral de França. Comemorações do dia da árvore. *O Colégio Estadual do Paraná*, Curitiba, nº 53, nov. 1951.

sexo no Colégio Estadual do Paraná. A educação é tratada, nos jornais da época, como fenômeno absolutamente neutro em relação aos gêneros.

## Silêncios da História

Partindo do silêncio da documentação acerca do porquê da separação dos alunos por sexo e do fato de que, na maioria dos depoimentos, a separação aparece como "natural" para a época, buscamos seguir o caminho sugerido por Le Goff, que aponta como tarefa da história nova "explicar as lacunas, os silêncios da história e assentá-la tanto sobre esses vazios quanto sobre os cheios que sobreviveram".<sup>10</sup>

O Colégio Estadual do Paraná estava inserido num contexto social mais amplo, havendo uma inter-relação entre o imaginário social circundante e a prática educativa. A organização da instituição escolar em classes separadas e com espaços definidos pela diferença sexual era considerada "natural" nos anos 50, porque o imaginário coletivo da época fornecia elementos que legitimavam o tratamento diferenciado para os gêneros na escola.

A legitimidade não está ligada por nenhuma espécie de relação interna à natureza das coisas ou à natureza humana. A produção de representações da sociedade como um todo ordenado faz com que cada elemento tenha um lugar, uma identidade e uma razão de ser. O imaginário classifica e hierarquiza os elementos que compõem a organização social, determinando o que é legítimo e o que é ilegítimo. Dessa forma, o imaginário atua como uma das forças reguladoras da vida social.<sup>11</sup>

---

<sup>10</sup> LE GOFF, Jacques. *A história nova*, São Paulo: Martins Fontes, 1990, p.54.

<sup>11</sup> BACZKO, Bronislaw. "Imaginação Social" In: *Enciclopédia Einaudi*, Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

A prática educativa, inserida e articulada a outras práticas sociais da época, era considerada como "natural". A diferenciação dos alunos por sexo, que parecia atender a necessidades intrínsecas à diferença biológica, era orientada por representações sociais de gênero presentes naquele contexto. Ou seja, as representações de gênero circulantes no imaginário da época legitimavam e, com isso, tornavam "naturais" as práticas da instituição escolar.<sup>12</sup>

De acordo com Serge MOSCOVICI<sup>13</sup> representações sociais são "conhecimentos do senso comum" sobre uma grande quantidade e diversidade de assuntos que participam do cotidiano das pessoas. São conhecimentos práticos, que se constituem a partir das experiências individuais, mas também de saberes ou modelos de pensamento recebidos e transmitidos pela tradição, pela educação e pela comunicação social. Trata-se de um conhecimento socialmente elaborado e partilhado sobre assuntos que influem diretamente sobre a vida das pessoas ou que, por sua atualidade e relevância social, tomam-se importantes de conhecer e até de firmar posição a respeito deles.<sup>14</sup>

O conceito de representação social designa uma forma de conhecimento específica, o saber do senso comum, cujos conteúdos manifestam a operação de processos generativos e funcionais socialmente marcados. Mais amplamente, designa uma forma de pensamento social.<sup>15</sup>

Representar implica numa figura e no que ela significa, ou seja, numa forma e seu sentido. O sentido é que dá caráter simbólico à representação, sendo que o aspecto

---

<sup>12</sup> As diversas disciplinas que estudam o mundo social, entre elas a história, afirmam hoje que existe uma ordem simbólica (ou imaginário) socialmente partilhada, que dá sentido à vida material. O imaginário coletivo vem sendo considerado por cientistas sociais e historiadores como inerente à vida social. Nessa perspectiva, as práticas sociais são orientadas por representações sociais produzidas pelo imaginário coletivo.

<sup>13</sup> Responsável pela cunhagem do termo "representações sociais" e pela inauguração desse campo de estudos na psicologia social, o francês Serge Moscovici fez um primeiro delineamento do conceito e da teoria das representações sociais ao discutir a socialização da psicanálise e o processo que sofre a teoria da psicanálise ao ser apropriada pela população parisiense na década de 60.

<sup>14</sup> MOSCOVICI, Serge. *A representação social da psicanálise*, Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

<sup>15</sup> Do original: "Le concept de représentation sociale désigne une forme de connaissance spécifique, le savoir de sens commun, dont les contenus manifestent l'opération de processus génératifs et fonctionnels socialement marqués. Plus largement, il désigne une forme de pensée sociale". JODELET, Denise. "Représentation sociale: phénomènes, concept et théorie". In: Moscovici, Serge (org.) *Psychologie sociale*, Paris: P.U.F., 1990, p. 361.

imagético da representação é inseparável de seu aspecto significante. A toda figura corresponde um sentido e a todo sentido corresponde uma figura.<sup>16</sup>

Nas representações sociais de gênero, existe a forma (figura) homem/mulher e o sentido (significação) do que é ser homem e o que é ser mulher. O que significa "ser homem" e "ser mulher" varia histórica e culturalmente, na medida em que o sentido da diferença não é dado pela diferenciação biológica de sexo, mas pelo valor simbólico atribuído a homens e mulheres.

As representações sociais de gênero, ou seja, os conhecimentos que o senso comum produz e faz circular sobre os gêneros nas atividades do cotidiano, respondem à necessidade de suscitar comportamentos ou visões socialmente adaptadas no que se refere ao masculino e ao feminino.

Em seu estudo sobre domesticidade e imaginário feminino na década de 50, Alice Inês de Oliveira e SILVA afirma que a divisão tradicional dos papéis de gênero, nessa época, ainda não era alvo de debates e contestações, sendo o trabalho doméstico encarado como atribuição "natural" da mulher. A autora aponta a "dona-de-casa-ainda-feliz-com-seu-papel" como figura característica dessa década.<sup>17</sup> Entretanto, a leitura de jornais daquele período sugere que o crescente ingresso da mulher no mercado de trabalho passou a suscitar discussões sobre a domesticidade da mulher.

Os jornais curitibanos abordam com frequência a questão da mulher que trabalha fora, discutindo, entre outros temas, as vantagens e desvantagens de uma carreira para a mulher, o planejamento para organizar o trabalho doméstico sem perder tempo, os benefícios do trabalho parcial fora de casa ou os prejuízos que podem trazer para a família o afastamento da mulher do lar.<sup>18</sup>

---

<sup>16</sup> MOSCOVICI, 1978, p.65.

<sup>17</sup> SILVA, Alice Inês de Oliveira e. "Abelhinhas numa diligente colméia: domesticidade e imaginário feminino na década de cinquenta" In: COSTA, A. e BRUSCHINI, C. (org.). **Rebeldia e submissão: estudos sobre condição feminina**, São Paulo: Vértice, 1989, p.144.

<sup>18</sup> O ESTADO DO PARANÁ. Curitiba, 1951-1960.

O aumento da demanda de trabalho feminino vinha criando condições para a produção de novas representações de gênero, como analisa Ana Paula MARTINS:

No início dos anos 50 o trabalho extra-doméstico já era uma realidade que atingia cada vez mais um número crescente de mulheres, derrubando as idéias que associavam o feminino à incapacidade e à fragilidade e introduzindo uma nova imagem, diferente da dona-de-casa e mãe. A imagem da mulher trabalhadora vem associar-se a outras imagens que povoavam o universo feminino daquele período, como as artistas de cinema, as primeiras-damas, as cantoras do rádio e as misses. Entre o tradicional e o moderno formava-se uma "nova mulher" consciente de que poderia assumir novos papéis além daquele que a "moral mais aceita" lhe havia concedido como "missão" a ser exercida dentro do lar.<sup>19</sup>

Durante quase toda a década o jornal "O Estado do Paraná" publicou diariamente a coluna "Mantenha sua juventude", assinada por Josephine Lowman.<sup>20</sup> Em seus artigos, dirigidos especialmente ao público feminino, a autora enfoca como as mulheres devem cuidar da beleza, da casa, dos filhos, do marido ou mesmo como devem se portar em diversas situações. Muitas vezes os textos são acompanhados por fotos de algumas atrizes de Hollywood, citadas como mulheres modernas, exemplares nos cuidados com a família, com a aparência, etc.

Um dos artigos apresenta uma entrevista com um professor de psicologia de uma universidade americana a respeito da mulher que trabalha fora. Para o professor, especializado "em assuntos relativos ao matrimônio",

O ideal seria que a mulher feminina e doméstica tivesse apenas um lar para cuidar, não sendo, entretanto, absorvida pelos afazeres comuns a ponto de perder sua personalidade. Entretanto, nem sempre é possível à mulher ter a vida que deseja ter, e as necessidades financeiras da família obrigam-na a exercer uma profissão, que exige muito do seu tempo.

É comum vermos hoje em dia mulheres casadas trabalhando fora de casa. Entretanto, é preciso que elas compreendam que além da profissão, têm outro

---

<sup>19</sup> MARTINS, Ana Paula Vosne. *Um lar em terra estranha: a aventura da individualização feminina. A casa da estudante universitária de Curitiba nas décadas de 50 e 60*, Curitiba: UFPR, 1992 (dissertação de mestrado), p.26-27.

<sup>20</sup> Desde o início da publicação do jornal "O Estado do Paraná, em julho de 1951, era diária a coluna "Mantenha sua Juventude" assinada por Josephine Lowman (serviço especial UP). A partir de 1955 a coluna passou a aparecer esporadicamente no jornal até 1957, quando voltou a ser publicada diariamente.

papel a desempenhar, muito mais importante, e que abandonado ou desleixado poderá ocasionar em seus subconscientes um sentimento de frustração.<sup>21</sup>

Nessa perspectiva, apenas as necessidades financeiras da família justificam o trabalho extra-doméstico da mulher casada. A missão da mulher no lar aparece como muito mais importante do que sua profissão, tanto que o abandono ou desleixo nessa "missão" podem trazer conseqüências psicológicas negativas para a mulher.

Num artigo publicado na coluna "Problemas de Família", o trabalho fora de casa aparece como positivo para a mãe de família quando os filhos já estão crescidos. De acordo com o autor, estudos realizados em torno dessa questão, apontam que

quando os filhos são adolescentes - é igualmente prejudicial o trabalho integral da mãe, ou nenhum trabalho. Tendo demais assuntos de que tratar, a mãe não dispõe de tempo para dedicar aos filhos a atenção que desejam e de que precisam. Não tendo trabalho algum, fora de casa, é possível que a mãe interfira demasiadamente nas vidas de seus filhos e contribua para o surgimento da tensão e do conflito.<sup>22</sup>

A maior participação feminina no mercado de trabalho ainda não põe em questão a exclusiva obrigação da mulher para com as atividades domésticas. O trabalho fora do lar não é encarado como meio de realização pessoal ou de independência econômica da mulher. Ele se torna socialmente aceito se for para evitar "tensão e conflito" doméstico ou quando é imprescindível para suprir as "necessidades financeiras da família", ou seja, por necessidade de complementar a renda familiar.

De acordo com as representações sociais da época, o homem deveria ser o provedor financeiro da família, enquanto a mulher deveria manter a harmonia familiar organizando a vida doméstica e criando um ambiente de paz e conforto para o marido e os filhos.

---

<sup>21</sup> LOWMAN, Josephine. O lar ou uma carreira? *O Estado do Paraná*, 22 fev. 1952.

<sup>22</sup> DUVALL, Sylvanus e Evelyn. As esposas que trabalham fora, *O Estado do Paraná*, 04 set. 1953.

Dentro da concepção de que a mulher exercia papel preponderante na felicidade da família, a responsabilidade pela manutenção dos casamentos era creditada, principalmente, à atuação feminina. No discurso do ministro Capanema, anteriormente citado, "a mulher que funda e conserva a família, como é também por suas mãos que a família se destrói".

Nas lembranças de um entrevistado as mulheres descasadas naquela época eram socialmente mal vistas. *"Desquitada era discriminada! (...) as poucas que havia eram consideradas quase como prostitutas!"* (EDGAR)

Na primeira metade da década, a imprensa divulga a disseminação do divórcio em diversos países. No final de 1954, quando é aprovado o divórcio na Argentina, percebe-se uma crescente preocupação com a manutenção dos casamentos. Passa a ser publicada em "O Estado do Paraná" uma coluna intitulada "Problemas de Família", onde são discutidos assuntos diversos relacionados com o tema. O fracasso dos casamentos com frequência é atribuído à falta de preparação da mulher ou a seu desinteresse pelas tarefas domésticas.

Nesse período são criados no Brasil, a exemplo de outros países, os cursos para donas-de-casa. Uma notícia sobre uma "Escola da Felicidade", em funcionamento no Canadá, explica que a referida escola promove cursos para mulheres. Alegando que o casamento está se tornando uma instituição cada vez mais frágil e instável, mesmo nos países católicos, e considerando como causa mais freqüente dos divórcios a falta de preparação da jovem ao casar, a escola se propõe a preparar as alunas para o casamento ensinando-lhes os "segredos da vida conjugal". Os cursos ministrados na escola têm duração de quatro anos e incluem: culinária, costura, decoração, economia doméstica, higiene e puericultura, entre outros "segredos". De acordo com o artigo, "O maior triunfo dessa escola é a estatística. Todas as jovens diplomadas casaram-se e, até agora, ainda não houve um só caso de divórcio entre elas".<sup>23</sup>

---

<sup>23</sup> Prepara futuras esposas a "Escola da Felicidade". O Estado do Paraná 15 nov. 1952.

As Escolas de Educação Familiar multiplicaram-se no país durante os anos 50. Através de cursos de preparação para o lar apresentavam como finalidade "melhorar o nível da vida familiar no país".<sup>24</sup>

Em Curitiba, a Escola de Educação Familiar criada em 1955 passa a oferecer o Curso de Donas-de-Casa com aulas diárias e duração de um ano. O curso visa "dar às jovens conhecimentos e habilidades que lhes permitirão desempenhar melhor sua futura missão no lar, como Donas-de-Casa e mães de Família".<sup>25</sup>

Ao noticiar a criação da Escola de Formação Familiar de Londrina, o jornal "O Estado do Paraná" afirma que "o governo deve prestigiar também os educandários dessa modalidade", alegando que o afastamento da mulher do lar "é a causa de muitos males que o mundo atual vem experimentando".

É que a sociedade moderna, de luxo, vaidade e egoísmo, é frágil em seu alicerce, e a mulher, outrora símbolo de respeito, modelo de virtude, devido ao contacto constante com o homem e o abandono quase total pelos interesses caseiros, passou a adquirir maneiras masculinizadas, fumando, vestindo calças compridas, pisando enfim onde os homens pisam, o que sem dúvida não recomenda bem para os dias de hoje e quanto mais para os dias futuros!... O seu afastamento do lar é a causa de muitos males que o mundo atual vem experimentando, pois sendo ela o "sexo fraco", como costumamos dizer, fácil também é seu desvio para os caminhos tortuosos que a vida nos mostra de vez em quando. (...)

A mulher que tem amor ao lar, ao verdadeiro lar, sabe respeitá-lo, sabe protegê-lo, porque é ela a sentinela vigilante contra toda e qualquer espécie de hábitos nefandos. E a dona-de-casa somente poderá possuir esse amor que irradia confiança e honestidade, quando possuir para isso os indispensáveis predicados para a vida doméstica, e noção de responsabilidade na árdua missão de esposa e mãe, a virtude tranquilizadora no caminho da sociedade e da decência. A ignorância desses misteres é causa de muitos matrimônios fracassados.<sup>26</sup>

---

<sup>24</sup> Primeira Semana de Educação Familiar no Paraná. *O Estado do Paraná* 23 ago. 1957.

<sup>25</sup> Escola de Educação Familiar de Curitiba. *O Estado do Paraná*, 26 fev. 1955.

<sup>26</sup> O Brasil precisa de Escolas de Educação Familiar. *O Estado do Paraná*, 19 mar. 1957.



Afirmando que é preciso preparar as jovens para o "desempenho correto de todas as atividades atinentes à nobre missão de esposa e mãe", explica o jornalista:

a mulher, pelo torvelinho da época, por necessidade ou desamor às lides domésticas, resolveu abandonar seu verdadeiro lugar, para ombrear-se com o homem, nos trabalhos das fábricas, dos escritórios, dos balcões, inclusive nas profissões liberais e em quase todos os setores do cotidiano. Com isso vem decrescendo, ultimamente, em muito, o interesse pelos trabalhos femininos e é comum mesmo vermos mocinhas ansiosas para o passo decisivo do matrimônio, sem que ao menos saibam preparar um guisado dos mais simples...<sup>27</sup>

As mudanças no comportamento feminino, resultantes das transformações econômicas e sociais, produzem a necessidade de reafirmar o "verdadeiro lugar" da mulher.

Dois anos mais tarde, um artigo parabeniza os idealizadores dos cursos de preparação para o casamento e maternidade realizados em Londrina, expressando seus votos de que aquele "exemplo há de frutificar para que a tranqüilidade da família volte a reinar no Brasil, com a reconquista da família, essa célula que dá rumo à sociedade e da qual a mulher é guia, é base, é rainha, é tudo". Continuando, o jornalista critica a realização dos concursos de miss e afirma:

Curso como o que foi instalado em Londrina é que deveriam substituir esses concursos vazios de idealismo, paganizados, que periodicamente são realizados em todo o mundo. A mulher tem seu lugar certo e sagrado - o lar -, e só dentro dele, imperando com a força de sua formação cristã, sem qualquer resquício mundanismo e vão, sentir-se-á feliz porque foi para ele talhada.<sup>28</sup>

Outros artigos nos jornais ressaltam que "a educação eficiente do elemento feminino proporciona a oportunidade de melhores dias, como se tem sobejamente demonstrado, nos mais diferentes setores da atividade humana". Assim, além de receber

---

<sup>27</sup> *op. cit.* (grifos nossos)

<sup>28</sup> OTTO, M. Miss dona-de-casa. *O Estado do Paraná* 29 ago. 1959 (grifos nossos).

a mesma instrução ministrada aos homens nas escolas, "é injustificável a falta de preparação doméstica na educação da mulher brasileira".<sup>29</sup>

Os jornais trazem sempre uma "Página Feminina" ou colunas especialmente dirigidas às mulheres, onde se percebe mais claramente as representações sociais de gênero veiculadas pela imprensa. De acordo com essas representações haveria uma complementaridade entre as funções masculinas e femininas. A mulher era responsável pela vida doméstica, poupando o homem dos problemas presentes no cotidiano familiar. E o homem, com a vida voltada para os negócios e para a realização profissional, deveria proteger a mulher dos "complicados problemas do mundo fora de casa" para que ela pudesse ter melhor desempenho em seu trabalho no lar.<sup>30</sup>

O poder criador da atividade representativa se manifesta à medida em que, partindo de um conjunto de saberes e experiências presentes no imaginário, ela é capaz de deslocá-los e combiná-los, integrá-los e desintegrá-los de modo a formar um todo coerente. Uma representação reúne e faz circular experiências, conceitos e condutas que provêm de origens diversas.<sup>31</sup> A apropriação e a popularização de conhecimentos científicos sobre as diferenças entre os sexos, juntamente com outros saberes, contribuem para a produção das representações sociais de gênero.

Nesse processo de transferência e transformação dos diversos conhecimentos, os meios de comunicação desempenham um papel relevante.<sup>32</sup> Nos anos 50, período anterior à implantação de canais de televisão em Curitiba, os jornais tinham maior importância como meio de comunicação.

---

<sup>29</sup> A instrução feminina. *O Estado do Paraná* 02 jun. 1957.

<sup>30</sup> Segundo ROCHA-COUTINHO "A partir da demarcação de dois setores, público e privado, as diferenças biológicas entre homens e mulheres foram tomadas para explicar e manter as diferenças sociais e profissionais" (ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. *Tecendo por trás do pano: a mulher brasileira nas relações familiares*, Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 43).

<sup>31</sup> MOSCOVICI, 1978, p. 62.

<sup>32</sup> SÁ, Celso Pereira de. Representações Sociais: o conceito e o estado atual da teoria In: SPINK, Mary Jane (org.). *O conhecimento no cotidiano*, São Paulo, Brasiliense, 1993, p. 30.

Diversos artigos publicados nessa época destacam a preocupação com a beleza e o comportamento das mulheres, desde a indicação de dietas e exercícios físicos a conselhos de "como as mulheres devem se comportar em público". Devem ser evitados, por exemplo, "espetáculos românticos" que "causam prejuízos morais à mulher". Não fica bem também à mulher discutir em público, nem citar nomes de pessoas em voz alta, etc. "Evitando tais coisas, a mulher estará se comportando como deve, em público, colocando-se em seu devido lugar".<sup>33</sup>

Segundo MARTINS, "o comportamento feminino em público devia se pautar pela contenção de gestos e atitudes", revelando com isso quão estreita e limitada era a margem de atuação para a mulher.<sup>34</sup>

Os depoimentos apontam que, naquela época, ser feminina

*era estar se preparando para saber cuidar de uma família, gostar de crianças, se vestir com discrição... Se a moça era um pouquinho saliente, já poderia ficar um pouco mal falada, ninguém ia chegar com boas intenções. (...) a gente tinha que ser recatada" (HELENA).*

Explica outra entrevistada:

*a gente não podia mostrar interesse pro rapaz. Era o rapaz que tinha que mostrar interesse pra gente. A gente se preservava muito... para não ser, vamos dizer, falada. Então a gente esperava que o rapaz se aproximasse. A iniciativa jamais podia partir da moça [senão] o seu conceito já caía (GUITTEL).*

A mulher verdadeiramente feminina "era aquela passiva sexualmente, embora terna e amorosa".<sup>35</sup> Em contraposição, era considerado como "naturalmente masculino" ser sexualmente ativo, agressivo, com necessidade de intensa atividade sexual.

*É, porque a gente inclusive, naquela época, jamais pensaria em casar com uma moça que não fosse virgem! (...) Então mesmo os piratões, e coisa e tal, jamais...*

---

<sup>33</sup> O comportamento das mulheres em público. *O Estado do Paraná* 15 ago. 1954.

<sup>34</sup> MARTINS, p. 38.

<sup>35</sup> ROCHA-COUTINHO, p. 107.

*Eles podiam ter quinhentas filiais, mas tinha aquela moça de casar, que aquela ele esperava* (EDGAR).

Segundo ROCHA-COUTINHO, "era através de sua pureza e recato, associados à firmeza de seus princípios morais - num valor 'interior', que justamente pressupunha o controle da sexualidade -, que a mulher encantava seu pretendente". A atitude de recato da mulher contribuía para aumentar o interesse dele, "que passa então a proteger a honra da mulher virgem e pura, aquela que se valoriza e se faz respeitar, dando a ele quase que uma certeza de exclusividade sexual após o casamento".<sup>36</sup>

*"É, você olhava assim, mas com muita discrição, esperando que ele entendesse... se você fosse atrás [do rapaz], realmente, você já estava fora do padrão"* (ROSELIS).

Dentro desse padrão desejável de comportamento feminino, são freqüentes nos jornais os conselhos sobre como a mulher deve agir em diversas ocasiões. Os artigos detalham como ela deve se arrumar, se maquilar, se perfumar, sem "descuidar-se dos toques de encanto feminino". Esses cuidados justificam-se tanto porque a mulher "deve dar alegria e bem-estar a todos aqueles que a vejam"<sup>37</sup> ou mesmo "para que seu companheiro sinta que a sua companheira é uma dama de bom gosto"<sup>38</sup>. Em outra ocasião era aconselhado: "trate de aprender a ser simpática, humana, amistosa, bondosa e esqueça completamente seu egoísmo que a faz tão desagradável".<sup>39</sup>

Em contraposição, os homens não deveriam demonstrar preocupação com a aparência pessoal e é interessante observar que algumas atitudes masculinas eram justificadas considerando que "o homem, esse egoísta involuntário..."

---

<sup>36</sup> *op.cit.*, p.108.

<sup>37</sup> Assuntos femininos. *O Estado do Paraná* 31 jul. 1955.

<sup>38</sup> Não esqueça nos esportes o seu encanto feminino. *O Estado do Paraná* 31 jul. 1955.

<sup>39</sup> LOWMAN, Josephine. O orgulho é prejudicial. *O Estado do Paraná* 11 jul. 1956.

Conhecimentos sobre o feminino e o masculino, juntamente com outras representações sociais, circulam constantemente através da comunicação entre as pessoas nas atividades cotidianas, possibilitando a interpretação e a construção de realidades sociais. A representação é social não somente por ser partilhada socialmente. O qualificativo social da representação enfatiza sua função específica de contribuir para orientar e dar sentido às práticas sociais. Segundo MOSCOVICI "a representação social é uma modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre os indivíduos".<sup>40</sup>

As representações sociais criam uma rede de significações, exercendo uma função de mediação entre o indivíduo e seu ambiente e entre os membros do mesmo grupo. Como código, linguagem comum, essa rede de significações vai servir para classificar indivíduos e acontecimentos, para constituir visões pelas quais os outros indivíduos e os outros grupos serão avaliados e posicionados. Toma-se instrumento de referência permitindo aos indivíduos comunicar-se na mesma linguagem, assim como influenciar sobre ela.<sup>41</sup>

## A Mística Feminina

Durante a primeira metade deste século as mulheres conquistaram o direito de voto, chegaram às universidades e passaram a atuar em setores da vida profissional anteriormente vedados a pessoas do sexo feminino. Essas transformações produziram mudanças nas representações sociais de gênero. Assim, as explicações de caráter meramente biológico das diferenças entre indivíduos dos dois sexos não mais se sustentavam e foram gradativamente deslocando seu foco do componente orgânico para a referência

---

<sup>40</sup> MOSCOVICI, p. 26.

<sup>41</sup> Segundo JODELET "Le système d'interprétation a une fonction de médiation entre l'individu et son milieu et entre les membres d'un même groupe. Capable de résoudre et d'exprimer des problèmes communs, devenu code, langage commun, il va servir à classer individus et événements, à constituer des types en regard desquels les autres individus et les autres groupes seront évalués ou positionnés. Il devient instrument référentiel permettant de communiquer dans le même langage, partant d'influencer" (JODELET, p. 373).

às "capacidades inatas" de homens e mulheres. Estas capacidades referiam-se não somente às características físicas e genéticas, mas também às próprias formas de sentir, pensar e agir das pessoas.<sup>42</sup> As diferenças de ordem psico-emocional, consideradas como naturais aos gêneros, levaram à consolidação da idéia de que determinadas formas de ser eram inerentes à "natureza feminina" ou à "natureza masculina".

Analisando o papel e a posição da mulher na sociedade brasileira no pós-guerra, Maria Lúcia ROCHA-COUTINHO aponta para algumas possibilidades de explicação das representações sociais de gênero veiculadas nesse período. Durante a segunda guerra mundial, nos Estados Unidos e na Europa um grande número de mulheres foi contratado pelas indústrias como mão-de-obra para substituir os homens que estavam em combate. Terminado o conflito, tornou-se necessário que as mulheres retornassem ao lar cedendo o seu lugar no mercado de trabalho para os homens. Assim, no período pós-guerra, uma intensa campanha, visando o retorno da mulher ao lar, permeou as sociedades européias e norte-americanas. Essa campanha, desencadeada pelos meios de comunicação, teve reflexos também na sociedade brasileira.<sup>43</sup>

Segundo ROCHA-COUTINHO, profissionais de diversas áreas do conhecimento entraram em cena com formulações científicas contribuindo para a produção de representações sociais acerca da "natureza feminina", tendo com eixo básico a maternidade. A popularização de idéias freudianas ajudaram, na época, a dar suporte às representações de que a realização plena da mulher passava necessariamente pelo casamento e pela maternidade. Essas idéias chegaram ao Brasil através de jornais, livros, revistas e filmes.

Diversos estudos já apontaram para a influência norte-americana no Brasil após a segunda guerra mundial. Nos jornais curitibanos dos anos 50 esta influência cultural é marcante, não apenas pela ênfase dada aos Estados Unidos no noticiário político e

---

<sup>42</sup> BARROSO, Carmem. **Mulher, sociedade e Estado no Brasil**. São Paulo: Brasiliense; UNICEF, 1982, p. 52.

<sup>43</sup> ROCHA-COUTINHO, p. 95.

econômico, mas pela publicação de grande quantidade de matéria jornalística da agência de notícias norte-americana United Press.

Josephine LOWMAN, que assina diariamente no jornal "O Estado do Paraná" a coluna "Mantenha sua juventude", citada anteriormente, é "enviada especial da UP" (United Press). Apesar do crescente número de mulheres no mercado de trabalho, seus artigos publicados nos jornais parecem ter como objetivo incutir nas mulheres o que Betty FRIEDAN chamou de "mística feminina".

Ao analisar o comportamento das mulheres nos Estados Unidos no período pós-guerra, Betty FRIEDAN afirma que, enquanto no século passado as mulheres lutavam para ter acesso a um curso superior, "em 1950 as moças iam à universidade para arranjar marido". Dentro do mesmo processo, nos anos 50, jovens mulheres que em décadas anteriores almejavam seguir uma carreira, abriam mão de seus objetivos profissionais em favor da maternidade.<sup>44</sup>

FRIEDAN atribui essas mudanças no comportamento da mulher norte-americana à introjeção da idéia de que o compromisso único da mulher é a realização de sua feminilidade, através do lar, do marido e dos filhos.

Nos quinze anos que se seguiram à Segunda Guerra Mundial, esta mística de realização feminina tornou-se o centro querido e intocável da cultura americana contemporânea. Milhões de mulheres moldavam sua vida à imagem daquelas bonitas fotos de esposas suburbanas beijando o marido diante do janelão da casa, descarregando um carro cheio de crianças no pátio da escola e sorrindo ao passar o novo espalhador de cera no chão de uma cozinha impecável. Faziam pão em casa, costuravam a roupa da família inteira e mantinham a máquina de lavar e secar em constante funcionamento. Mudavam os lençóis duas vezes por semana, em lugar de uma só, faziam cursos de tapeçaria e lamentavam sua pobres mães frustradas que haviam sonhado seguir uma carreira. Seu sonho único era ser esposa e mãe perfeita. Sua mais alta ambição, ter cinco filhos e uma bonita casa. Sua única luta, conquistar e prender o marido. Não pensavam nos problemas do mundo para além das paredes do lar e, felizes em seu papel de mulher, desejavam que os

---

<sup>44</sup> FRIEDAN, Betty. *Mística feminina*, Petrópolis: Vozes, 1971, p. 18.

homens tomassem as decisões mais importantes, e escreviam, orgulhosas, na ficha do recenseamento: "Ocupação: dona de casa".<sup>45</sup>

Comparando o conteúdo das revistas femininas norte-americanas de diferentes décadas, FRIEDAN aponta que nos anos 30 e 40 essas revistas publicavam artigos diversos sobre o mundo exterior ao lar, enquanto na década de 50 só publicavam artigos sobre assuntos que interessavam à mulher como dona-de-casa.

Na segunda metade do século XX, o mundo da mulher estava confinado ao seu próprio corpo e beleza, ao fascínio a exercer sobre o homem, à procriação, ao cuidado físico do marido, das crianças e do lar. E isso não constituía anomalia, número excepcional entre as revistas femininas.<sup>46</sup>

A mesma autora distingue também a imagem de mulher presente nos filmes produzidos em Hollywood nas três décadas. Ela afirma que as heroínas apresentadas nas revistas e nos filmes norte-americanos durante os anos 30 e 40 eram mulheres independentes, determinadas e envolvidas com o mundo. Normalmente elas tinham suas carreiras e atraíam os homens mais por seu espírito do que pela aparência, ao passo que nos anos 50 as heroínas eram donas-de-casa, tornando-se pejorativo ser mulher de carreira.<sup>47</sup>

Para FRIEDAN a desilusão e a insegurança do contexto pós-guerra, associadas à disseminação de idéias freudianas sobre a mulher deram força a essa mística, que afirmava que o valor mais alto e o compromisso único da mulher deveria ser a realização de sua feminilidade. Carreira profissional e educação mais requintada eram apontadas como

---

<sup>45</sup> *op.cit.*, p. 20.

<sup>46</sup> *op.cit.*, p. 35.

<sup>47</sup> "That year [1949] saw the last of spirited, brave, adventurous heroines who had filled the magazines and movies in the thirties and forties - the Claudette Colbert, Myrna Loy, Bette Davis, Rosalind Russel, and Katharine Hepburn types. These heroines, in the end, got their man, but they usually working toward some goal or vision of their own, independent and determined and passionately involved with the world. They were less aggressive in pursuit of a man, less kittenish than the Doris Day little housewife that followed, and the men were drawn to them as much by their spirit as by their looks. 'Career woman' in the fifties became a pejorative, denoting a ball-busting man-eating harpy, a miserable neurotic witch from whom man and child should flee for very life." FRIEDAN citada por ROCHA-COUTINHO, p. 124.



masculinizantes, com conseqüências perigosas para o lar, para as crianças e para a vida sexual.<sup>48</sup>

Segundo essas representações, disseminadas também no Brasil através dos meios de comunicação, homens e mulheres eram considerados como "naturalmente" masculinos e femininos, com características próprias e inerentes à diferença de sexo. Os jornais da época referem-se ao "encanto feminino" e ao "egoísmo masculino" como se estas fossem características inerentes aos gêneros.

Assim, as mulheres "realmente" femininas realizavam-se através do lar, do marido e dos filhos, enquanto algumas mulheres, com mentalidade masculinizada, almejavam ser independentes e seguir uma carreira profissional. Esta opção poderia ser feita pelas mulheres solteiras, mas aparecia como incompatível com o casamento e a maternidade.

Nas lembranças de um ex-aluno do Colégio Estadual do Paraná:

*As meninas não se encaminhavam para profissão, geralmente não podia, não podia e não queria, não precisava trabalhar. Então não trabalhando, o que que tinha que fazer? Cuidar do lar. A idéia, a tendência era essa, era cuidar do lar, tirar um curso (...) Então não era programa uma menina sair do Cajuru, do Sion e trabalhar. Quando muito podia dar aula, só. Mais que isso não fazia (SANSÃO).*

O trabalho de Rosane Manhães PRADO, sobre alguns romances bastante populares no Brasil na década de 50, reforça a idéia de naturalização do masculino e do feminino como um elemento presente no imaginário da época. A autora analisa as representações de gênero veiculadas pelos livros de M. Delly, leitura quase obrigatória das jovens daquele período, e questiona o quanto podem ter sido absorvidas pelas leitoras, a ponto de alimentar a construção da identidade feminina daquela geração.<sup>49</sup>

Os romances de M. Delly retratam um modelo de mulher, complementado por um modelo de homem, reafirmando e legitimando as relações de gênero da época. Nos

---

<sup>48</sup> Contraditoriamente, ao mesmo tempo em que a "mística feminina" era divulgada na sociedade norte-americana, triplicava o número de mulheres trabalhando em diferentes empregos (FRIEDAN, p.49).

<sup>49</sup> PRADO, Rosane Manhães. Um ideal de mulher: estudo dos romances de M.Delly in *Perspectivas antropológicas da mulher*, vol. 2, Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

enredos aparecem heróis e heroínas que sempre se apaixonam e se casam, "vivendo felizes para sempre", e aparecem também anti-heróis e anti-heroínas com destinos não tão felizes.

A descrição das heroínas segue um padrão que remete à ideia de sexo frágil, da mulher que precisa de um homem que a ampare e proteja. A oposição entre os papéis femininos e masculinos é marcante e está associada ao plano físico, biológico. Outro aspecto característico das histórias é a subordinação das mulheres em relação aos homens, seja pai, tutor ou marido.

Nas histórias de M. Delly o espaço feminino restringe-se à esfera doméstica, onde a heroína destaca-se por sua habilidade nas tarefas, em contraposição às frívolas e pouco habilidosas anti-heroínas (algumas até com pretensões intelectuais!). Já o herói destaca-se como administrador de seus bens, controlando recursos e pessoas e mantendo as relações externas que se fazem necessárias. Como essencial na relação dos casais aparece o poder de manipulação da heroína, que, veladamente, consegue influenciar o herói e mantê-lo sempre apaixonado. As heroínas aparecem como corajosas, leais e puras e, por suas qualidades, merecem e até "vencem" os heróis.

Os papéis desempenhados por homens e mulheres eram distintos e pré-determinados, havendo uma complementaridade entre as funções masculinas e femininas.

As representações do masculino e do feminino veiculadas pelos romances de M. Delly eram coerentes com o imaginário da época, o que explica sua grande popularidade. Segundo PRADO, sendo livros recomendados para meninas-moças, que muitas vezes só tinham permissão para ler esse tipo de livro, a leitura dos romances pode ter sido usada como instrumento de controle sobre as "moças de família".

Uma das mulheres entrevistadas durante a pesquisa disse que lia muito romance na época do Colégio e acha que ficou *"muito boba e romântica"* de tanto ler histórias desse tipo. Outra completou: *"nós éramos muito românticas, porque a gente sonhava com aquelas histórias de casou e foram felizes para sempre"* (ROSELIS).

Diversos elementos circulantes no meio cultural são utilizados pelos indivíduos para exprimir suas representações. Esses elementos, de alguma maneira, restringem e influenciam seus comportamentos.<sup>50</sup>

As características e capacidades atribuídas a homens e mulheres não são inatas, são habilidades desenvolvidas a partir de um aprendizado social. Este aprendizado, ou socialização, é orientado pelas representações sociais de gênero presentes no imaginário.

O imaginário, ao organizar e atribuir significado às diferenças biológicas entre os sexos confere-lhes sentido. As representações de gênero presentes no imaginário são consideradas como parte da "natureza" de homens e mulheres, mas seu sentido é dado socialmente.

Maria Lúcia ROCHA-COUTINHO afirma que

A demarcação de papéis atribuídos às mulheres em razão de concepções "naturalistas" e "essencialistas" de sua condição de gênero desconhece o caráter de construção social de que este se reveste. Tal caráter não é facilmente identificado porque é legitimado por discursos científicos e filosóficos tradicionais, por discursos políticos e religiosos hegemônicos.<sup>51</sup>

Ao discutir a importância do gênero como categoria de análise histórica, a historiadora americana Joan Scott justifica que optou-se pelo termo "gênero" para indicar a rejeição ao determinismo biológico implícito no uso de termos como "sexo" ou "diferença sexual". A categoria gênero, referindo-se à organização social da relação entre os sexos, aponta para o caráter relacional entre o feminino e o masculino, estendendo-se à questão das diferenças entre pessoas do mesmo sexo. Nessa perspectiva considera-se que o feminino se define em relação ao masculino, isto é, só se define o que é ser mulher ao se definir o que é ser homem, e vice-versa.<sup>52</sup>

---

<sup>50</sup> JODELET, p. 364.

<sup>51</sup> ROCHA-COUTINHO, p. 40.

<sup>52</sup> SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica In: *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v.16, n 2, jul./dez. 1990.

Os estudos sobre gênero rejeitam o determinismo biológico, ou seja, a idéia de que o aparato biológico sexual explica o comportamento social diferenciado. O feminino e o masculino não resultam de uma determinação biológica, sua definição é contextual. Enquanto o sexo é determinado biologicamente, o gênero é uma construção social aprendida, institucionalizada, representada e transmitida através das gerações.<sup>53</sup>

Assim sendo, considera-se também que as relações entre homens e mulheres não são determinadas, mas que resultam de correlações de forças presentes em cada situação, e que, portanto, os desequilíbrios e desigualdades entre os gêneros são passíveis de mudanças.

## Escola no Masculino e no Feminino

As representações sociais de gênero presentes no imaginário coletivo permeavam a prática cotidiana do Colégio Estadual do Paraná nos anos 50. No jornal do Centro Estudantil do Colégio as "páginas femininas" tratavam de moda, beleza, culinária e truques caseiros, como se o universo feminino fosse restrito à vida do lar.

Explica o redator do jornal:

A "Página Feminina" foi organizada com o intuito de completar esta publicação e de proporcionar às colegas assuntos do interesse de todas.

Nela encontrarão curiosidades, conselhos úteis, enfim, tudo relacionado com o mundo feminino.<sup>54</sup>

As alunas responsáveis pelas "páginas femininas" pediam sempre a colaboração das colegas no sentido de enviar matéria a ser publicada. De modo geral não faltam

---

<sup>53</sup> SORJ, Bila. O Feminismo na Encruzilhada da Modernidade e da Pós-Modernidade In: COSTA, A. e BRUSCHINI, C. *Uma questão de gênero*, Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992, p. 15.

<sup>54</sup> Apresentação às leitoras. *O Colégio Estadual do Paraná*. Curitiba, nº 66, set. 1953.

receitas culinárias, modelos de vestidos e conselhos diversos sobre como manter o "encanto feminino".

Num dos artigos publicados na seção feminina do jornal a autora, uma aluna do 2º científico, afirma que "o perfume é a quarta dimensão da personalidade feminina":

Quando a mulher está segura dos próprios encantos, sentindo-se preparada para qualquer tipo de competição, seja esta competição relativa à vida particular, ao trabalho ou aos estudos, agirá com maior naturalidade e terá mais probabilidade de vitória.

É justamente essa segurança que o perfume nos dá, ou aumenta em nós. (...)

A suavidade de um aroma dá-nos vontade de sermos mais agradáveis, também contribuindo inconscientemente para nosso maior encanto.

Um bom perfume é capaz de tornar a mulher mais confiante em si própria, em seus encantos e em seu poder de atração.<sup>55</sup>

As "páginas femininas" publicavam também poesias e outros textos enviados pelas alunas. Um deles aborda "o papel da mulher em diversos setores da atividade humana", destacando:

Há aproximadamente um século que a mulher deixou o meio de ignorância em que vivia, passando a fazer parte ativa de quase todos os ramos culturais da vida humana.(...)

Porém a participação da mulher na ciência e no exercício de profissões liberais, que se deu no início deste século, constituiu uma revolução intelectual na era contemporânea. Foi uma espécie de um longo e interminável sono, tal qual o da "Bela adormecida no bosque", despertar este que se deu em toda a sua pujança e grandiosidade.<sup>56</sup>

Continuando, o texto cita o exemplo de Marie Curie que, "juntamente com seu marido", trabalhou em pesquisas científicas, o que talvez indique que a "bela adormecida" precisa de um "príncipe" que a desperte.

---

<sup>55</sup> ANUNCIAÇÃO, Ana Glacy T. Influência do perfume no caráter feminino. O Colégio Estadual do Paraná. Curitiba, nº 67, out. 1953.

<sup>56</sup> BINDER, Anna. O papel da mulher nos diversos setores da atividade humana. O Colégio Estadual do Paraná. Curitiba, nº 67, out. 1953.

Em outras seções (não tão "femininas") do jornal, diversos artigos escritos por alunos e alunas discutem as transformações relativamente recentes no papel da mulher. O tema parece ser bastante polêmico no início dos anos 50.

Uma discussão sobre "feminismo" esteve presente em três números consecutivos do jornal estudantil em 1952. Uma aluna do 1º ano do curso clássico iniciou o debate quando publicou o seguinte texto:

Feminismo, no seu verdadeiro sentido, consiste na contribuição da mulher para o bem estar social do mundo; as vitórias da mulher no terreno do livre arbítrio, nas letras e nas artes, cobrem uma pequena parcela de atribuições que ela está em condições de exercer ao lado do homem.

Ser feminista não é querer tirar aos homens o seu lugar na sociedade.

Ser feminista é descortinar horizontes mais largos, é ter liberdade de opinião, é saber dirigir-se por si mesma quando se fizer necessário.

Ser feminista não é fugir às obrigações legadas por Deus à mulher, e sim desdobrar-se para o desempenho de novas missões.

Ser feminista é disputar pelo mesmo direito de justiça. Justiça que deve colocar o elemento humano no lugar que lhe compete na sociedade, pelo seu valor, independente do fato de ser ele homem ou mulher.

Errada é a concepção de que o feminismo pretende masculinizar a mulher, numa tentativa de criar para si uma formalidade nova e diferente.

Ser feminista não é cair no extremo oposto, isto é, vencer as dificuldades pela fraqueza e pelas lágrimas, mas lutar pelo direito no lar e fora dele.

Enfim, feminismo é o conjunto de todas essas conquistas que arrancam a mulher do lar e a levam aos lugares que antes eram vedados: a universidade, o recinto dos parlamentos, o esporte, a cátedra das academias.<sup>57</sup>

A reação aparece no número seguinte do jornal, quando um aluno discute e critica o artigo, afirmando que

"as obrigações legadas por Deus à mulher" são aquelas que a mulher desempenha dentro dos limites do lar. Assim sendo, "arrancar a mulher do lar", trará a fuga desse lar. E essa é, para mim, a maior acusação ao feminismo, que significa o desvirtuamento das finalidades da mulher, através de ocupações inadequáveis à

---

<sup>57</sup> DIMINSKA, Halina. Feminismo. O Colégio Estadual do Paraná. Curitiba, nº 57, jun. 1952.

sua personalidade, a título de desdobramento "para desempenho de novas missões".<sup>58</sup>

Embasando sua crítica, o estudante cita uma frase do sociólogo francês Alexis Carrel: "As mulheres devem desenvolver as suas aptidões no sentido de sua própria natureza, sem procurar imitar os homens".

No mês seguinte a aluna que escreveu sobre "feminismo" publica outro artigo no jornal do Centro Estudantil. Respondendo às críticas do colega, ela explica:

a minha expressão "arrancar a mulher do lar", não foi no sentido de extirpar a mulher da vida familiar, mas sim projetá-la no plano de simples móvel, "bibelot", adorno e verdadeiro pária social para uma nova dimensão, na qual, apesar de "as diferenças..." está em condições de ser espiritualmente irmanada com o seu semelhante e sempre privilegiado HOMEM.(...)

Hoje, a corrente de ideal do Século visa justamente proporcionar igualmente oportunidades aos homens e às mulheres, visto que uns e outros têm o mesmo valor intrínseco, a mesma aptidão para o trabalho, o mesmo discernimento e capacidade intelectual.<sup>59</sup>

As novas funções assumidas pelas mulheres na sociedade criavam condições para a produção de novas representações de gênero. Mas, apesar das transformações sociais, a idéia de "proporcionar igualmente oportunidades aos homens e às mulheres" continuava suscitando reações adversas.

No ano seguinte escreve no jornal estudantil uma aluna do 3º científico:

Hoje a mulher luta pela vida, trabalha pelo sustento do seu lar e de seus filhos não poupando sacrifícios. Os estudos superiores eram monopólio dos homens; com coragem as mulheres lutaram por seus direitos e hoje temos grandes médicas, grandes causídicas, etc. Há mulheres cientistas, como há mulheres jogadoras de futebol.<sup>60</sup>

Ao que um aluno responde no número consecutivo:

---

<sup>58</sup> DÓRIA, Pedro Ricardo. O feminismo, ainda... O Colégio Estadual do Paraná. Curitiba, nº 58, ago. 1952.

<sup>59</sup> DIMINSKA, Halina. Ainda o feminismo. O Colégio Estadual do Paraná. Curitiba, nº 59, set. 1952.

<sup>60</sup> SOLEIL, Luana. Ataque aéreo. O Colégio Estadual do Paraná. Curitiba, nº 63 e 64, mai.jun. 1953.

No fanatismo de igualar-se ao Homem em "tudo", as mulheres modernas usam todos os meios que lhes parecem viáveis, esquecendo que tudo isso poderia deixar de existir se elas perdessem o complexo [de inferioridade em relação aos homens], esse maldito complexo que as transformou em jogadoras de futebol, fumantes inveteradas, verdadeiras "paraibas"<sup>61</sup>, quando elas foram Mães extremosas, emanação de amor puro, "rainhas" mesmo.

Obcecadas pela luta que elas mesmas imaginaram as mulheres não querem compreender que coisas há que não lhes fica bem praticarem, e estas são aquelas que lhes fazem perder a feminilidade, a graça, até a beleza, tornando-as até indiferentes aos olhos dos Homens.<sup>62</sup>

Dentro dessa perspectiva, as novas funções assumidas pelas mulheres estavam fazendo com que estas perdessem "a feminilidade, a graça e até a beleza", atributos considerados como "naturais" às mulheres. O texto explica que as mulheres, antes "Mães extremosas", estavam se tornando masculinizadas, "verdadeiras paraibas". Esta identificação entre maternidade e feminilidade faz com que os atributos desejáveis numa "boa mãe" estejam presentes nas representações sociais da mulher naquele período. Assim, dedicação, abnegação, docilidade, ou mesmo "emanação de amor puro", são representadas como características "naturalmente" femininas. Enquanto "perspicácia intelectual, pensamento lógico, interesses profissionais e políticos" são vistos como antifemininos, ou melhor, como características "naturalmente" masculinas.<sup>63</sup>

A distinção entre homens e mulheres não se restringia às características físicas, mas abrangia também as formas de sentir, pensar e agir. As mudanças no comportamento das mulheres, sendo conflitantes com as representações sociais do feminino mais disseminadas no imaginário da época, conduziām à idéia de que algumas mulheres estavam se tornando masculinas.

---

<sup>61</sup> O termo "paraíba" designa a mulher masculinizada, "mulher-macho".

<sup>62</sup> QUEIRÓS, Humberto de. Defesa anti-aérea. O Colégio Estadual do Paraná. Curitiba, nº 65, ago. 1953.

<sup>63</sup> ROCHA-COUTINHO, p. 41.



As representações geralmente articulam e combinam diferentes questões, segundo uma lógica própria, "em uma estrutura globalizante de implicações para a qual contribuem informações e julgamentos valorativos colhidos nas mais variadas fontes e experiências pessoais e grupais".<sup>64</sup>

Explicitada nos artigos escritos por estudantes, a concepção de que existem características masculinas e femininas inerentes a homens e mulheres permeava a prática educativa do Colégio Estadual do Paraná nos anos 50. Estando inserida e articulada a outras práticas sociais da época, a prática educativa refletia as transformações e tensões das relações de gênero naquele período.

De acordo com todos os entrevistados, em turmas mistas ou separadas por sexo, o Colégio oferecia o mesmo nível de ensino para alunos e alunas. *"Não tinha nenhuma diferença [se fosse aluno ou aluna] em relação à nota. Tinha que estudar mesmo!"* (HALINA)

Lembra um ex-aluno que só freqüentou turmas masculinas:

*Pelo que eu conversava com as meninas, era tão exigente o ensino tanto ao nível do clássico como do científico. Pelo menos eu lembro que as angústias nossas eram as angústias delas. Porque os nossos professores eram os professores delas, eles trabalhavam de manhã e de tarde no Colégio Estadual, alguns deles até à noite. Então não acho que houvesse diferenciação em termos de exigência [para alunos e alunas]* (CARLOS).

A igualdade em termos de exigências para alunos e alunas produz a seguinte observação de uma ex-aluna:

*uma das coisas que você sentia assim bem [no Colégio], era que você era tratada igual aos garotos. Então as lições, a forma de ensinar era a mesma coisa. Havia diferenciação na parte de economia doméstica, em que as meninas tinham uma [matéria] diferente dos garotos. Nós tínhamos trabalhos manuais, alguma coisa assim... (...) Então de uma forma geral você se sentia mais gente porque você era tratada igual ao menino* (ROSELIS).

---

<sup>64</sup> SÁ, p. 26.

Entretanto, apesar da igualdade no ensino secundário oferecido pelo Colégio, que fazia as meninas "se sentirem mais gente" e que possibilitaria descortinar o mesmo universo profissional para alunos de ambos os sexos, as representações de gênero presentes naquele contexto geravam expectativas sociais diferenciadas para o futuro de alunos e alunas. A mesma ex-aluna observa que

*no ginásio de uma forma geral tinha mais meninos. Depois com o tempo que o número de meninas foi igualando. Mas realmente quem pensava em estudo a maioria eram garotos. Porque os garotos tinham, eram mais encaminhados pra isso. (...) Então de repente aquela época você sentia assim um pouquinho, como se diz, parece que aquele terreno profissional pertencia mais ao homem. Não que você não tivesse possibilidade. Mas parece que pro homem, pro menino, era mais fácil. Você tinha que superar, como se diz, se mostrar com mais condições para conseguir chegar até onde [eles] estavam.(...)*

*A gente nota assim o seguinte: que naquela época quando se falava de profissão, família, tudo o mais, pensava-se no garoto-homem. Então o garoto, vai ser um profissional. A menina era educada pra ser dona de casa... no máximo professora (ROSELIS).*

O Colégio oferecia o mesmo ensino para alunos e alunas e preparava um número crescente de mulheres para ingressar na universidade. Entretanto, segundo MARTINS, naquele período "não se esperava das mulheres necessariamente a profissionalização, pois era mais importante que a mulher ingressasse no mercado matrimonial do que no mercado de trabalho". Um curso universitário seria uma forma de adquirir mais conhecimentos enquanto esperava o casamento, havendo "uma grande distância entre o acesso à universidade e o futuro acesso à profissão".<sup>65</sup>

Uma ex-aluna compara as trajetórias diferenciadas de alunas e alunos na sua época de curso secundário:

*[As meninas] Elas queriam é casar, arranjar um marido e casar e fim, daí encerrava a carreira ali mesmo. (...) muitas delas nem tiraram o curso superior, tiraram o normal, casaram e fim...*

---

<sup>65</sup> MARTINS, p. 77.

*[com os meninos] era bem diferente! Os meninos... todos eles foram pro curso superior, ninguém parou no clássico e parou. Eles foram pro curso superior. Todos eles, e todos com sucesso, porque a gente ouviu falar deles até hoje! (HALINA)*

Essa ex-aluna conta que para cursar o segundo ciclo trabalhava durante o dia e estudava à noite no Estadual:

*eu tinha consciência que a única maneira que eu tinha de subir na escala social era estudando... que não tinha outro jeito. Não tinha, porque meu pai era uma pessoa culta, mas ele era o que, coitado? Um "lambe-lambe"<sup>66</sup> de praça, não é? Então se eu ficasse, me acomodasse e ficasse ali, eu ia ser o que, sei lá... operária de fábrica. E eu nunca quis, eu achava que eu tinha que estudar, estudar e estudar para sair daquele degrau, sabe? (HALINA)*

O curso secundário, possibilitando o acesso à universidade, aparecia para ela como meio de ascensão social. Essa aluna foi uma das poucas que participou da diretoria do Centro Estudantil naquele período e foi a mesma que escreveu aqueles polêmicos artigos sobre "feminismo" no jornal estudantil. Ela garante que sempre foi muito independente e que "tomava as decisões sozinha", sem necessariamente consultar os pais. Sua trajetória foi diferente da de outras ex-alunas, que apontam para a importância da adesão familiar ao projeto de prosseguimento dos estudos e possível profissionalização:

*"Eu fui atrás de uma profissão (...) Meu pai sempre incentivava a gente a ter uma profissão" (GUITTEL). Ou mesmo: porque o meu pai, o meu pai tinha uma cabeça diferente, e nunca, ao contrário, eu nunca imaginei de casar e largar [os estudos]... mas não mesmo! Eu fiz o científico e meu objetivo era continuar, fazer a universidade (MURIEL).*

Esse depoimento indica que nem todos os pais incentivavam a profissionalização feminina. Talvez só aqueles que tivessem "uma cabeça diferente" para a época. Para essas ex-alunas, oriundas de famílias de camadas médias, o término do curso secundário e a entrada na universidade faziam parte de um projeto familiar.

---

<sup>66</sup> A expressão "lambe-lambe" significa fotógrafo ambulante.

Observa-se que o ingresso das mulheres nos cursos secundários e nas universidades ocorreu à medida em que a classe média teve acesso a uma maior escolarização, verificando-se um cruzamento das categorias gênero e classe.<sup>67</sup>

Apesar das novas oportunidades que se abriam para as mulheres no campo intelectual e profissional, os projetos de profissionalização destas permaneciam atrelados à sua condição "feminina".<sup>68</sup>

Lembra um ex-aluno:

*naquele tempo, nem todas [as alunas] iam para a faculdade, porque não queriam, não precisavam. Pode ver, se você conseguisse a estatística, eram pouquíssimas as moças que faziam um vestibular assim mais forte. Quando entrava em engenharia, então, a gente se admirava, como que uma mulher vai entrar em engenharia?! (SANSÃO)*

Explica um ex-professor:

*Porque as meninas se preparavam não tanto assim para profissões difíceis, engenharia e coisa e tal, elas se preparavam mais para o vestibular de enfermagem, laboratório, enfim era mais ou menos isso. Enquanto que os rapazes não, eles queriam ser médicos, engenheiros, arquitetos, estava começando a arquitetura aqui no país, então era mais ou menos isso (ALBANO).*

E, naquela época, "*eram pouquíssimas as [meninas] que queriam fazer direito porque era um curso mais árduo. Você tinha que ter uma boa biblioteca, você tinha que estudar 5 anos, então era uma série de coisas assim que limitavam um pouco*" (HALINA).

Em sua tese "O preconceito e sua força desagregadora na vida social" publicada em 1954, Maria Olga MATTAR apresenta o resultado de uma pesquisa realizada entre estudantes de grau médio e universitários sobre os preconceitos de sexo. Entre as

---

<sup>67</sup> Alguns estudos sobre a classe trabalhadora no Brasil têm buscado articular as categorias gênero e classe social (ver RAGO, Margareth. "Relações de gênero e classe operária no Brasil: 1890-1930" In: *Cademo Espaço Feminino*, Uberlândia, n.1, jan./jun. 1994). A discussão sobre gênero e classe, entretanto, demanda maior aprofundamento.

<sup>68</sup> Segundo MARTINS, a imprensa dos anos 50 caracteriza a mulher daquele período como uma "mulher moderna", mas esta designação decorre dos novos padrões de consumo, do que ela tem, e não em função do que ela é. O modelo de mulher apresentado como "moderno" é o mesmo, tradicional e conservador, "sua condição de moderna passa pela infinidade de marcas e modismos que pode consumir". (MARTINS, p. 43)

diversas questões levantadas pela pesquisa, uma delas discute as carreiras adequadas e inadequadas à mulher. As estudantes que compõem o universo pesquisado apontam as carreiras de professora e de farmacêutica como as mais adequadas à mulher e entre as carreiras menos adequadas ao sexo feminino destacam engenharia e direito.<sup>69</sup>

A indicação das carreiras de professora e farmacêutica como mais adequadas à mulher reflete a identificação entre a representação social da mulher e a maternidade, já discutida anteriormente. Assim, a profissionalização feminina não deveria fugir das funções tradicionalmente atribuídas às mulheres. E da mulher era esperado que cumprisse, prioritariamente, os encargos relativos à sua "missão" de dona-de-casa, esposa e mãe. Também os cursos superiores mais procurados pelos rapazes eram consoantes com as representações sociais de que os interesses dos homens seriam prioritariamente voltados para sua vida profissional. Nas famílias de classe média era esperado que o rapaz ingressasse na universidade e tivesse no futuro uma boa atuação dentro da profissão.

Observa-se que o crescente ingresso de alunas no Colégio Estadual do Paraná nos anos 50 foi, ao mesmo tempo, produto e produtora de mudanças. Se, por um lado, as mulheres tiveram maior acesso à escolarização devido a diversos fatores que produziram mudanças nas representações sociais de gênero, por outro lado, a entrada crescente de alunas no Colégio Estadual foi acompanhada por mudanças nas relações de gênero.

Os alunos do início da década lembram que havia muita camaradagem entre alunos e alunas quando ainda era reduzido o número de meninas que concluía o curso secundário no Colégio. "*Havia também os namoros*" mas, de acordo com os depoimentos, principalmente nas turmas mistas do 2º ciclo, o relacionamento entre alunos de ambos os sexos caracterizava-se pelo companheirismo e pela preocupação

---

<sup>69</sup> MATTAR, Maria Olga. *O preconceito e sua força desagregadora na vida social*. Curitiba: Gráfica & Editora A Imprensa, 1954 (tese de livre docência), p. 44.

dos rapazes em proteger as poucas meninas. As turmas eram pequenas e *"ficava tudo em família"*!<sup>70</sup>

Uma aluna, que terminou o 2º ciclo estudando à noite, conta que *"sempre tinha um grupo de amigos, de colegas que achavam uma barbaridade eu ter que voltar sozinha. E eu dava graças a Deus que tinha companhia (...) Era um coleguismo sadio, sabe, muito bom!"* (HALINA)

Para outra aluna, que sempre havia estudado em turmas femininas e que freqüentou uma turma mista no 3º científico,

*havia uma tênue diferença para os professores homens, principalmente, lecionarem para uma turma mista. Eles tinham um pouco mais de cuidado com o palavreado. Porque sempre, naquela época, havia esse cuidado. Eles eram educadores, eles não ficavam dizendo palavrões, como hoje qualquer professor diz no cursinho pra turma, não se dizia mesmo. Mas às vezes eles diziam: opa! aqui tem senhoritas! Eu acho que eles melhoravam a qualidade de expressão* (HELENA).

Ela comenta que na turma mista havia um certo espírito de competição, a seu ver positivo, permeando as relações de gênero:

*E também eu acho assim que foi bom porque entre moças [nas turmas femininas] é uma coisa como estar em casa. E a gente na turma mista se policiava mais para melhorar o desempenho, há sempre um certo exibicionismo, mesmo que enrustido, não é? De melhorar, de parecer melhor! Eu achei assim que foi uma coisa que melhorou todo mundo, sabe?* (HELENA)

O gradativo aumento do número de alunas possibilitou a formação de turmas exclusivamente femininas no decorrer da década de 50. As turmas masculinas e as turmas femininas passaram a ser distribuídas nas duas alas opostas do prédio, tendo-se tornado uma ala masculina e uma ala feminina. De relações de camaradagem, "em família", foi imposto a alunos e alunas manter distância durante as atividades cotidianas do Colégio. Desse período, os alunos lembram do "paralelo 38", que marcava a

---

<sup>70</sup> LOUREIRO, Sansão José. *Entrevista*. Curitiba, 03 out. 1995.

separação espacial dos alunos por sexo no pátio do recreio, símbolo da interdição da convivência entre alunos e alunas no interior do Colégio.

Quando, a partir de 1957, alunos e alunas foram separados por turnos, o turno da manhã do Colégio Estadual do Paraná passou a adquirir feições de uma escola masculina, ao mesmo tempo em que o turno da tarde aprimorou-se na educação feminina.

Lembra a orientadora educacional: *“os meninos estavam de manhã e as meninas de tarde. Os horários eram completamente separados. Aos sábados era até às 9 e meia da manhã dos meninos e depois das 10 horas era das meninas. (...) e não era livre a entrada deles [no Colégio] fora do horário das aulas”* (ELOAH).

E continua:

*Inclusive na Orientação a gente ensinava às meninas como deviam se comportar no ônibus, na rua... Quando nós fazíamos as sessões de orientação nós discutíamos a atitude da moça em sociedade, a atitude em sala de aula, no namoro, com as colegas, etc. (...) Eu me baseava muito na Junqueira Schmidt<sup>71</sup>, porque eu fiz um seminário com ela no Rio. Sobre namoro, sobre... (dentro dos padrões vigentes): discipulação, maneira de falar, namorar... (ELOAH)*

Alguns ex-alunos do final da década contam como burlavam a segregação imposta pelo Colégio a alunos e alunas:

*porque a gente não podia se aproximar das meninas. Então era muito comum, por exemplo, eu estou numa carteira [no turno da manhã] e sei que à tarde vai sentar uma menina ali, ela me deixa bilhete dentro da carteira escondido e eu deixo uma resposta pra ela também dentro da carteira. Isso era muito comum acontecer. Deixar bilhetinho dentro da carteira para o dia seguinte... e assim a gente fazia (CARLOS).*

Completa uma ex-aluna:

*Todo mundo [do turno da tarde] se correspondia com o pessoal da manhã e da noite através de bilhetinhos deixados embaixo das carteiras. Por exemplo, eu tinha minha carteira, meu lugar, cada um tinha lugar fixo. (...) aí eu, por exemplo,*

---

<sup>71</sup> Maria Junqueira SCHMIDT tem diversos livros publicados sobre educação de crianças e jovens. Dentro dos princípios da moral cristã, ela aborda o papel da escola e principalmente da família no sentido evitar a delinquência juvenil, sua grande preocupação.

*me correspondia com um [aluno] da manhã e com um da noite. Então tinha bilheteinho lá, depois até a pessoa ia se encontrar nos sábados, marcava encontro, porque daí sábado eles tinham aula de manhã e nós também. Só que eles tinham até uma certa hora e a da gente começava depois (MURIEL).*

A segregação dos alunos por sexo no Colégio estava embasada nas representações sociais de gênero presentes naquele contexto. Assim, os professores teriam maior "liberdade" de expressão ao dirigirem-se a uma turma só masculina e, por outro lado, no caso das meninas uma certa reclusão, em relação aos rapazes, era vista como positiva. Ao discutir a educação de homens e mulheres na década de 50, ROCHA-COUTINHO afirma que das meninas "esperava-se obediência sem limites, recato e pureza e, para tanto, uma certa reclusão era necessária a fim de que ela não ficasse mal falada".

Uma vez que o objetivo máximo da vida da mulher da época era o casamento, esta deveria se manter virgem e casta, dócil e meiga, caso não quisesse ficar solteira ou ser incluída na classe das mulheres consideradas "fáceis", feitas não para o casamento mas sim para as brincadeiras, as farras e a satisfação sexual de seus companheiros do sexo masculino.<sup>72</sup>

Atendendo às expectativas da época, quando o turno da tarde tornou-se exclusivamente feminino, a disciplina e a vigilância foram aprimoradas. Uma ex-aluna lembra que *"a disciplina era rígida, bastante rígida"*, e quando *"a gente entrava ficavam vendo se o uniforme estava completo, se não tivesse não podia entrar. Isso existia mesmo, muito"* (MURIEL).

A vigilância no turno feminino extrapolava os muros do Colégio e chegava até às portas dos cinemas, onde *"às vezes iam buscar meninas que gazeavam aula"*. Em casos como estes, os pais eram chamados pela Orientação Educacional e informados sobre o comportamento da filha.

---

<sup>72</sup> ROCHA-COUTINHO, p. 107-108.



Uma ex-diretora do turno da tarde afirma em seu depoimento que *"não era bem uma vigilância assim punitiva (...) era uma espécie de vigilância carinhosa, de preocupação pelas alunas"* (ALDA).

Segundo MOSCOVICI, as representações sociais "circulam, cruzam-se e se cristalizam incessantemente através de uma fala, um gesto, um encontro, em nosso universo cotidiano. A maioria das relações sociais estabelecidas, os objetos produzidos ou consumidos, as comunicações trocadas, delas estão impregnadas".<sup>73</sup>

A prática educativa, ao mesmo tempo em que era orientada pelas representações de gênero presentes naquele contexto, contribuía de diversas formas para legitimar e disseminar essas representações.

Uma ex-professora de trabalhos manuais lembra que, anteriormente, os programas dessa disciplina vinham prontos do Ministério da Educação. Estes programas previam trabalhos com madeira e metais e eram comuns a alunos e alunas.<sup>74</sup> Durante os anos 50, os professores de trabalhos manuais do Colégio começaram a montar programas diferenciados de acordo com o sexo dos alunos. *"Então nós ensinávamos tricô, ensinávamos crochê, ensinávamos a fazer roupinha de bebê, porque as moças precisavam aprender. (...) Daí nós montamos uns cursos e elas faziam"* (MARIA OLGA).

Essa professora ressalta que *"havia um pouco de desprezo pelo trabalho manual"*, mas que ele era necessário para as meninas.

O organograma da administração do Colégio Estadual do Paraná, elaborado em 1951, previa a existência de um Departamento de Artes e Ofícios com seções masculinas e femininas (Fig. 15). Segundo o organograma, as seções masculinas eram subdivididas em: mecânica, serralheria, metalurgia, marcenaria, carpintaria, aeromodelismo, aparelhos de ensino, rádio, eletrotécnica, tipografia e encadernação. E as seções femininas subdivididas em artes culinárias, prendas domésticas, costura,

---

<sup>73</sup> MOSCOVICI, p. 41.

<sup>74</sup> Portaria ministerial nº 14, 07 jan. 1946, In: **Ensino secundário no Brasil**, INEP, publicação nº 67, 1952.

bordados, tricô e crochê. Esse departamento não chegou a funcionar plenamente, mas com a organização das turmas de acordo com o sexo dos alunos os programas de trabalhos manuais passaram a ser organizados para atender às "necessidades" masculinas e femininas.

Segundo uma ex-diretora do turno da tarde,

*a educação artística das moças era naturalmente bordado, algumas noções de crochê, essas coisas... atividades manuais nesse sentido mais feminino. E os rapazes também tinham educação artística, mas era o que: serinha, essas coisas todas... Até normalmente era o professor que dava para os rapazes e a professora que dava para as meninas. Os programas eram diferentes, mas as disciplinas eram as mesmas (ALDA).*

No final da década alguns artigos do jornal do Centro Estudantil do Colégio revelam a preocupação com o problema da "juventude transviada", dos bandos de jovens "desmiolados e desocupados" que se caracterizavam pela "lambreta, garrafas de coca-cola, calças americanas e blusões da era James Dean".<sup>75</sup>

Escreve um estudante:

É a mocidade "bluejeanizada".

É a mocidade corrompida, devido ao desamparo completo dos seus responsáveis. É a mocidade abandonada, esquecida completamente pela família.<sup>76</sup>

O problema da "juventude transviada" e a disseminação do divórcio apontavam para o perigo de desagregação da família. Consoante com as representações sociais da mulher como responsável pela manutenção do casamento e da harmonia familiar, a preocupação de preparar as mulheres para assumir sua "missão" no lar torna-se presente também na instituição escolar.

---

<sup>75</sup> PINTO, Maria de Lourdes Moreira. Nós jovens e a presente época. O Colégio Estadual do Paraná. Curitiba, nº 87, out. 1958.

<sup>76</sup> TISSOT, Aroldo. Juventude "rock'n roll". O Colégio Estadual do Paraná. Curitiba, nº 81, mar. abr. 1957.

Para um ex-professor, que nos anos 50 coordenava o Departamento de Educação Física, o Colégio Estadual do Paraná naquela época preparava para entrar na universidade, mas apenas um número reduzido de alunos conseguia ingressar nos cursos superiores. Na opinião do referido professor, a mulher precisava de um tipo de formação além da preparação intelectual para entrar na universidade, precisava se preparar para o lar. Ela precisava se preparar, principalmente, para assumir suas funções no lar e depois para buscar uma atividade que pudesse talvez se tornar uma futura profissão, caso não fosse para a universidade. Dentro dessa concepção, foram introduzidos na prática do Colégio trabalhos com artes aplicadas e outras técnicas de recreação. Esses trabalhos originaram a Escolinha de Artes do Colégio.<sup>77</sup>

Explica uma ex-professora do turno feminino: *"Primeiro era trabalhos manuais e economia doméstica e depois passou para educação para o lar. [Na década de 60] Nós introduzimos culinária e depois também tinha a parte de artes industriais"* (ELOAH).

Lembrando o trote, que era aplicado nos calouros no Colégio Estadual, um ex-aluno conta que: *"se trouxesse a mãe no outro dia você apanhava, se contasse e a mãe viesse de novo você ia apanhar mais ainda. Então tinha que apanhar e ficar quieto. Daí você aprendia a ser hominho. Era por aí a coisa"* (SILVÉRIO). O aprender a "ser hominho", para meninos de 11, 12 anos, passava por saber apanhar sem chorar e "sem trazer a mãe" para defendê-lo. O ritual do trote, que incluía uma certa dose de agressividade, era praticado somente por alunos do sexo masculino.

Os meninos exercitavam o "ser homem" no Colégio também através da "paixão" que compartilhavam por algumas professoras.

*Tinha professora que a gente era apaixonado. Nossa Senhora! Tinha professora que a gente curtia uma paixão muito grande e isso era um comentário na hora do recreio! Tinha pessoas que escreviam cartas, sem nunca entregar para a professora. Não entregava! Lia pra nós, a gente fazia as cartas, depois a gente lia entre nós mesmos, mas a gente não entregava* (CARLOS).

---

<sup>77</sup> BAYER, Germano. *Entrevista*. Curitiba, 14 nov. 1995.

Alimentar essas "paixões" era representado como "naturalmente" masculino. Enquanto das mulheres era cobrado o recato e a discrição, dos homens era esperado que demonstrassem, desde a adolescência, o interesse pelo sexo oposto.

Segundo Guacira Lopes LOURO,

O processo de educação de homens e mulheres supõe uma construção social - e corporal - dos sujeitos. Implica na transmissão/aprendizagem de princípios, valores, conhecimentos, habilidades; supõe também a internalização de gestos, posturas, comportamentos, disposição "apropriados" a cada sexo.<sup>78</sup>

Através de práticas masculinizantes e feminizantes, o cotidiano escolar contribuía para introjetar nos alunos e nas alunas comportamentos, posturas e disposições condizentes com as representações sociais de gênero circulantes na época.

---

<sup>78</sup> LOURO, Guacira Lopes. "Uma leitura da história da educação sob a perspectiva do gênero" In: *Projeto História*, São Paulo, PUC, nº 11, nov. 1994, p. 41.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo sobre as práticas educativas do Colégio Estadual do Paraná buscou focar elementos presentes no ensino secundário público que possibilitam discutir a questão de gênero na educação escolar.

Criado com a função de preparar para o ingresso nos cursos superiores, o ensino secundário no Brasil permaneceu durante décadas como um "curso de preparatórios" procurado quase que exclusivamente por estudantes do sexo masculino pertencentes às camadas mais abastadas da população. Após 1930, quando adquiriram feições de curso seriado com frequência obrigatória, os cursos secundários expandiram-se no país. A partir dessa época, passaram a ser freqüentados também por estudantes de camadas médias, com um crescente aumento do número de mulheres matriculadas.

Durante os anos 50 continuou aumentando a escolarização feminina. Nesse período, era grande o número de mulheres que ingressava no mercado de trabalho e, principalmente para mulheres de camadas médias urbanas, os cursos secundários apareciam como possibilidade de acesso aos cursos de ensino superior e a uma futura profissionalização.

A igualdade no nível intelectual do ensino ministrado a alunos e alunas possibilitava a estudantes de ambos os sexos ingressar nos diversos ramos da vida profissional. Entretanto, as representações de gênero circulantes no imaginário da época evocavam diferentes funções sociais para homens e mulheres. Enquanto dos homens era esperado que investissem nos estudos e numa carreira, para futuramente exercerem o papel de provedor da família, das mulheres era esperado que ao lado, e talvez acima, da formação intelectual estivesse o ideal do casamento e da maternidade.

Homens e mulheres eram representados como naturalmente masculinos e femininos, com características e aspirações diferenciadas e determinadas pela diferença biológica de sexo.

O que se constata, nesse período, é que as transformações sociais, possibilitando novas opções de vida para as mulheres, passaram a apontar para alterações nas relações

de gênero. Essas mudanças, gradativamente, desencadearam um processo de reação, que levou a uma maior rigidez nos padrões comportamentais de gênero.

O ingresso crescente no mercado de trabalho, diagnosticavam alguns, estaria levando a mulher a abandonar "seu verdadeiro lugar", o lar, e a perder algumas características consideradas como inerentes à sua feminilidade. A disseminação do divórcio e da "juventude transviada", perigos que estariam ameaçando a família naquela época, reforçavam a necessidade de trazer a mulher de volta ao "seu lugar certo e sagrado". Era preciso prepará-la para exercer sua "missão" de esposa e mãe, ensiná-la a ter amor ao lar e às tarefas domésticas.

Paralelamente à criação das Escolas de Educação Familiar, a educação escolar participou desse processo de reação às mudanças nos hábitos e costumes tradicionais nas relações de gênero. Tornava-se necessário desenvolver nas mulheres as características femininas que algumas estavam perdendo.

É interessante observar que a perda das características consideradas como inerentes à feminilidade produzia a idéia de que as mulheres estavam se masculinizando. Esse dado aponta para a idéia de oposição masculino/feminino, marcante na época. Esta oposição vai ser explícita no vestuário, homens usavam calças e mulheres saias, e até no abotoado das roupas.

No final dos anos 50, a maioria dos estabelecimentos de ensino secundário no país separavam os alunos em turmas masculinas e femininas. Este procedimento legitimava as representações de gênero e contribuía para a construção dos gêneros, à medida em que possibilitava à instituição escolar impor normas e procedimentos "apropriados" para a educação do feminino e do masculino.

O estudo do Colégio Estadual do Paraná nos anos 50 mostra que, à medida em que um número crescente de mulheres ingressava no curso secundário, tendo acesso a um ensino de nível intelectual equivalente ao ensino ministrado aos alunos de sexo masculino, a instituição engendrava mecanismos que enfatizavam a diferenciação entre alunos e alunas.

Desse modo, a educação escolar legitimava e disseminava as representações sociais de gênero circulantes no imaginário da época.

A gradual separação dos alunos de acordo com o sexo possibilitou que a disciplina de economia doméstica, "recomendada" pela Lei Orgânica do Ensino Secundário em 1942 e que ficara esquecida por vários anos, passasse a ser ministrada para as turmas femininas. O aumento da vigilância e o rigor da disciplina no turno feminino, somados às palestras realizadas pela Orientação Educacional, contribuíam no sentido de introjetar nas alunas comportamentos, atitudes e disposições adequados à "natureza feminina". Era considerado feminino ser obediente, dócil e recatada, enquanto atitudes arrojadas e agressivas eram vistas como "naturalmente" masculinas.

Assim como o cotidiano escolar, através das aulas de educação física, onde os exercícios trabalhados com os alunos exigiam muito mais esforço físico dos que as aulas femininas, do trote dos calouros e de outras práticas masculinizantes, contribuía para a construção social e corporal dos alunos, consoante com as representações sociais de gênero da época, nos anos 50 o Colégio Estadual do Paraná constituía um espaço público considerado propício para jovens do sexo feminino. A rigidez da disciplina e a segregação em relação ao sexo masculino tomavam a instituição escolar um lugar protegido e bem aceito socialmente para a educação de alunas de camadas médias.

Porém, se em alguns aspectos a instituição escolar contribuía para a socialização tradicional de homens e mulheres, ao mesmo tempo, ela abria um leque de experiências sociais diversificadas para as alunas, que, como disse uma delas, "faz com que elas se sintam mais gente". A prática escolar possibilitava a participação em atividades culturais, sociais e esportivas, o acesso a novos universos de pensamento, assim como a preparação para o ingresso em cursos superiores e para uma futura profissionalização.

A educação escolar, participando da reação às transformações sociais que vinham lançando a mulher para fora do espaço doméstico, tentava reforçar os papéis



tradicionais de gênero, mas, simultaneamente, oferecia instrumentos que possibilitavam às alunas assumir novas funções, além daquelas tradicionalmente aceitas como femininas.

O que se observa é que, nesse processo de construção do gênero, homens e mulheres não se comportam como sujeitos passivos, que sofrem uma imposição externa. Eles participam desse processo contestando, aceitando, rejeitando ou adaptando as atribuições sociais de gênero de sua época.

De acordo com as representações de gênero presentes nos anos 50, era natural que as alunas, após o curso secundário ou até mesmo após o término do curso superior, assumissem sua "missão" de esposa e mãe, abrindo mão de qualquer compromisso profissional. Entretanto, muitas estudantes do Colégio Estadual do Paraná daquela época fizeram carreira como professoras, farmacêuticas, dentistas e advogadas, e nem todas desenvolveram a domesticidade esperada.

Joan SCOTT afirma que percepções generalizadas da relação pretensamente natural entre o masculino e o feminino encontram-se disseminadas em vários aspectos da vida social e, mesmo que freqüentemente a ênfase sobre o gênero não seja explícita, ele não deixa de ser uma dimensão decisiva na organização da igualdade e da desigualdade.<sup>1</sup>

As desigualdades entre homens e mulheres, presentes na sociedade contemporânea, vêm sendo construídas historicamente e decorrem de múltiplos fatores, não podendo ser creditadas exclusivamente à educação. Todavia, este estudo aponta que são inerentes à prática escolar uma série de possibilidades de transformação nas relações de gênero.

---

<sup>1</sup> SCOTT, Joan. "Gênero: uma categoria útil de análise histórica" In: **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v.16, n.2, jul./dez. 1990, p. 18.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

## Fontes:

- ALMEIDA, Eloah Guimarães. *Entrevista*. Curitiba, 21 nov. 1995.
- BARDDAL, Edgar Atos; BARDDAL, Eliete; GOFMAN, Guittel; LICHESKI, Helena de Castro e GRALIK, Roselis. *Entrevista*. Curitiba, 07 out. 1995.
- BAYER, Germano. *Entrevista*. Curitiba, 14 nov. 1995.
- GOMES, Eniltron Temporal. *Entrevista*. Curitiba, 01 dez. 1995.
- LOUREIRO, Sansão José. *Entrevista*. Curitiba, 03 out. 1995.
- MATTAR, Maria Olga. *Entrevista*. Curitiba, 22 nov. 1995.
- MÖELLER, Alda Aracy. *Entrevista*. Curitiba, 30 nov. 1995.
- NASCIMENTO, Therezinha Maria Ribeiro do e NASCIMENTO JR, José Ribeiro do. *Entrevista*. Curitiba, 26 set. 1995.
- PAUL, Halina. *Entrevista*. Curitiba, 04 out. 1995.
- RODRIGUES, Silvério. *Entrevista*. Curitiba, 28 set. 1995.
- SANTOS, Carlos Roberto Antunes dos. *Entrevista*. Curitiba, 29 nov. 1995.
- VIEIRA, Muriel Mourão. *Entrevista*. Curitiba, 12 dez. 1995.
- WESTPHALEN, Cecília Maria. *Entrevista*. Curitiba, 05 out. 1995.
- WOISKI, Albano. *Entrevista*. Curitiba, 12 dez. 1995.
- GAZETA DO POVO. Curitiba, mar. 1950.
- O COLÉGIO ESTADUAL DO PARANÁ. Curitiba, 1951-1959.
- O DIA. Curitiba, mar. 1950.
- O ESTADO DO PARANÁ. Curitiba, 1951-1960.
- BRASIL. *Lei Orgânica do Ensino Secundário*. Decreto-lei nº 4.244, 09 abr. 1942.
- BRASIL. *Portaria* nº 501 do Ministério da Educação e Cultura. 19 mai. 1952.
- COLÉGIO ESTADUAL DO PARANÁ. *CECEP: gestões 1955-1958* (originais sob a guarda do Museu Guido Straube).
- COLÉGIO ESTADUAL DO PARANÁ. *Regimento Interno* aprovado pela Congregação em 16 de junho de 1953 (originais sob guarda do Arquivo Público - Paraná).
- COLÉGIO ESTADUAL DO PARANÁ. *Relatório dos Serviços de Inspeção para fins de equiparação do 2º ciclo* apresentado ao Diretor da Divisão de Ensino Secundário do MEC em 1953 (originais sob a guarda do Arquivo Público - Paraná).

COLÉGIO ESTADUAL DO PARANÁ. **Relatórios** apresentados à Divisão de Ensino Secundário do Ministério da Educação e Cultura pela Inspeção Federal de Ensino. 1956 e 1959 (Arquivo do Colégio Estadual do Paraná).

PARANÁ. **Boletim** da Secretaria de Educação e Cultura. ano III, n.12, mai. dez. 1953.

PARANÁ. **Mensagem** apresentada pelo Senhor Moysés Lupion, Governador do Estado, à Assembléia Legislativa em 1950 (originais sob a guarda do Arquivo Público - Paraná).

PARANÁ. **Regulamento da Instrução Pública**. 1901 (originais sob a guarda do Arquivo Público - Paraná).

PARANÁ. **Regimento Interno do Ginásio Paranaense e Escola Normal**. Decreto nº 256, 4 jul. 1904 (originais sob a guarda do Arquivo Público - Paraná).

PARANÁ. **Relatório** do Presidente da Província Zacarias de Góes e Vasconcellos apresentado na Abertura da Assembléia Legislativa Provincial em 15 de julho de 1854 (originais sob a guarda do Arquivo Público - Paraná).

PARANÁ. **Relatório** apresentado pelo Inspetor Geral da Instrução Pública Bento Fernandes de Barros ao Presidente da Província em 1871 (originais sob a guarda do Arquivo Público - Paraná).

PARANÁ. **Relatório** apresentado pelo Presidente da Província Adolpho Lamenha Lins à Assembléia Legislativa em 15 de fevereiro de 1876 (originais sob a guarda do Arquivo Público - Paraná).

PARANÁ. **Relatório** apresentado pelo Presidente da Província do Paraná José Cesário de Miranda Ribeiro em 9 de fevereiro de 1888 (originais sob a guarda do Arquivo Público - Paraná).

PARANÁ. **Relatório** apresentado pelo Superintendente Geral do Ensino Público do Estado Victor Ferreira do Amaral e Silva ao Secretário do Interior, Justiça e Instrução Pública em 1 de novembro de 1893 (originais sob a guarda do Arquivo Público - Paraná).

PARANÁ. **Relatório** apresentado pelo Secretário dos Negócios do Interior, Justiça e Instrução Pública Caetano Alberto Munhoz ao Governador do Estado em 31 de agosto de 1895 (originais sob a guarda do Arquivo Público - Paraná).

PARANÁ. **Relatório** apresentado pelo Diretor Geral de Instrução Pública do Estado Victor Ferreira do Amaral e Silva ao Secretário do Interior, Justiça e Instrução Pública em 31 de dezembro de 1903 (originais sob a guarda do Arquivo Público - Paraná).

PARANÁ. **Relatório** pelo Secretário d'Estado dos Negócios do Interior, Justiça e Instrução Pública apresentado ao Presidente do Estado em 2 de janeiro de 1912 (originais sob a guarda do Arquivo Público - Paraná).

PARANÁ. **Relatório** apresentado pelo Diretor Geral de Instrução Pública do Estado Francisco de Azevedo Macedo ao Secretário do Interior, Justiça e Instrução Pública em 11 de fevereiro de 1914 (originais sob a guarda do Arquivo Público - Paraná).

PARANÁ. *Relatório apresentado pelo diretor do Ginásio Paranaense Sebastião Paraná ao Secretário do Interior, Justiça e Instrução Pública em 1917* (originais sob a guarda do Arquivo Público - Paraná).

PARANÁ. *Relatório apresentado pelo Secretário d'Estado dos Negócios do Interior, Justiça e Instrução Pública Enéas Marques do Santos ao Presidente do Estado em 31 de dezembro de 1917* (originais sob a guarda do Arquivo Público - Paraná).

PARANÁ. *Relatório da Secretaria de Educação e Cultura, 1952* (Biblioteca Pública do Paraná - Seção Paranaense)

SÃO PAULO. *Coleção de Leis promulgadas pela Assembléia Legislativa da Província de São Paulo desde 1835 até 1853*. Tipografia d'Aurora Paulistana.

BISCAIA, Evaristo. *Coisas da cidade*. Curitiba, Papelaria Requião, 1951.

BRAGA, Rubem e d'HORTA, Arnaldo Pedroso. *Dois repórteres no Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1953.

LINHARES, Temístocles. *Paraná vivo: um retrato sem retoques*. Rio de Janeiro, Livraria José Olímpio, 1953.

MATTAR, Maria Olga. *O preconceito e sua força desagregadora na vida social*. Curitiba: Gráfica & Editora A Imprensa, 1954 (tese de livre docência).

NEGRÃO, Francisco. "Memória sobre o ensino e a educação no Paraná de 1690 a 1933" In: *Cincoentenário da Estrada de Ferro do Paraná*. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1935.

PILOTTO, Erasmo. *A educação no Paraná*. Rio de Janeiro: MEC, 1954.

PILOTTO, Osvaldo. *Palavras do paraninfo*. Curitiba: Gráfica Mundial, 1948.

RATACHESKI, Alir. *Cem anos de ensino no Estado do Paraná*. Curitiba, Biblioteca Pública do Paraná, Sessão Paranaense, 1953 (manuscrito).

VERÍSSIMO, José. "A educação da mulher brasileira" In: *A educação nacional*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

WESTPHALEN, Cecília Maria. *Pequena história do Paraná*. São Paulo: Melhoramentos, 1953.

*Ilustração Brasileira*. Edição Comemorativa do Centenário do Paraná, Rio de Janeiro, Ano XLIV, nº 224, dez. 1953.

## Bibliografia:

- ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1991.
- BACZKO, Bronislaw. "Imaginação Social" In: *Enciclopédia Enaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.
- BARROSO, Carmem. *Mulher, sociedade e Estado no Brasil*. São Paulo: Brasiliense/UNICEF, 1982.
- BELLOTI, Elena G. *Educar para a submissão*. Petrópolis: Vozes, 1979.
- BICALHO, Maria Fernanda Baptista. "O Bello Sexo: imprensa e identidade feminina no Rio de Janeiro em fins do século XIX e início do século XX" In: COSTA, A. e BRUSCHINI, C. (org.). *Rebeldia e submissão: estudos sobre condição feminina*. São Paulo: Vértice, 1989.
- BOM MEIHY, José Carlos Sebe. "Definindo História Oral e Memória" In: *Cadernos*. São Paulo: CERU, n. 5, série 2, 1994.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: EdUSP, 1987.
- BOURDIEU, Pierre. "A dominação masculina" In: *Educação e Realidade*. Porto Alegre: UFRGS, v. 20, n. 2, jul./dez. 1995.
- BRESCIANI, Maria Stella. "O Anjo da Casa" In: *História & Perspectivas*. Uberlândia, n. 7, jul./dez. 1992.
- BURKE, Peter. "Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro" In: BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. "Interpretações de primeira e segunda mão" In: *A política dos outros: o cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- CALDEIRA, Tereza. "Memória e relato: a escuta do outro" In: *Revista do Arquivo Municipal*. São Paulo: Departamento de Patrimônio Histórico, v. 200, 1991.
- CAPALBO, Creusa. "Fundamentos filosóficos do imaginário" In: Teves, Nilda. *Imaginário e educação*. Rio de Janeiro: Gryphus, 1992.
- CARDOSO, Miriam Limoeiro Cardoso. *Ideologia do desenvolvimento: Brasil JK-JQ*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- COSTA, A. e BRUSCHINI, C. "Uma contribuição ímpar: os Cadernos de Pesquisa e a consolidação dos estudos de gênero" In: *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, n. 80, fev. 1992.
- COSTA, A. e BRUSCHINI, C. *Uma Questão de Gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.
- DEBERT, Guila. "Problemas relativos à utilização da história de vida e história oral" In: CARDOSO, Ruth (org.) *A aventura antropológica: teoria e pesquisa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

- DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. "Relatos orais : a participação dos sujeitos na pesquisa" In: *Cadernos*. São Paulo: CERU, n. 5, série 2, 1994.
- DONZELOT, Jacques. *A polícia das famílias*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- DURKHEIM, Emile. "Formas elementares da vida religiosa" In: *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1984.
- ESTEVES, Martha de Abreu. *Meninas perdidas: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- FERNANDES, Florestan. *Educação e sociedade no Brasil*. São Paulo: EdUSP, 1966.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. *História oral no Brasil: um balanço*. versão preliminar do trabalho apresentado no XIII Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu, 1994.
- FREITAG, Bárbara. *Escola, Estado e sociedade*. São Paulo: EDART, 1978.
- FRIEDAN, Betty. *Mística feminina*. Petrópolis: Vozes, 1971.
- GHIRALDELLI JR, Paulo. *História da educação*. São Paulo: Cortez, 1991.
- HAHNER, June E. "Educação e Ideologia: profissionais liberais na América latina do século XIX" In: *Revista Estudos Feministas*. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1994.
- HAIDAR, Maria de Lourdes. "O ensino secundário feminino" In: *O Ensino Secundário no Império Brasileiro*. São Paulo: EDUSP; Grijalbo, 1972.
- HUNT, Lynn, (org.) *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- IPARDES - Fundação Édisson Vieira. *O Paraná reinventado: política e governo*. Curitiba, 1989.
- JODELET, Denise. "Représentation sociale: phénomènes, concept et théorie. In: Moscovici, Serge (org.) *Psychologie sociale*. Paris: P.U.F., 1990.
- KUBO, Elvira Mari. *A legislação e a instrução pública de primeiras letras na 5ª Comarca da Província de São Paulo*. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte, 1986.
- KUNHAVALIK, José Pedro. *Bento Munhoz da Rocha Neto: trajetória social e política, e sua gestão no governo do Paraná*. Curitiba: UFPR, 1995 (trabalho de conclusão do Curso de Ciências Sociais).
- LE GOFF, Jacques. "Documento/Monumento" In: *História e memória*. Campinas: UNICAMP.
- LE GOFF, Jacques. *A história nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- LEITE, Miriam L. Moreira. "Fontes Históricas e Estilo Acadêmico" In: *Revista Estudos Feministas*. Rio de Janeiro, n. 1, vol. 1, 1993.
- LOPES, Eliane Marta Teixeira. "Histoire des Femmes: uma revisão bibliográfica" In: *Educação e Realidade*. Porto Alegre, 16(2), jul./dez. 1990.

- LOPES, Eliane Marta Teixeira. "Pensar categorias em história da educação e gênero" In: *Projeto História*. São Paulo, n. 11, nov. 1994.
- LOURO, Guacira Lopes. *Prendas e antiprendas: uma escola de mulheres*. Porto Alegre: UFRGS, 1987.
- LOURO, Guacira Lopes. "A História (Oral) da Educação: algumas reflexões" In: *Em Aberto*. Brasília: INEP/MEC, ano IX, n. 47, jul./set. 1990.
- LOURO, Guacira Lopes. "Uma leitura da História da Educação sob a perspectiva do gênero" In: *Projeto História*. São Paulo, n. 11, nov. 1994.
- MARTINS, Ana Paula Vosne. *Um lar em terra estranha: a aventura da individualização feminina. A casa da estudante universitária de Curitiba nas décadas de 50 e 60*. Curitiba: UFPR, 1992 (dissertação de mestrado).
- MAYER, Françoise. "A educação das raparigas: o modelo laico" In: *História das mulheres no ocidente vol. 4: O Século XIX*. Porto: Afrontamento, 1994.
- MONTENEGRO, Antonio Torres. *História oral e memória: a cultura popular revisitada*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1994.
- MOSCOVICI, Serge. *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- NAGLE, Jorge. "A educação na primeira república" In: *História geral da civilização brasileira*, tomo III, volume 2, Rio de Janeiro: DIFEL, 1977.
- NORA, Pierre. "Entre memória e história, a problemática dos lugares" In: *Projeto História*. São Paulo, n. 10, dez. 1993.
- NUNES, Maria Tethis. *Ensino secundário e sociedade brasileira*. 1962 (cópia mimeografada do livro).
- PEDRO, Joana Maria. "Relações de Gênero na Pesquisa Histórica" In: *Revista Catarinense de História*. Florianópolis, n. 2, 1994.
- PERES, Tírsia Regazzini. "A instrução secundária feminina no Brasil: 1889-1930" In: *Didática*. São Paulo, v.15, 1979.
- PERROT, Michelle e FRAISSE, Geneviève. *História das mulheres no ocidente*, vol. 4: O Século XIX, Porto: Afrontamento, 1994.
- PERROT, Michelle. "As mulheres, o poder e a história" In: *Os excluídos da história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- PERROT, Michelle. "Práticas da Memória Feminina" In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v.9, n. 18, ago./set. 1989.
- PESSANHA, Elina e ALVIM, Maria Rosilene. *Usos "legítimos" e "ilegítimos" de fontes orais: as ligações perigosas entre a antropologia e a história*. versão preliminar do trabalho apresentado na reunião da ANPOCS, Caxambu, 1994.
- PRADO, Danda. *Ser esposa: a mais antiga profissão*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1979.



- PRADO, Rosane Manhães. Um ideal de mulher: estudo dos romances de M.Delly in *Perspectivas antropológicas da mulher*. Rio de Janeiro: Zahar, vol.2, 1981.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. "Relatos Orais: do 'indizível' ao 'dizível'" In: *Clência e Cultura*. 39(3), mar. 1987.
- RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- RAGO, Margareth. *O gênero e a crise do sujeito*. versão preliminar do trabalho apresentado no XVIII Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu, 1994.
- RAGO, Margareth. "Relações de gênero e classe operária no Brasil: 1890-1930" In: *Cademo Espaço Feminino*, Uberlândia, n.1, jan./jun. 1994.
- REIS, Maria Cândida Delgado. *Tessitura de destinos: mulher e educação*, São Paulo: EDUC, 1993.
- REIS, Maria Cândida Delgado (org.). *Caetano de Campos: fragmentos da história da instrução pública em São Paulo*. São Paulo, 1994.
- REVISTA ESTUDOS FEMINISTAS. Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ; PPCIS/UERJ, 1993, 1994, 1995.
- RIBEIRO, Maria Luíza S. *História da educação brasileira: a organização escolar*. São Paulo: Cortez, 1978.
- ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. *Tecendo por trás do panos: a mulher brasileira nas relações familiares*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. *História da educação no Brasil (1930/1973)*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- ROSALDO, Michele Z. "A mulher, a cultura e a sociedade: uma revisão teórica", in Rosaldo, M.Z. & Lamphere, L. *A mulher, a cultura e a sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- ROSEMBERG, Fúlvia e AMADO, Tina. "Mulheres na escola" In: *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, n. 80, fev. 1992.
- ROSEMBERG, Fúlvia. "Educação Formal e Mulher: um balanço parcial da bibliografia" In: COSTA, A. e BRUSCHINI, C. *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.
- ROSEMBERG, Fúlvia. "Educação e Gênero no Brasil" In: *Projeto História*. São Paulo, n. 11, nov. 1994.
- SÁ, Celso Pereira de. "Representações Sociais: o conceito e o estado atual da teoria" In: SPINK, Mary Jane (org.). *O conhecimento no cotidiano*. São Paulo, Brasiliense, 1993.
- SAFFIOTI, Heleieth I. B. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. São Paulo: Livraria Quatro Artes, 1969.
- SANTOS, Antonio Cesar de Almeida. *Memórias e cidade: depoimentos e transformação urbana de Curitiba (1930-1990)*. Curitiba: UFPR, 1995 (dissertação de mestrado).
- SCOTT, Joan. "Gênero: uma categoria útil de análise histórica" In: *Educação e Realidade*. Porto Alegre, v.16, n.2, jul./dez. 1990.

- SCOTT, Joan. "História das Mulheres" In: BURKE, Peter. *A escrita da história*. São Paulo: UNESP, 1992.
- SILVA, Alice Inês de Oliveira e. "Abelhinhas numa diligente colméia: domesticidade e imaginário feminino na década de cinquenta" In: COSTA, A. e BRUSCHINI, C. (org.). *Rebeldia e submissão: estudos sobre condição feminina*, São Paulo: Vértice, 1989.
- SILVA, Geraldo Bastos. *A educação secundária: perspectiva histórica e teoria*. São Paulo: Editora Nacional, 1969.
- SILVA, Tadeu Tomaz da. *O que produz e o que reproduz em educação: ensaios de sociologia da educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- SORJ, Bila. "O Feminismo na Encruzilhada da Modernidade e da Pós-modernidade" In: COSTA, A. e BRUSCHINI, C. *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.
- SPINK, Mary Jane (org.). *O conhecimento no cotidiano*. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- STRAUBE, Emani Costa. *O prédio do Gymnásio: 1903-1990*. Curitiba: SEEC, 1990.
- STRAUBE, Emani Costa. *Do Liceo de Curitiba ao Colégio Estadual do Paraná: 1846-1993*. Curitiba: Fundepar, 1993.
- TEIXEIRA, Anísio Spínola. *A educação no Brasil*. São Paulo: Editora Nacional, 1969.
- THÉBAUD, Françoise. *História das mulheres no ocidente vol. 5: O Século XX*. Porto: Afrontamento, 1995.
- TOLEDO, Regina A. et alli. *A dominação da mulher: os papéis sexuais na educação*. Petrópolis: Vozes, 1981.
- TRIGO, Maria Helena Bueno. "A mulher universitária: códigos de sociabilidade e relações de gênero" In: BRUSCHINI, Cristina e SORJ, Bila. *Novos olhares: mulheres e relações de gênero no Brasil*. São Paulo: Marco Zero, Fundação Carlos Chagas, 1994.
- TRINDADE, Etelvina M. C. *Clotildes ou Marias: mulheres de Curitiba na primeira república*. São Paulo: USP, 1992 (tese de doutorado).
- WACHOWICZ, Lilian Anna. *A relação professor-Estado no Paraná tradicional*. São Paulo: Cortez, 1984.
- ZUCOLO, Rosana Cabral. "A educação das mulheres em regime de internato: Colégio Santana e Centenário - Santa Maria - RS - 1930/1960" In: *Educação*. Santa Maria, v.18, n. 2, 1992.